

Em muitas lavouras o trigo virou adubo

TRIGO

O SUSTO DA GEADA

Depois do desestímulo do plantio, o trigo passa por um grande susto ainda sem prejuízos exatamente calculados.

A geada que sapecou a lavoura no início de agosto foi a mais intensa dos últimos quarenta anos. Aveia e outras culturas de inverno também sofreram sérios desgastes

— 4

PROAGRO

As mudanças que o produtor precisa saber

Governo estende sistema de seguro rural até a lavoura financiada com recursos próprios e estabelece novas exigências aos produtores

— 6



economia & meio ambiente

COTRIJORNAL, 148 AGOSTO/91



VIRADA REGIONAL

Cotrijuí propõe mudança no perfil econômico regional

Caderno especial

IRFA

Economia para a soja

Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa em conjunto com o Instituto de Pesquisa e Tecnologia de São Paulo prepara o lançamento do Rizóbio, bactéria inoculante que trará maior economia para a cultura da soja

— 7

COOPERATIVA REGIONAL TRÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS
Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450 - Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional

Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.

Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre-RS - CEP 90030 - Fone (0512) 28.00.23

- Cotridata - Processamento de Dados Ltda.

Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí-RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.

Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí-RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

- IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda.

Bairro Lami - POA

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente

Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira

Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Dom Pedrito

Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitenbach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, José Dallsio Marchese e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Lôw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição, Ari Göergen e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Otaliz de Vargas Montardo, Amário Becker e Ingbert Döwich.

Suplentes

Elbio Gorostide Galarza, Rudi Bönmann e José Ataídes Conceição.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira. 26

Dom Pedrito. 3

Total. 29

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	585.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total.....	896.800 t

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre; e Lucilene Zafalon, Rio Grande

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

AO LEITOR

O Proagro está chegando a lavoura do produtor que planta com recursos próprios. Essa é a boa notícia para quem, até agora, vinha colocando em risco todo o dinheiro investido na formação de uma lavoura e que, por falta de cobertura do seguro, ficava sempre sujeita aos humores das condições climáticas da região. Mas esta não é a única novidade introduzida no sistema de seguro rural. As taxas de adicional estão mudando, tanto em valores como na sua forma de aplicação, passando a incidir sobre o valor financiado ou sobre o VBC integral apenas numa única vez. Maior atenção, no entanto, o produtor deve dispensar às novas exigências e pontos limitantes do Programa. A matéria pode ser conferida na página 6.

Depois de alguns meses de discussão interna, a Cotrijui levou a campo dois grandes programas, um sobre o uso racional do solo e outro sobre a verticalização da produção diversificada. Nesta etapa, que consumiu dezenas de reuniões, a Cotrijui detalhou as razões que levaram a elaboração dos programas, principalmente no que diz respeito às condições em que se encontra a agropecuária da região, enfocando repetida-

mente os resultados provenientes de um longo período de monocultivo. Junto a esta justificativa também destacou os avanços obtidos por um trabalho de estruturação do sistema de diversificação iniciado ainda no início dos anos setenta, e que hoje é responsável pelo suporte de outras iniciativas administradas pela cooperativa, principalmente no que se refere à agroindustrialização. Mover a estagnação produzida pelo monocultivo e que se reflete no empobrecimento do solo, médias de produtividade muito baixas, descapitalização do agricultor é, portanto, a grande meta dos programas, que visam ao mesmo tempo potencializar toda a experiência adquirida pela diversificação, fazendo com que esta seja planejada de forma racional. Tudo isso no entanto, depende das novas posturas, de recurso e da aplicação das tecnologias disponíveis tanto do produtor como dos setores públicos que administram a região onde produzem e das entidades, econômicas e sociais que trabalham e dependem da agricultura. Todos os detalhes sobre os programas elaborados pela Cotrijui e lançados à região estão em Caderno especial desta edição, onde também são destacadas as opiniões de entidades e órgãos que participaram dos primeiros debates sobre a mudança do perfil econômico regional.

DO LEITOR

O que é o Mercosul? (I)

Manoel Luzardo de Almeida

Em nosso entendimento, cabe formular a pergunta. Primeiro, levando em consideração que o instrumento constitutivo do Mercado Comum do Sul é muito recente, resultou do Tratado de Assunção, assinado em 26.03.1991, do qual participam (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai).

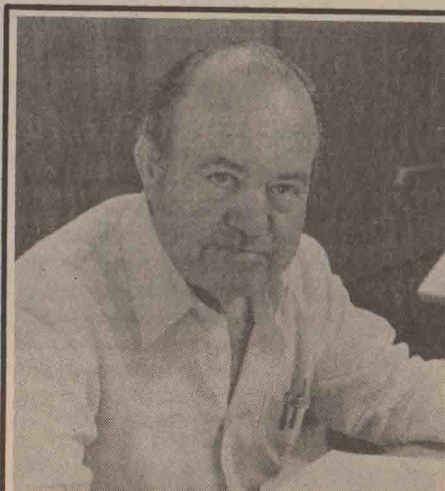
Em segundo lugar, porque se trata de um Acordo entre quatro países, para a formação de um Mercado Comum Regional, do qual os nossos agricultores não têm os conhecimentos indispensáveis para dele se beneficiarem. A minha experiência nos temas da Integração Econômica começou, a rigor, em 1959, quando passamos a integrar a Delegação Brasileira, para os debates preliminares com os Representantes de mais seis (6) países, do que resultou, o Primeiro Tratado de Montevideu, firmado em 18.02.1960, institucionalizando a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (Alalc). Nessa condição, e, também Delegado Brasileiro, participante do segundo Tratado de Montevideu, do que resultou a Aladi (Associação Latino-Americana de Integração), em 12.08.1980, julguei oportuno trazer ao debate uma matéria de reconhecida complexidade.

Da integração econômica na América do Sul

Não cabe a menor dúvida de que a saída para ampliação do comércio do Brasil e demais parceiros, atualmente 11 (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela), enfrenta problemas de diversas ordens.

A idéia inicial de que a redução das barreiras tarifárias ou gravames de efeitos equivalentes — caso da Alalc — seria um instrumento para criar uma Zona de Livre Comércio, no prazo de 12 anos, resultou, porque não dizer, em fracasso.

Os problemas surgidos foram os mais diversos, a começar pela diversidade do tamanho dos mercados desses países, alguns comercializando com a Zona em mais de 20 por cento, outros de 1 por cento a 3 por cento. Mais ainda, as diferenças do nível das tarifas adua-



"A idéia inicial de que a redução das barreiras tarifárias, seria um instrumento para criar uma Zona de Livre Comércio, resultou, porque não dizer, em fracasso"

neiras, em alguns países muito altas, para proteger a indústria nacional, outros com alíquotas baixas, inclusive para atrair investimentos externos e com volume de exportações mais voltados para o Primeiro Mundo, negociando com moedas fortes (dólar americano, marco, libra, etc.).

Todo um universo de dificuldades para superar, a curto prazo, foi gerando obstáculos cada vez maiores, e quando já na entrada da década de 70 esse primeiro passo rumo a integração praticamente estava já comprometido.

São tantos os fatores que teríamos de analisar, que preferimos enfatizar os mais conhecidos: desconhecimento dos próprios objetivos da integração econômica, quer de parte dos próprios empresários, no início da Alalc; quer por dificuldades de entrosamento entre as decisões de política governamental e a dos segmentos econômicos que são os próprios agentes do comércio; quer pela total ausência do apoio político dos Parlamentos Latino Americanos, em sua grande maioria ausentes do processo.

Da necessidade de preservar os Produtos Agropecuários

Conviria chamar a atenção para que os nossos produtores saibam que, no primeiro Tratado de Integração (Alalc), houve a preocupação de se incluir um capítulo, com 5 artigos, os de números 27, 28, 29, 30 e 31, com o

objetivo de que o setor mais vulnerável, em todo o processo de integração, fosse resguardado.

Dessa forma, previa-se que a coordenação de políticas de desenvolvimento agrícola e de intercâmbio de produtos agropecuários, fosse de tal forma conduzida para inclusive não desarticular as produções habituais de cada País.

Essa matéria, no caso da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) é da maior relevância, e, no entanto, foi totalmente desconsiderada quando, em 1986, na assinatura dos primeiros doze (12) protocolos, entre os Presidentes Sarney e Alfonsín, as produções habituais foram negociadas entre dois parceiros da integração (Brasil e Argentina), com situações reconhecidamente desiguais para os efeitos de um comércio bilateral, na agropecuária.

Esse é um tema muito sério, e que levou — por desconhecimento da realidade regional brasileira — a pleitos dos setores da produção agropecuária a solicitar a retirada de 38 posições na tarifa da Nabalalc, decorrente da assinatura do Protocolo nº 22, relativo à Indústria Alimentícia.

Não estamos trazendo nenhuma novidade, uma vez que as experiências conhecidas no mundo no que se relaciona com o processo de integração econômica, o setor mais vulnerável — por uma série de razões — é sempre o da produção agropecuária.

Um exemplo mais debatido é o do Mercado Comum Europeu, criado pelo Tratado de Roma, em 1957, e que tem uma Política Agrícola Comum para o mercado de 12 Parceiros, com as mais ferrenhas dificuldades no campo da harmonização de políticas.

Quisemos alongar um pouco, porque o tema merece. E não entraríamos na análise do Mercosul, sem, antes, fixar um pano de fundo, por tratar-se — voltamos a insistir — de tema de grande complexidade e que não se soluciona a curto prazo.

Em nosso próximo comentário sobre o mesmo assunto, iremos nos deter no Mercosul.

Manoel Luzardo de Almeida é assessor econômico da Farsul.

COTRIJUI

Cobertura para o troca-troca

Os representantes eleitos da Cotrijui, reunidos em assembléia geral extraordinária presidida pelo vice-presidente Euclides Casagrande e realizada no dia 12 de agosto, aprovaram por unanimidade a chamada extra de capital e a contratação de empréstimo junto ao Banco do Brasil, no valor de Cr\$ 1,5 bilhão para cobrir giro negativo provocado pelo sistema troca-troca adotado pelas cooperativas na última safra de verão. Com a frustração, em função da estiagem, a cooperativa ficou com recursos a descoberto. Cumprida a etapa da realização da assembléia, a Cotrijui começa, a partir de agora, a se habilitar para receber financiamento de cotas-partes



Assembléia
Aprovação para contrato de empréstimo

estabelecido pelo governo para as cooperativas da Região Sul, que na última safra de verão adotaram o sistema troca-troca, no montante de Cr\$ 25 bilhões.

A Cotrijui só poderá financiar a quantia de Cr\$ 1,5 bilhão se os seus associados subscreverem capital social até um montante de Cr\$ 2 bilhões, a serem integralizados em até três anos. Essa subscrição deverá acontecer através de Notas de Crédito Rural - as

NCRs - . A integralização desse capital será mediante retenção de no mínimo dois por cento sobre a produção agropecuária comercializada pela cooperativa nos últimos anos.

A Cotrijui só poderá encaminhar o pedido de financiamento depois que os associados tiverem assinado as Notas de Crédito Rural, procedimento este que estará sendo feito em qualquer uma de suas Unidades armazenadoras de produtos.

Creditepo em novo endereço



Pery de Quadros Marzullo, ladeado por Mario Paludo e Lúcio Motta
Pronunciamento em nome da Cocecrer

A Cooperativa de Crédito Rural de Tenente Portela - a Creditepo - também está de endereço novo. Desde o dia 22 de julho, quando inaugurou a sua nova sede, passou a atender o seu quadro social à rua Tapuias, 46. Desde que foi criada, a Creditepo vinha operando junto às dependências da Cotrijui, unidade local. A inauguração da nova casa contou com a presença de um grande número de pessoas, entre autoridades, produtores e lideranças locais.

Entre as presenças registradas no ato de inauguração da nova sede, a do diretor de crédito rural da Cooperativa Central de Crédito - Cocecrer/RS -, Pery de Quadros Marzullo; do chefe do Defom, Pedro Irio Fagundes; do prefeito municipal Lúcio A. Motta; do gerente do Banco do Brasil, Luiz Carlos Zago; do representante da direção da Cotrijui, Valmir Beck da Rosa; do gerente da Unidade local da Cotrijui, João Carlos Frantz e do presidente da Associação Comercial, Milton Pereira.

Representantes escolhem coordenador

Jovani Dellaflora, associado da Cotrijui pela unidade de Ajuricaba, foi eleito coordenador do Conselho de Representantes da Cotrijui, em reunião realizada no dia 8 de agosto, em Santo Augusto. Jovani vai trabalhar assessorado por Osvino Bartsch, de Santo Augusto, eleito para a vice-coordenadoria. Para o cargo de secretário geral foi eleito o associado Oldeimar Schneider, de Augusto Pestana. Os associados Adão Ciotti, de Santo Augusto e Valdir R. Sarturi, de Jóia, foram eleitos para os cargos de suplentes.

No mês de julho já haviam sido escolhidos os novos coordenadores de representantes das Unidades. Para a unidade de Chiapetta foram eleitos, como coordenador e vice-coordenador, os associados Enori Fritzen e Dari Schumacher; para Tenente Portela, Nelson Coldebella e Olídio Lorenzi, como coordenador e vice, respectivamente. Na unidade de Augusto Pestana, está assumindo a coordenação



Jovani Dellaflora

dos representantes o associado Oldeimar Schneider, assessorado pelo vice Wilson Romeo Beck. Os representantes da unidade de Ijuí escolheram Léo Foletto, como coordenador e Selvino Góti, como vice-coordenador, enquanto os representantes de Jóia elegeram José Gabriel Machado como coordenador e Oracídio dos Reis, como vice-coordenador. Os representantes da unidade de Santo Augusto escolheram Osvino Bartsch para coordená-los em seus trabalhos, assessorado pelo vice Adão Ciotti. Para coordenar os representantes de Coronel Bicaco foram eleitos os associados Osmildo Pedro Bielecki como titular e Elbio Martins de Moura, como vice, enquanto os representantes de Ajuricaba escolheram Jovani Dellaflora e Alacir A. Schreck, como coordenador e vice-coordenador. A próxima reunião do Conselho de Representantes ficou marcada para o dia 8 de outubro, em Coronel Bicaco. Na pauta da reunião, Cone Sul: as vantagens e desvantagens, entre outros assuntos.

AUGUSTO PESTANA

Assistência técnica integrada

Desde o final de julho a Secretaria de Agricultura e Inspeção Veterinária de Augusto Pestana está funcionando junto a Cotrijui, através de um atendimento coordenado pelo veterinário Hilton de Lima Guerreiro. A aglutinação de um trabalho quase sempre voltado ao mesmo público está ainda mais facilitado com a instalação da Cotrijui, de uma agência da Emater, inaugurada no município no dia 20 de julho e que tem como responsável o veterinário Luiz Barbosa do Amarante, além de Neuza Ciekowski e Enio Tadeu Borda. "Vamos centralizar o

serviço, facilitando cumprimento de alguns trabalhos prioritários", dizem os técnicos satisfeitos com a possibilidade de integração das três entidades, num momento em que o próprio atendimento personificado ficou para trás e a assistência técnica passa a ser feita por um grupo de produtores. Dessa forma, devem ganhar mais força a organização de apsats, as feiras municipais e campanhas comunitárias como a de Melhoria da Água que envolve ainda a Secretaria da Saúde, além da ampliação da produção de hortigranjeiros.

SOLOS - Trinta e três milhões de dólares é o volume de recursos que será financiado pelo Banco Mundial para execução da primeira etapa do Programa de Recuperação, Conservação e Manejo dos Recursos Naturais em Microbacias Hidrográficas, a ser implantado pelo governo de Santa Catarina. Como contrapartida o Estado entrará com 38,6 milhões de dólares, totalizando um volume de 71,6 milhões de dólares que deverá atender 520 microbacias, onde vivem cerca de 80 mil agricultores. O dinheiro do Bird começa a ser injetado em setembro e servirá para um incremento anual das safras agrícolas, calculado em 41 milhões de dólares.

PLANEJAMENTO

COOPERATIVISTA - Falta de integração, ausência de educação cooperativista, o mínimo de planejamento estratégico, indefinição organizacional, falta de aprovação da nova Lei Cooperativista, entre outros pontos fazem parte do rol de problemas levantados durante o I Seminário de Planejamento Estratégico do Cooperativismo Gaúcho, promovido pela Ocergs de 14 a 16 de agosto em Caxias do Sul, no Hotel Samuara. Como conclusão do debate, os painelistas do encontro apontaram a possível solução desses problemas através de inúmeras medidas a serem tomadas pelo sistema como: 1) elaboração de cronogramas de reuniões entre a própria Ocergs, federações e centrais; b) Planejamento e implementação da aglutinação institucional das entidades representativas; c) Criar um banco de dados para divulgação dos produtos e serviços prestados pelas cooperativas. Reedição da feira do cooperativismo em caráter permanente; d) Motivar as singulares para a formação de blocos de estudo para a integração; e) Elaboração de programas de integração; f) Integração dos serviços e orçamento único para o sistema; g) Participação no Mercosul e motivar e exigir a intercooperação.

DEPREC - Instalação da direção geral do Deprec - Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais, para Rio Grande continua em aberto. Ainda em agosto, o Tribunal de Justiça do Estado concedeu liminar ao deputado Jarbas Lima, PDS, sustentando a transferência da sede da direção geral do órgão de Porto Alegre para Rio Grande. Contrariando decisão já tomada pelo governador Alceu Collares, Jarbas Lima e mais três deputados recorreram à Justiça, alegando que a operação traria muitos prejuízos financeiros aos cofres públicos.

INCRA - O ex-presidente da Ocergs, Adelar da Cunha, assumiu a superintendência regional do Incra. Formado em Economia, Cunha entrou para o cooperativismo através da Cooperativa de Não Me Toque, foi assessor da Fecotrig, vice-presidente da Ocergs e mais tarde presidente, cargo que ocupou até março deste ano. Nos seus planos de trabalho pretende fazer avançar o processo de assentamento e incentivar a formação de cooperativas de assentados.

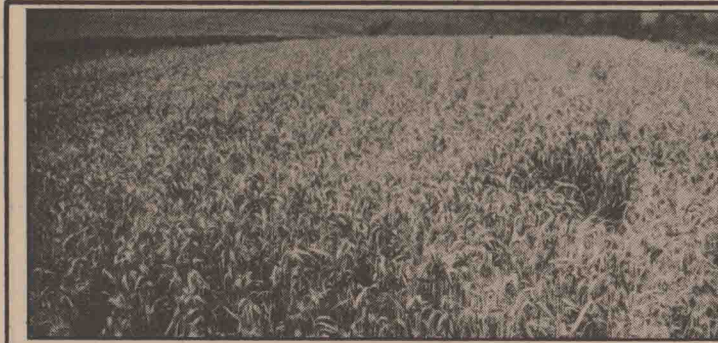
Sapecado pela geada

Não bastasse o desestímulo no plantio, o trigo passou ainda por um grande desgaste provocado por uma geada inédita nos últimos quarenta anos. Além disso já preocupa o ataque das doenças fúngicas

Com área já encolhida pela falta de recursos para o plantio e pelo desestímulo na comercialização, a lavoura de trigo em todo ainda tem pela frente algumas outras provas de resistência. Uma boa parte dos cerca de 844 mil hectares de trigo plantados neste ano é motivo de preocupação pelos técnicos em razão da incidência de uma forte geada ocorrida nos primeiros dias de agosto que, aliada a outros fatores climáticos posteriores acabou provocando a morte das plantas. Foi uma das mais fortes geadas nos últimos quarenta anos.

QUEBRA INDEFINIDA - É certo que os prejuízos existem, mas neste momento ainda é impossível quantificar com exatidão o percentual de quebra na lavoura. A afirmação é do coordenador da unidade da Cotrijul, em Ijuí, Fernando Rodrigues e do técnico Ervino Megier, ao avaliarem as consequências provocadas pela geada registrada nos dias dois e três de agosto. A indefinição no quadro de prejuízos se dá, segundo os técnicos, por causa da possibilidade de recuperação que cada lavoura tem condições de realizar. São muitos os produtores que estão contabilizando prejuízos, diz Fernando, porém, o número da quebra é um fato avaliado individualmente, sobrando apenas a média geral do Estado apontada pela Fecotri-go, que até os últimos dias falava em sete por cento da quebra na produção.

A possibilidade de respostas isoladas em cada lavoura, levantada pe-



Trigo
O sapeco da geada abre caminho para o aparecimento da doença

los técnicos tem razões bem concretas. O trigo, que sofreu danos expressivos pela geada foi praticamente todo aquele plantado no cedo, estratégia utilizada por muitos produtores para ganhar tempo na colheita e consequentemente antecipar o plantio da soja. É uma prática bastante utilizada e que somente se justifica tecnicamente em regiões com microclimas, como é o caso de Tenente Portela e Miraguaí, onde a cultura sempre é plantada no cedo.

Mesmo ganhando tempo, o trigo do cedo fica muito sujeito aos riscos de geadas intensas, como se observou neste ano. Formada a fina camada de gelo sobre as plantas que se encontravam em fase final de perfilhamento e na fase de alongação, estas ficam imediatamente "queimadas", isto é, com as folhas amareladas e secas, provocando a paralisação do seu desenvolvimento e em alguns casos morte da planta. No primeiro caso, depois de alguns dias da incidência da geada, a planta pode fazer um rebrote ou novo perfilhamento, embora perca sua uniformidade com as demais, o que leva a uma prejuízo no stand da lavoura, pois o número de plantas fica afetado e também o desenvolvimento das espigas.

RECUPERAÇÃO DIFÍCIL - Ainda assim, muitas lavouras sapecadas pela geada poderiam se recuperar totalmente caso as condições do solo onde se encontram e as variedades utilizadas pelo produtor sejam as recomendadas pela pesquisa. O problema é que se a geada incide sobre lavouras com solo desgastado, sem correção da acidez, pouca fertilidade, sem adubação recomendada e ainda com variedades mais suscetíveis a geada, a planta sapecada mesmo após o rebrote, não tem fôlego para acompanhar o crescimento das plantas sadias. Ou ainda porque, como explica Fernando, a ação da geada pode não aparentar da-

nos de início, apenas enfraquecendo a base da espiga. No entanto, quando o enchimento de grãos acontece, esta base não suporta o peso da espiga e acaba derrubando-a.

Considerando todos estes aspectos, os técnicos da Cotrijul aguardam ainda o desenrolar das últimas fases da safra para avaliar melhor a quebra. É bem provável, contudo, que a quebra ultrapasse os sete por cento calculados até agora. Além de serem várias as áreas com deficiência tecnológica no plantio, foi impossível tomar medidas curativas, como a aplicação de uréia por causa do excesso de umidade do solo. Poucos puderam fazer uma roçada ou aplicar uréia, que ainda é uma medida muito cara, preferindo por isso utilizar o trigo como pastagem ou incorporar a massa verde. O mesmo procedimento foi tomado nas lavouras de aveia, que assim como o trigo e outras culturas de inverno, a cevada e o centeio, sofreram o desgaste da geada. A aveia, principalmente a branca destinada para semente vitor em muitos casos pastagem, já que a aveia preta mais usada para pastoreio estava em falta e o gado acabou ficando com pouco pasto.

Agora, as doenças

Depois do susto com as geadas, o produtor tem ainda a preocupação com as doenças fúngicas. Há uma incidência significativa nas lavouras de trigo, relatam os técnicos, lembrando as condições favoráveis para sua proliferação. Depois das geadas do início de agosto, a chuva desapareceu da região, fazendo com que os registros de precipitação parassem em 16 milímetros. Sem chuva e com temperaturas altas que se seguiram os fungos encontraram um habitat muito conveniente, ainda mais com tanta planta morta deixada pela geada. Na maior parte das lavouras, a fase de controle já se esgotou, o que leva, o departamento agrotécnico da cooperativa a prever que este seja mais um fator a se somar nos prejuízos do trigo para este ano.



Lavoura de Copetti
O que não virou pasto foi incorporado

Lavoura de semente vira pastagem

Como grande parte dos seus vizinhos, o produtor do distrito de Floresta, Ijuí, Lir Copetti, está desapontado com estragos do trigo provocados pela geada do dia 1º de agosto. A exemplo de outros agricultores da região, ele fugiu um pouco às regras técnicas recomendadas para o plantio da cultura e resolveu fazer a sua lavoura de 50 hectares do cereal no cedo. "Já tive muito prejuízo com a soja e queria ver por isso se ganhava um pouco mais com o trigo, plantando mais cedo para vender mais adiantado", justifica o produtor que há anos vem e deve continuar teimando em manter esta prática.

A estratégia de Copetti, no entanto, como se viu não deu certo, e o trigo que "estava muito lindo e até prometia uma colheita muito boa" acabou tendo boa parte da área lavrada. Os 15 hectares que foram gradeados e agora servirão como massa verde para incorporação à terra já estavam encachados quando caiu a geada. E nem mesmo a rebrotação que se seguiu dias após garantiu a produção da área. Seu Copetti avaliou a lavoura, juntamente com os

técnicos, de onde concluíram que para recuperar a cultura, ele teria um gasto não coberto pela produção. "O gasto seria muito grande", comenta o produtor.

Para quem pensava em colher pelo menos uns 700 sacos de trigo na área, onde já era feita a rotação de culturas, com adubação necessária, correção adequada e ainda toda coberta por terraços - o prejuízo não foi pequeno. Hoje, além da parte lavrada, os outros 35 hectares também atingidos estão servindo como pasto para o gado. O único consolo do produtor é saber que pelo menos vai aproveitar o adubo verde. "Já que não deu o grão, que pelo menos deixe a terra melhor para soja", pensa o produtor, que tinha o grão em lugar alto, "privilegiado", e que já nem se lembra mais de uma frustração de inverno. "Este ano foi violento e teve gente por aqui que perdeu até 100 hectares", lamenta.

QUEBRA NA QUALIDADE - Ao contrário de Copetti, o produtor Valter Driemeyer, da localidade de Rincão dos Pampas, em Augusto Pestana, teve muito pouco trigo atingido

pela geada, porque justamente este não foi plantado no cedo. Em compensação, os seus 25 hectares de aveia branca, todos plantados para semente foram seriamente atingidos. "Ela até rebrotou, conta Driemeyer, explicando que em quantidade a produção vai ser igual, mas que a quebra de qualidade, calculada de 40 a 50 por cento, é irreversível.

As perdas de Driemeyer, que ao todo vão atingir mais de 70 hectares também incluem 25 hectares de aveia preta para semente e mais 15 hectares da mesma cultura destinada a incorporação. Aqui ele vai fazer uma troca e pegar a menor parte, a da incorporação e colher para semente, como forma de se prevenir para a safra do próximo ano. No geral, no entanto, a área sapecada pela geada e que foi plantada no cedo está servindo como pastagem para o gado, enquanto uma outra parte vai ser roçada como experiência própria do produtor.

"Até já perdi trigo por causa da geada", diz Driemeyer, recordando a safra de seis anos atrás.

Mas com aveia foi a primeira vez que o produtor está contabilizando prejuízos estimados por alto em cerca de dois milhões de cruzeiros. Esse prejuízo pode ser maior, pois como lavoura para semente não faltou quase nada em adubação, uréia e inseticidas. Esperar uma recuperação fazendo novas aplicações de uréia também não compensava, avalia por fim Driemeyer, pois não existe dinheiro de sobra e à base de juro é um risco muito grande.



Lir Copetti



Valter Driemeyer

Avaliação das tecnologias portuárias europeias

Tecnologia portuária e a situação da agricultura europeia foram alguns dos assuntos tratados pelo vice-presidente da Cotrijui, Euclides Casagrande durante viagem a Europa

França, Alemanha, Portugal, Holanda e Suíça. Esses foram os cinco países europeus visitados pelo vice-presidente da Cotrijui, Euclides Casagrande e o diretor da Cotriex, Luis Artur Fogliatto, durante o período de 16 de julho a quatro de agosto. A viagem teve, num primeiro momento, o caráter de observação técnica, principalmente no que diz respeito a equipamentos industriais e portuários, também serviu para a realização de contatos com cooperativas, especialmente as francesas.

Projetado para operações de exportação, o Terminal da Cotrijui em Rio Grande, se resume hoje de uma estrutura de descarga que possibilite as operações de importação em maior escala, as quais são ainda mais frequentes em épocas de frutificação de safra como a ocorrida na última safra de verão. "Diante de situações como esta, estamos pensando em instalar uma estrutura de descarga para navios e chassis", revela o vice-presidente. Como o tipo de equipamento a ser empregado tem custo muito elevado, procurou-se observar na Europa as alternativas tecnológicas empregadas.

VISITA AOS PORTOS - Os portos visitados pelos dirigentes cooperativistas foram os de Nantes, na França, de Lisboa, em Portugal, de Hamburgo, na Alemanha e o de Rotterdam, na Holanda. Este último o maior do mundo, contando com 64 quilômetros de cais e responsável pela movimentação de 3,5 milhões de contêineres por ano. A exemplo de outros grandes portos mundiais, o porto holandês possui grandes empresas esmagadoras de soja funcionando junto a sua estrutura, as quais registram uma atividade de cinco mil toneladas a oito mil toneladas de soja por dia. Tudo isso demonstra a organização e a rigidez dessas empresas na programação de exportação e importação, um procedimento igualmente exigido para outros portos que mantêm atividades conjuntas.

A parte mais demorada

da viagem se concentrou na Suíça, onde Casagrande e Fogliatto observaram de perto os moinhos de cereais mais modernos do mundo, os quais chegam a beneficiar 500 toneladas de trigo por dia. "São empresas altamente eficientes e totalmente automatizadas", comenta o vice-presidente ao apontar o reduzidíssimo número de funcionários e os altos custos da automação industrial, que por um bom tempo ainda será inacessível à região. Por outro lado, a qualidade dos produtos obtidos por estas empresas será a mesma da agroindústria da Cotrijui que está por ser instalada em Ijuí. "Não teremos a automação, mas as mesmas máquinas fabricadas pela Bühler", empresa com sede na Suíça e também visitada pelo vice-presidente.

VALORIZAÇÃO DO PRODUTOR - Embora o curto período de visita, foi possível ainda aos dirigentes da Cotrijui constatar a valorização do produtor rural europeu, "os quais não vivem em função de financiamentos ou preocupações com preços agrícolas", diz Casagrande. "Eles têm estabilidade, pois o produto comercializado sempre cobre suas despesas", conta Casagrande, explicando que para conseguir isso, os agricultores mantêm médias de produtividades espetaculares, como a de oito mil quilos de trigo por hectare. Com este patamar econômico, os produtores europeus acabam tendo um outro tipo de comportamento. Saem pouco de suas propriedades para resolver problemas da produção ou fazer a comercialização com as cooperativas. "Tudo é feito por telefone, garantindo assim uma grande tranquilidade para o agricultor".

A situação dos agricultores europeus e a sua estrutura cooperativa foi também apresentada pelo vice-presidente da Cotrijui durante reunião do Clube dos Amigos da Terra de Ijuí, no dia 15 de agosto. O assunto Agricultura Europeia foi tratado após o debate sobre uso de herbicidas, dessecantes e pós-emergentes, apresentado por Werner Jahn.

Na reunião do Clube Amigos da Terra, um pouco da situação dos agricultores europeus



Saída para os minifúndios

Usando uma terminologia de conotação cooperativista: "União para diminuir custos", o secretário da Agricultura, Aldo Pinto, explicou para a imprensa em Porto Alegre, pouco antes de ser lançado o programa dos Condomínios Rurais, a filosofia central do empreendimento.

O programa, que deverá atingir 12 mil e 700 propriedades com até 50 hectares, em 130 municípios de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, foi lançado pelo governador Alceu Collares no último dia 31 de julho, às 15 horas, no Centro Administrativo do Estado. Enorme público se fez presente ao ato, constituído por prefeitos municipais de muitas das regiões a serem atingidas, empresários rurais, presidentes de cooperativas e técnicos da Secretaria da Agricultura, Emater e Ministério da Agricultura. O investimento é da ordem de Cr\$ 640 milhões.

Os Condomínios Rurais serão financiados pelo Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais, Feaper, e atenderão projetos condominais da seguinte natureza: abastecimento de água, agroindústria, apicultura, armazenagem, avicultura, bovinos de leite, construção rural, comercialização, correção e conservação do solo, eletrificação rural, fruticultura, in-

seminação, irrigação, mecanização, microbacias, oleicultura, suinocultura e telefonia rural.

AÇÃO EM CONJUNTO

- Ao discursar durante o lançamento de implantação do programa, o secretário Aldo Pinto disse que a estrutura agrária do nosso Estado apresenta, no mínimo, 430 mil propriedades com área inferior a 50 hectares, ocupando extensão de 25 por cento do solo e 84 por cento da mão-de-obra ativa dedicada à agricultura. Mas essa estrutura, que engloba um universo de perto de 80 mil pessoas em ordem direta, está exaurida e não responde mais em termos de suficiência econômica. O governo - disse - só vê a possibilidade de resposta saudável a esse estado de coisas, se engrenarmos uma ação conjunta.

O secretário da Agricultura concita as cooperativas a "tomarem o pio na unha", por acreditar que através delas o quadro venha a ser revertido a curto prazo. O Estado estará presente através da Secretaria da Agricultura, que vai auxiliar os produtores a se organizarem adequadamente, de forma coletiva, única maneira em

CONDOMÍNIOS RURAIS

Regiões	Número	Propriedades
Alto Taquari	8	124
Alto Uruguai	158	2.428
Depressão Central	4	95
Metropolitana e	-	-
Litoral Norte	12	628
Noroeste	108	3.108
Planalto	24	773
Serra	62	2.905
Zona Sul	287	2.636
TOTAL	663	12.697

que os problemas poderão ser eliminados, ou pelo menos, reduzidos.

A MARCA DO PRODUTOR - Já o governador Alceu Collares, após elogiar os técnicos que trabalharam na elaboração do programa, disse que seu desejo é que todos os minifúndios do Rio Grande do Sul procurem se proteger através desse programa, que considera o que de mais importante se tenta fazer na área do setor primário da economia. Os Condomínios Rurais trazem a marca do produtor, "pois são projetos feitos pelos próprios agricultores, e que serão responsáveis pelo seu êxito", disse o governador.

Ele também informou que vai suplementar a verba destinada ao sistema de Troca-Troca, e que já solicitou ao Bird - Banco Mundial - um trilhão e 200 bilhões de dólares para a recuperação de 40 por cento do solo gaúcho, que está empobrecido devido a monocultura e a erosão.

SERIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 1

Trevo é Facilidade

O NPK e as misturas de grânulos TREVO, por terem grãos redondos, resistentes, secos e recobertos com óleo mineral, garantem muito mais facilidades para quem planta:

- Não empedram e não melam, durante o armazenamento.
- Evitam o trabalho e o custo para desempedrar.



- Não formam pó, nem embucham a adubadeira.
- Eliminam paradas para desentupir e trocar rosetas.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

Aperto no cinto

Produtor precisa ficar atento para as mudanças promovidas pelo governo no sistema de seguro rural

A lavoura do agricultor que prefere plantar com recursos próprios passa a ter, já a partir desta próxima safra de verão, cobertura do Proagro. Até então, só podia recorrer aos benefícios do Proagro, em caso de perdas na lavoura, aquele produtor que plantava com recursos da rede bancária. Quem plantava por conta, estava sempre com a lavoura e o dinheiro investido a perigo.

A decisão de estender os benefícios do Proagro para aquele produtor que vem financiando a sua lavoura com dinheiro tirado do próprio bolso, saiu no último pacote agrícola do governo Collor, mas as normas de procedimentos ainda não foram detalhadas pelo Conselho Nacional de Política Agrícola. A cobertura das safras passa a ser administrada pelo Banco Central, e seus valores atualizados.

Mas estas não foram as únicas mudanças introduzidas pelo governo no seu sistema de cobertura para as próximas safras agrícolas, agora bem mais rigoroso na aplicação de suas normas. Só terá cobertura do seguro rural, quem realmente levar todas as exigências do Banco ao pé da letra.

AS TAXAS - O governo na sua mudança nas regras do Proagro começou mexendo nas taxas de adicional - taxa de participação. Para as culturas da soja e do milho, a taxa é de seis por cento. Sobre o feijão e o arroz, a taxa a incidir se eleva para 10 por cento. Para os empreendimentos não vinculados à assistência técnica, devem ainda ser acrescidos mais dois pontos. "Isso significa, explica Mário Zat, gerente da Área de Atendimento do Banco do Brasil, agência de Ijuí, que estas taxas serão aplicadas apenas para aqueles produtores que contratarem financiamentos com assistência técnica. O produtor que financiar o plantio de sua lavoura sem assistência técnica, vai pagar oito por cento.

A orientação da agência do Banco do Brasil de Ijuí é no sentido de que o produtor plante com assistência técnica, "pois de qualquer forma ele terá de pagar mais dois por cento", lembra Mário referindo-se a taxa adicional e mais os dois por cento a serem pagos pelo projeto. Se não plantar com assistência, paga uma taxa de oito por cento, "o que dá, em resumo, no mesmo".

Para lavouras com área superior a 30 hectares, "desde que financiadas com recurso oficial, o Banco está exigindo a contratação de assistência técnica. Essa obrigatori-

dade vale também para áreas fracionadas de soja e de milho. Mesmo que plante apenas 15 hectares de soja e outros 15 de milho, o banco só financia se o produtor plantar com assistência técnica. "Tem muito produtor pedindo dispensa da assistência técnica, mas estamos fazendo ele entender as vantagens de fazer uma lavoura bem feita, com todas as orientações de plantio", observa o Mário lembrando que essa é também uma forma de levar o produtor a ter mais acesso a tecnologia, o que pode resultar em ganhos de produção.

SÓ NA LIBERAÇÃO - A forma como o débito da taxa adicional vinha sendo aplicada também está mudando. Até a edição do pacote agrícola, ela vinha sendo debitada sobre o valor do crédito ou do total do VBC incidindo ainda, semestralmente, sobre os encargos financeiros. A partir desta safra, essa taxa de adicional só vai incidir, e de uma só vez, por ocasião da liberação da primeira parcela, "sobre o valor financiado ou total do VBC". Isto significa que, para um financiamento de Cr\$ 10 milhões, o produtor só vai pagar seis por cento sobre o total do crédito aberto, "podendo ainda, se desejar, incluir também a parcela de recursos próprios aplicados na lavoura". Depois ele não paga mais nada. Outra mudança introduzida e que pode trazer problemas para alguns produtores diz respeito ao teto de cobertura do Proagro, fixado em Cr\$ 100 milhões.

EXIGÊNCIAS - O produtor ainda precisa ficar atento para as novas exigências que estão sendo impostas pelo Banco e relacionadas com a cobertura do Proagro. A entrega do mapa da área onde está sendo implantada a cultura financiada pode evitar problemas futuros para o produtor, "principalmente para aqueles que também plantam com recursos próprios". Mesmo que o produtor tenha financiado apenas 10 hectares de uma lavoura de 30, por exemplo, terá de apresentar o mapinha da área plantada com recursos do banco. "Se não cumprir essa exigência e sofrer algum tipo de perda, o banco vai considerar como receita a produção de toda a área plantada, ou seja, dos 30 hectares", deixa bem claro o gerente de Atendimento do Banco do Brasil, procurando não deixar dúvidas, em relação a obrigatoriedade da entrega do mapa da área cultivada e suas consequências.

Guardar todos os comprovantes dos insumos adqui-

ridos para o plantio da lavoura financiada é outra medida que pode evitar futuras dores de cabeça, "pois a partir desta safra, em caso de frustração, o banco vai exigir a apresentação destas notas". Assim que comparecer ao banco para fazer a comunicação da ocorrência de perdas, o produtor, para não perder tempo, já deve levar em mãos todos os comprovantes. "Essa é uma exigência que vai atingir todos os produtores, independentes de classificação", explica Mário, reforçando a atenção para os pequenos que até então não vinham sendo enquadrados nesta exigência.

Quem planta com semente própria vai ter que apresentar atestado de boa qualidade. Se ficar comprovado que a semente não era de boa qualidade ou de variedade recomendada para a região e houver perdas, esta lavoura não terá cobertura do seguro rural. **COBERTURA LIMITADA** - O produtor vai plantar, co-



Mário Zat
Gerente de
Atendimento
do Banco do
Brasil de Ijuí

mo já ocorreu em anos anteriores, com recursos oriundos de duas fontes diferentes. O dinheiro que sair do Tesouro, vai ser emprestado a juro de nove por cento e a outra parte, oriundo da Poupança Verde do Banco do Brasil, terá um encargo financeiro para o produtor de 18,2 por cento. Até as safras passadas, para efeito de cobertura, o Pro-

agro cobria o capital e mais os encargos financeiros debitados na conta empréstimo. Se o juro era de 18,2 por cento, ele cobria todo esse encargo financeiro. A partir de agora, para qualquer taxa de juro, o Proagro só vai cobrir nove por cento de juro ao ano. O restante vai ficar a descoberto e o produtor terá de pagar com recursos próprios.

DUAL[®]

ESPAÇO RESERVADO PARA A SOJA.

**RECOMENDADO
TAMBÉM
PARA O
PLANTIO DIRETO**

ATENÇÃO
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

Produto registrado na DIPROF/SDS/IMA sob o nº 000889 - DUAL[®] Marca registrada da Ciba-Geigy - Suíça.

Maior economia para a soja

O Irfa vai lançar ainda este ano no mercado, a bactéria rizóbio para a fixação biológica do nitrogênio nas raízes da planta. Produto destina-se a cultura da soja

"O rizóbio, de nome científico "Rhizobium", é pouco conhecido dos agricultores, embora esteja disponível na natureza. É uma bactéria que tem a propriedade de fixar o nitrogênio do ar no solo, enriquecendo-se e substituindo, em grande parte, outros fertilizantes de custo mais elevados. O nitrogênio - N -, como componente das proteínas, é um elemento essencial para qualquer forma de vida, seja vegetal ou animal. Sem o nitrogênio não se formam as proteínas, e na ausência, ou insuficiência destas, não são sintetizados os compostos orgânicos que dão viço e competitividade às plantas".

Quem faz tal afirmação é o médico-veterinário Luiz Francisco Cruz Ferreira, gerente técnico do Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa, que se prepara para lançar ainda no corrente ano, um inoculante com a tradicional marca Irfa. O técnico tem a assessoria da bióloga Luciana M. G. de Doyle, que está coordenando o Setor de Inoculantes do laboratório, que



Rizóbio para a soja
Primeiro insumo agrícola do Irfa



Luiz Francisco,
do Irfa:
Preocupação
com a qualidade

se localiza no bairro do Lami, em Porto Alegre, sendo subsidiário da Cotrijuí.

RELAÇÃO CUSTO-BENEFÍCIO - O técnico do Irfa destaca a economia por custo

/hectare de lavoura com sementes tratadas com rizóbio. A convicção dessa realidade, disse ele, fez com que o Instituto, que há 35 anos dedicava-se apenas a produtos veterinários, entrasse na área dos produtos agrícolas. E esse produto nitrogenado passa, portanto, a ser o primeiro insumo agrícola fornecido pelo nosso Instituto.

Trata-se de uma tecnologia de ponta desenvolvida pelo próprio Irfa, com a assistência do Instituto de Pesqui-

sas Tecnológicas, IPT, do Estado de São Paulo. Para o veterinário Luiz Francisco, já no próximo ano de 1992 o Irfa terá condições de colocar no mercado até um milhão de doses do produto.

A SOJA EM PRIMEIRO LUGAR - O Irfa está produzindo inoculante exclusivamente para a soja, nesta primeira etapa, e com possibilidades de oferecer 40 mil doses neste ano. Não dá para apressar o processo, diz o técnico, pois nossa preocupação número um é lançar o produto com a melhor qualidade e mantê-la cem por cento, nesse nível.

Sabemos que no passado, devido ao aumento da procura pelo produto e, em face a uma reduzida demanda, alguns fabricantes relaxaram na qualidade do produto, tornando-o desacreditado dos agricultores. A nossa intenção agora, além de prestar um bom serviço, em especial, aos associados das cooperativas, é fazer com que retorne a confiança no produto, pois nossa agricultura, para se viabilizar, precisa reduzir os custos para poder competir, principalmente agora com a perspectiva do Mercosul. Por isso, ressalta Luiz Francisco, a qualidade do inoculante é fundamental para nós. E estamos trabalhando com muita seriedade para isso, finalizou.

ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES DE DOM PEDRITO

De nova diretoria

O agropecuarista Ricardinho Luiz Pilecco assumiu, em eleição realizada recentemente, a presidência da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito. Para a vice presidência da Associação foi eleito Gabriel Agostinho Da Cas. A 1ª e 2ª secretarias estão sendo ocupadas por Marcos Luterio Schlesner e João Augusto Rubin, respectivamente, enquanto as funções de tesoureiros - 1º e 2º - passam a ser desempenhadas pelos agropecuaristas Antônio Virgílio da Fonseca e Zeferino Mário Pivetta.

O novo Conselho Fiscal da Associação está formada pelos agropecuaristas Reinaldir Alfredo Schlesner, Oscar Vicente Silva, Armino Kettermann, Admar Luis Cominn Alvory Rosa e Ido Rossato. Para a assessoria jurídica foram indicados Edson Moreira Silva e Gilberto Monteiro Xavier.

COMISSÕES - A Associação

dos Agricultores de Dom Pedrito desempenha suas atividades no município amparada por três comissões de trabalho: a de tecnologia da produção; a de política da produção e da comercialização e a de promoção e organização de eventos. Para a Comissão da Tecnologia da Produção foram eleitos os seguintes agropecuaristas: Jorge Everardo Peres, Felimar Minuzzi Marcon, Pedro Marcelo Burin e Gilmar Gilberto Dickow.

A Comissão de Política da Produção e da Comercialização conta com o trabalho de José Roberto Pires Weber, Carlos Alberto Saft Hehn, Gosvino Dickow e João Pedro Sachery. Aury Kummer, Elvino Vilane Comin, Anselmo Coradini, Davi Antônio Bolson, Luiz Pedrinho de Gregori, Valdomiro Valdemar Bock e Léo Alberto May, foram eleitos para a Comissão de Promoção e Organização de Eventos.



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ilúf: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar

Fone 33-50-32

SERIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 2

Trevo é Economia

O NPK e as misturas de grânulos TREVO, pela alta tecnologia de sua produção, garantem muito mais economia para o agricultor. Com eles se ganha mais, porque:

- Asseguram maior produtividade e grãos melhores.
- Eliminam despesas com mão-de-obra para desempedrar.
- Escorrem muito bem na adubadeira, poupando paradas.
- Possibilitam um plantio mais rápido, na época certa.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

Inoculante: um recurso natural

Luciana M.G. de Doyle

A produtividade máxima do que se planta é, evidentemente, a meta e o desafio dos agricultores. Na obtenção de maiores índices de produtividade, o vegetal cultivado deve ter acesso aos nutrientes essenciais ao seu desenvolvimento. Dentre esses nutrientes, o nitrogênio desempenha um importante papel, pois é a "matéria-prima" para a produção de proteínas nos seres vivos. As proteínas, por sua vez, são indispensáveis na síntese de qualquer composto orgânico. Enfim, sem nitrogênio não há vida. O nitrogênio presente no solo se origina da mineralização da matéria orgânica, mas sua quantidade é, geralmente, insuficiente para suprir as plantas.

Por outro lado, o nitrogênio também está presente no ar, e desta vez, em abundância. A atmosfera contém cerca de oitenta por cento de nitrogênio em sua forma elementar. Porém, quando em forma natural, o nitrogênio não pode ser aproveitado pelos vegetais e por isso deve ser transformado ou "fixado". O processo industrial para fixação do nitrogênio na forma conhecida por todos nós - a dos fertilizantes -, é extremamente caro, pois utiliza muita energia, onerando o fertilizante quando este chega às mãos do produtor.

Mas o que nem todo mundo sabe é que existem organismos extremamente pequenos, invisíveis ao olho humano, que podem trazer ou "fixar" o nitrogênio do ar ao solo, tornando-o disponível para as plantas e enriquecendo o solo.

A assim chamada "fixação" biológica do nitrogênio atmosférico é realizada por bactérias denominadas vulgarmente de "rizóbios". Estes minúsculos organismos existem naturalmente

no solo, mas em pequenas quantidades. Podem, no entanto, ser adicionados sob forma de inoculantes. Os inoculantes, nada mais são do que milhões destas bactérias, reunidas em pequenas bolsas contendo um suporte orgânico - a turfa -, capaz de mantê-las vivas e em grande quantidade até chegarem aos vegetais.

No solo, os rizóbios penetram nas raízes das plantas e se alojam em pequenas estruturas visíveis a olho nu, chamados "nódulos". Quando a fixação do nitrogênio é eficiente, os nódulos devem ter coloração avermelhada em seu interior e a planta não deve apresentar sintomas de deficiência - amarelamento das folhas basais ou mais velhas.

O hábito de inocular o solo com estes organismos já é bastante antigo, embora não bem conhecido. Há muitos anos atrás, costumava-se espalhar grandes quantidades de solo, no qual uma cultura de leguminosa tinha se desenvolvido sobre o campo antes da próxima semeadura, ou diretamente sobre as sementes a serem plantadas. Este solo, que continha os rizóbios do cultivo anterior era a forma primitiva - e bastante trabalhosa - de inoculação.

Mas as coisas se modificaram e com a evolução das pesquisas, já em 1950 os primeiros inoculantes começaram a ser produzidos comercialmente no Brasil. Infelizmente - por um lado devido à falta de informação do agricultor - e por outro devido à baixa qualidade dos inoculantes então produzidos, o hábito de inocular sementes não difundiu-se entre os produtores.

O resultado não favorecia aos fabricantes, que por necessitarem comercializar o produto por preços muito baixos, não dispunham de recursos

para a melhoria da qualidade dos inoculantes. Mas o agricultor também perdia, pois acabava gastando muito mais com o nitrogênio mineral que ainda era facilmente "lavado" do solo e obrigava a quem plantava usar repetidas doses deste fertilizante.

No caso específico da soja, sabe-se que para obter um bom rendimento de grãos, são necessários cerca de duzentos quilos de nitrogênio por hectare. Também se sabe que duzentos quilos de nitrogênio da fórmula 5-30-10 por exemplo, contém 10 quilos de nitrogênio, o que equivale a vinte e dois quilos de uréia. Se tomarmos o valor da uréia - mercado de julho - de Cr\$ 400,00 o quilo, chegaremos a um custo de Cr\$ 8.800, por hectare.

Uma bolsa de inoculante deve conter rizóbios em quantidade suficiente para fornecer nitrogênio para um hectare de soja e custa - mercado de julho - cerca de Cr\$ 300,00. A economia é de Cr\$ 8.500,00 por hectare.

O Instituto Riograndense de Fertilizantes, atuando no mercado de produtos veterinários há mais de trinta anos, agora oferece aos associados da Cotrijui um novo produto que traz consigo o tradicional padrão de qualidade Irfa.

Através de tecnologias avançadas, pioneiras no país, começaremos a partir deste ano a produzir inoculantes para soja, direcionando inicialmente nossa produção no sentido de abastecer aos associados da Cotrijui.

Contando com o respaldo de profissionais especializados, o Irfa utiliza técnicas que acompanham os últimos avanços da pesquisa na área de produção de inoculantes. Conscientes de que a qualidade do produto é fundamental para o lucro do produtor, o Irfa desenvolveu inoculantes de alta qualidade utilizando veículos esteri-

lizados, o que permite que os rizóbios cresçam sem a presença de outros organismos competidores. O inoculante proporcionará altos números bacterianos, além do prazo de validade estabelecido, garantindo uma nodulação eficiente e maiores produtividades.

Adotamos o cuidado de informar ao produtor o uso correto do inoculante e alternativas de inoculação. É importante que quem inocula suas sementes saiba que o solo deve estar em condições de fertilidade apropriada, com acidez corrigida e com todos os outros nutrientes em concentrações adequadas. Além disso, a umidade do solo não deve ser muito baixa, e se o plantio de sementes inoculadas for realizado após uma chuva, garantindo-se que a umidade será suficiente para suportar a sobrevivência destes organismos até a penetração nas raízes das plantas.

Vale dizer que após a colheita ser realizada, os nódulos se desprendem das raízes, se decompõem e liberam o nitrogênio e os rizóbios no solo, enriquecendo o mesmo para os próximos cultivos. O novo vegetal a ser plantado será beneficiado, especialmente se for uma gramínea.

Finalmente, é importante que o agricultor saiba que quando usa inoculante, não necessita e não deve utilizar fertilizantes nitrogenados, pois o rizóbio é inibido por estes e a produção não ocorre. Inoculantes são cultivos vivos e por isso devem ser mantidos em lugares frescos até o momento de sua utilização. O uso de inoculantes é economia e garantia de alta produtividade, lucro para o produtor e resgate à terra que nos alimenta.

Luciana M.G. de Doyle é bióloga e coordenadora do Setor de Inoculantes do Irfa.



Luciana de Doyle



O Sistema Cooperativo de Crédito Rural está colocando em suas mãos uma ferramenta segura para proteger o seu dinheiro. Chegou o RECIBO DE DEPÓSITO COOPERATIVO - RDC RURAL.

Com ele suas economias vão receber um tratamento que só quem é dono consegue. A-

Dinheiro que se investe é dinheiro que se colhe.

lém de tudo, ele é a alavanca para os bons negócios que sua Cooperativa de Crédito Rural faz. E Cooperativa forte é associado forte.

Confira as vantagens que o RDC lhe oferece na sua Cooperativa de Crédito Rural.



CREDICOOPERSA

Cel. Júlio Pereira dos Santos
Praça Pompílio da Silva
SANTO AUGUSTO

CREDITEPO

Rua Tapuia, 46
TENENTE PORTELA

RDC Rural. Rendimento para você. Benefício para a Comunidade.

Qualidade é a meta principal

Maior capacitação do produtor é a meta da Cotrijuí, visando lavouras mais produtivas e adequação ao mercado

Que a semente é um instrumento básico para o bom andamento de qualquer programa agropecuário, todo agricultor mais atento sabe, mas principalmente o produtor de sementes deve colocar em prática este princípio, buscando a cada safra uma qualidade ainda maior da sua lavoura, de forma a disseminar rápida e eficazmente as culturas melhoradas pela pesquisa. Baseado nesta orientação é que o departamento agrotécnico da Cotrijuí Pioneira lan-

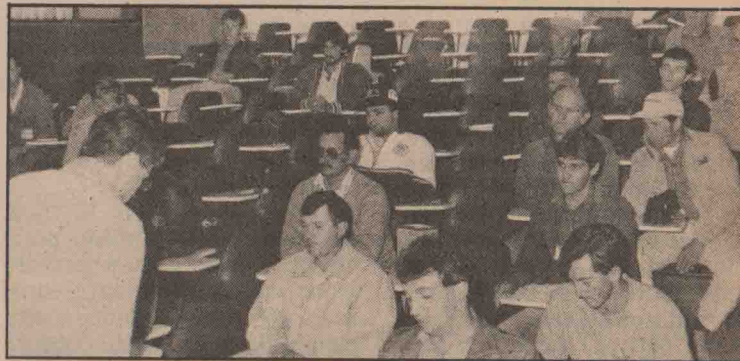
çou o Programa de Produção e Tecnologia de Sementes, visando maior capacitação do produtor e também para otimizar o armazenamento, beneficiamento, análise e comercialização do produto, entre outros objetivos.

Com 30 anos de trabalho neste setor de produção de sementes, a Cooperativa também pretende, com este programa, se adequar cada vez mais ao mercado de sementes. "Sem falar no trabalho rotineiro de implantação

de lavouras qualificadas, o Programa de Sementes vem ao encontro de eventos como a agroindústria de cereais a ser instalada na região, para a qual será exigido um produto de alta qualidade, sendo o insumo, o produto básico para este processo", acentua o engenheiro agrônomo e supervisor da área de sementes da Cotrijuí, Francisco T. Falcão Pereira.

As novas perspectivas originadas pela abertura do Mercado Comum do Cone Sul, o Mercosul, também são destacadas pelo agrônomo. "Devemos estar preparados para esta integração, onde a semente é um dos produtos com grande participação nesse livre comércio", alerta, salientando a estrutura da Cooperativa, seja em termos de unidades de beneficiamento ou pelo quadro de produtores existente na sua área de atuação.

PROGRAMA - Com a proposta de estruturar a produção de sementes em todas as suas fases, o Programa de Produção e Tecnologia que começou a ser discutido com os produtores no dia oito de agosto, está trazendo inúmeras informações e orientações para o estabelecimento de padrões definidos da lavoura, obedecendo especialmente o



Produtores de sementes
Atenção à atividade

uso racional do solo. Todas estas informações vão ser debatidas de forma permanente através de cursos, reuniões e dias de campo, lembra Francisco.

Maior qualidade na lavoura não é uma exigência que se resume ao setor de sementes, pois também as lavouras de produção vão ter que primar pelo cultivo de grãos de qualidade, especialmente no caso do trigo, que com o fim da compra estatal tem sua comercialização na dependência da escolha das indústrias moageiras. Quem faz este alerta é o gerente de comercialização da Cotrijuí, Nelvir Zardin, lembrando ao produtor que provavelmente na próxima safra de inverno já se trabalhará com o recebimento de dois tipos de trigo, um destinado a fabricação de farinha e com maior preço e outro para alimentação animal, com preço inferior.

A diferença entre os dois tipos de trigo se dará em função do grau de impureza apresentado pelo produto, o qual, segundo Zardin, tem aumentado nos últimos anos, chegando a safra passada a apresentar o aumento de um por cento no teor de impureza, decorrente da mistura de aveia preta. "A cada safra temos que melhorar a qualidade do grão para manter competitividade no mercado", diz Zardin salientando ainda a necessidade de um maior planejamento para as lavouras, tanto de trigo, como de outras como a aveia branca, que caso registre grandes percentuais de mistura com aveia preta, enfrentará muita resistência por parte da indústria. "É preciso muito critério no cultivo de grãos destinados a industrialização", enfatiza por fim, Zardin, lembrando a crescente exigência por qualidade do mercado consumidor".

AVEIA

A caminho da certificação



Discussão preliminar no CTC

Produzir sementes de aveia de qualidade para se obter um produto final mais valorizado. Esse o objetivo do encontro realizado no dia 25 de julho, no Centro de Treinamento da Cotrijuí, que reuniu pesquisadores e técnicos da Cooperativa, mais representantes da Universidade de Passo Fundo e da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado. A organização do encontro foi feita pela Cotrijuí, que junto com a Universidade de Passo Fundo e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é uma das entidades que trabalham com o melhoramento de aveia.

Com praticamente duas décadas de incremento à diversificação da produção, a Cotrijuí, nesses anos todos, deu destaque especial à pesquisa e à produção de aveia, lançando recentemente uma nova cultivar no mercado, a CTC-1 Pioneira. Aliado a este trabalho que culminou com a expansão da lavoura na região, a Cooperativa prepara-se agora para a instalação de uma agroindústria, em que a cultura como grão vai ocupar boa parte da estrutura de transformação.

"Além de ser melhoradora do solo e do seu valor para alimentação animal como grão ou forragem, a aveia se constitui hoje numa grande opção comercial, através do grão destinado a alimentação humana", avalia o engenheiro agrônomo Francisco Tenório Falcão Pereira, supervisor da área de sementes da Cotrijuí Pioneira, ao apontar a preocupação da cooperativa em viabilizar uma lavoura de aveia de maior qualidade com a sua inclusão no sistema de certificação de sementes.

QUALIDADE - A preocupação da Cotrijuí é também manifestada por melhoristas, como Elmar Fros, da Universidade de Passo Fundo e o coordenador do Departamento de Sementes e Mudas da Secretaria de Agricultura do Estado, Renato Borges de Medeiros.

"Pela importância que a cultura adquiriu no Estado e em outras regiões do país, é necessário uma padronização da lavoura, pela utilização de sementes de qualidade assegurada, afirma Elmar Fros, estimando que já na próxima safra de inverno a aveia esteja ao lado de produtos como o trigo, a soja, a cevada, a cebola e a batata inglesa.

RESPONSABILIDADE - Para Renato Borges de Medeiros, a inclusão da aveia no sistema de certificação é mais um passo para a organização da produção de sementes, um assunto muito bem resolvido em outros países, mas que no Brasil ainda é escasso, resultando por isso, num reduzido volume de produção com controle na origem e avaliação em laboratório. Atualmente, apenas 3,5 milhões de quilos de sementes de aveia são fiscalizadas no Estado, explica o agrônomo, salientando o baixo percentual de material apenas com análise por amostragem.

Organizar a produção de sementes através da certificação, significa ainda, segundo Renato, garantir que o trabalho do melhorista chegue efetivamente ao produtor, pois a partir daí, fica excluída, por exemplo, a mistura varietal, ou seja, a perda das características do material melhorado pela pesquisa.

A qualificação da lavoura a partir do controle rigoroso da semente empregada depende ainda, segundo o agrônomo, do comportamento do produtor. "Não faltará responsabilidade ao produtor neste processo", salienta Renato lembrando que mesmo com a existência de um sistema permanente para o melhoramento, é preciso haver uma fiscalização dessas lavouras, através de profissionais credenciados e que se encontram disponíveis no mercado. "O Estado normaliza a certificação, mas é o produtor que tem que se organizar para que o sistema deslance".

SERIE
AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO
FATO Nº 3

Trevo é Produtividade

O NPK e as misturas de grânulos TREVO garantem os nutrientes certos para a maior produtividade da lavoura. Com eles, sua plantação ganha:

- Forte "arranque" inicial, devido à alta solubilidade em água.
- Maior percentagem de flores férteis, que resultam em mais grãos.
- Grãos maiores e mais pesados.
- Grãos com elevados teores de proteína e óleo.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

De olho nas importações

Para atender as necessidades de importação, o terminal portuário da Cotrijuí tenta viabilizar projeto para descarga de produtos

A Cotrijuí atingiu resultados altamente positivos em recente importação realizada no Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, no superporto de Rio Grande, já com vistas ao Mercosul. Com uma cadência média de 300 toneladas/hora, a Cotrijuí recebeu no seu terminal marítimo, em fins de julho, 15.750 toneladas de milho argentino, através do navio "Katopic", de bandeira panamenha. Conforme análise o gerente geral da unidade, economista Bolívar de Souza Lima, a operação possibilita maior acesso, tornando-se a mais ágil e econômica, além de trazer outras vantagens, evitando o vaivém dos trabalhadores.

Hoje, no porto de Rio Grande, o único terminal capaz de fazer esta operação é o da Companhia Estadual de Silos e Armazéns - Cesa -, que começou a operar por volta de 1968 com apenas 50 por cento de sua capacidade. A Cesa pode fazer operações de importação, mas de modo pouco eficiente, pois conta com calado reduzido - porto novo - e uma cadência baixa que inviabiliza uma importação de peso. "Esta realidade, explica o gerente da Cotrijuí, está obrigando as administrações portuárias e os termi-

nais privativos a fazerem projetos para novas alternativas de operações".

O despreparo técnico do porto Rio-Grandino para as importações deve-se principalmente por ter se caracterizado até a atualidade como eminentemente embarcador. Mas Bolívar Lima lembra que o quadro dos últimos dez anos vem demonstrando o Rio Grande do Sul como um Estado importador de produtos como trigo, milho, soja - draw-back - e cevada, sendo que neste ano, o Estado importou até mesmo o arroz. Estima-se que somente em 1991, houve uma importação de 800 mil toneladas de cereais no Rio Grande do Sul, realidade para a qual os terminais terão que se adequar. "A Cotrijuí, atendendo a grande necessidade dos seus usuários importadores, está tentando viabilizar seu projeto de adequação para a descarga de barcas e pequenas embarcações", comenta o gerente.

MILHO PARA RAÇÃO - Devido em grande parte a quebra da safra gaúcha, o estoque de milho do Estado esteve abaixo. A decisão de importação do produto ficou por conta da necessidade da matéria-prima para a fábrica de ração. Conforme José Carlos Treiguer, gerente de co-

mercialização da subsidiária Cotriexport, responsável pela primeira importação de milho da Cotrijuí, o preço do produto, comparado com o do mercado interno, estava bom para a sua aquisição. Explica que o mercado interno teve uma alta significativa no início do ano, seguida de uma estabilização, com expectativa de alta em agosto. Neste mês deve começar a faltar o milho paranaense e do Centro Oeste, que estavam sendo adquiridos naquela época.

Na opinião de Treiguer, considerada a alta esperada para este mês e a qualidade do milho argentino, adquirido por apenas 5 por cento a mais do preço do produto interno, a importação foi compensadora. Além do mais, a operação é vista como normal, diante da perda em torno de dois milhões de toneladas de milho da safra gaúcha e da necessidade de abastecimento interno.

MERCOSUL - Dentro do ob-

jetivo de também avaliar como anda o mercado do Cone Sul, outros produtos serão importados através do terminal privativo da Cotrijuí, como o trigo e até mesmo a soja. A Cooperativa deseja avaliar, além dos preços, as condições do Terminal para o desembarque destes produtos, o que, segundo Bolívar Lima, teve sua viabilidade comprovada nesta primeira importação de milho.

Para os próximos dias estão sendo aguardados cerca de 16 mil toneladas de trigo também argentino. A necessidade surgiu da falta do produto gaúcho e da reconhecida qualidade do PH do trigo argentino. Segundo o gerente de comercialização da Cotriexport, podem ocorrer mais compras externas em setembro.

A aquisição do trigo é um dos pontos polêmicos da integração do Mercosul, já que as importações podem baixar o preço interno brasi-

leiro. Mas Treiguer avalia que não se pode importar uma quantidade muito grande de que venha prejudicar o produto nacional. "Por outro lado, o governo brasileiro, aliado, tem desestimulado a produção do País, sendo que em outras nações, o trigo é subsidiado".

Treiguer diz ainda que é possível encontrar trigo a preços acessíveis, pois existe um excesso do produto no mercado internacional - Canadá, EUA e França principalmente. A expectativa da soja está em 80 milhões de toneladas no mundo. Muitos países estão, inclusive, utilizando esta soja para a ração animal, pois os preços baixos compensam. Se os preços estão acessíveis no mercado externo, a comprovação de uma estrutura completa e adequada viabiliza as operações de importação no Terminal Marítimo da Cotrijuí, que conta ainda com estrutura de transporte e armazenagem.

Terminal Luiz Fogliatto operando normalmente

Explosão seguida de incêndio no prédio onde se localizam as balanças de expedição do Terminal Graneleiro da Cooperativa em Rio Grande, na tarde do último dia 19 de agosto, interrompeu o embarque de 7.500 toneladas de trigo no navio "Mariangela Matarazzo". No entanto, graças ao esforço determinante dos funcionários da unidade, foi possível, num prazo de 24 horas, retomar o trabalho com cerca de 70 por cento da capacidade existente.

Acidente semelhante ocorreu há 15 anos no Terminal da Cotrijuí. Desta vez, houve apenas danos materiais, pois os funcionários do setor estavam em outro local na hora do incêndio. Apesar das

causas ainda serem desconhecidas, há duas hipóteses. Uma será o atrito do produto com os equipamentos. Outra possibilidade seria uma fiação em contato com o gás alólóide que se desprende do produto, provocando a explosão.

No saldo, paredes e teto do prédio destruídos, bem como avarias generalizadas nos equipamentos que também sofreram bastante com a explosão seguida de incêndio. Para evitar este tipo de acidente comum até mesmo nos grandes portos da Europa, a Cotrijuí toma todos os cuidados necessários para evitá-lo. Entre as principais etapas, mantém o prédio arejado e limpo, além de funcionários bem treinados para operações deste tipo.



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

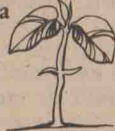
Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar
Fone 33-50-32

Proteção Nunca é Demais.



Proteja a Semente da Soja com TECTO 100.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



TECTO¹⁰⁰
A Proteção Necessária

MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
FARMACÊUTICA E VETERINÁRIA LTDA.
Av. Eng. Faria Lima, 1815 - 2º and. - Tel. (011) 814-5266 - SP

Inovação no manejo

Em trabalho conjunto, veterinários do município aconselham novos métodos de criação para aumentar o desfrute da pecuária de corte

Em trabalho conjunto, um grupo de veterinários de Dom Pedrito realizou no município, pesquisa de campo para observar os resultados de vários tipos de manejos aplicados pelos criadores nas jornadas de cria. A pesquisa foi idealizada pela empresa Sul Remates, e contou com a participação dos seguintes veterinários: Vanderlei Garza, Cajaty Freire e Marcos Walter, da Cotrijuf; Lucidoro Salteman, do Sindicato Rural; Noel Leon e Antonio Ribeiro, do Escritório Rural; e Ricardo Athayde, do Sul Remates.

Os trabalhos foram direcionados na busca de resultados em torno do aumento da produtividade no desfrute dos ovinos de corte e os resultados vão ser oferecidos à Secretaria Municipal da Agricultura, Inspeção Veterinária e Zootécnica, Emater e Sindicato Rural de Dom Pedrito. O objetivo é que essas entidades elaborem e patroci-

nem campanhas de manejo pecuário para o aumento da produtividade, e que as técnicas encontradas sejam absorvidas pelos criadores, a maioria dos quais, notadamente os pequenos, não dispõem de assessoria técnica em seus criatórios.

METODOLOGIA ADOTADA - A pesquisa, que foi desenvolvida sobre o diagnóstico de gestação das matrizes, teve os seguintes percentuais de participação e tipos de manejo:

Inseminação artificial	22,30%
Inseminação artificial c/ repasse de touro	11,32%
Inseminação artificial s/ repasse de touro	1,32%
Monta natural com desmame interrompido	5,66%
Monta natural sem desmame interrompido	59,40%

Os manejos aplicados em rebanhos de cria dentro da mesma experiência, apresentaram os seguintes resulta-

dos, conforme os números de ventres e respectivas prenhez:

Inseminação artificial	6.987	77,31%
Inseminação com repasse	3.549	82,00%
Inseminação sem repasse	414	83,50%
Monta com desmame interrompido	1.773	74,12%
Monta sem desmame interrompido	18.615	67,68%
Média dos manejos	31.338	76,92%

MANEJO COMPARATIVO - Os técnicos analisaram comparativamente o manejo do rebanho de cria com as va-

riações da média da natalidade do município. O resultado mostrou o percentual de prenhez em relação a taxa de desmame e respectiva variação, com demonstrativo sempre para menos, o que demonstra a importância da adoção das modernas técnicas de criação, passo inicial para a obtenção de maior desfrute.

Foram 108 as propriedades pesquisadas, e o total de ventres tocados, de 31.338.

A representação de amostras em relação ao rebanho de crias alcançou 21,61% do total.

A outra análise feita foi com a participação do tipo de manejo na pesquisa, cuja amostra é a seguinte:

Inseminação	22,30%
Inseminação com repasse	11,32%
Inseminação sem repasse	1,32%
Monta c/ desmame interrompido	5,66%
Monta s/ desmame interrompido	59,40%
TOTAL:	100,00%

MANEJOS APLICADOS - Os manejos aplicados no rebanho de cria, com média de 31.338 ventres, alcançaram

76,92 por cento. Isto é: número de ventres em relação ao percentual de prenhez. A tabela mostra o seguinte quadro.

	Ventres / prenhez
Inseminação simples	6.987 77,31%
c/ repasse de touro	3.549 82,00%
s/ repasse de touro	414 83,50%
m/ natural c/ desmame	1.773 74,12%
m/ natural s/ desmame	18.615 67,68%
Média dos manejos	31.338 76,92%

O manejo comparado com a média do município - prenhez, taxa de desmame e variação, é o seguinte:

Inseminação	77,31%	48,28%	- 37,55%
Com repasse touro	82,00%	48,28%	- 41,10%
Sem repasse touro	83,50%	48,28%	- 42,17%
Monta com desmame	74,12%	48,28%	- 34,86%
Monta sem desmame	67,68%	48,28%	- 28,66%
Prenhez / desmame / variação	76,92%	48,28%	- 37,23%

A tabulação da estatística e a pesquisa dos dados do presente estudo, são da Sul Remates Produtores Associa-

dos Ltda, através de seu Departamento de Informática, que tem a supervisão de Newton Munhoz.

PROJETO "CORDEIRITO"

A vez do ovino jovem

A queda nos preços internacionais da lã está gerando novo programa. Dom Pedrito parte para a carne de ovino jovem

Há tempos vem sendo desenvolvida em Dom Pedrito a intenção de dinamizar a criação e melhorar a terminação de cordeiros, visando o aumento da comercialização da carne, que ainda sofre restrições por grande parte da população. Agora, com a queda dos preços da lã no mercado internacional, a intenção de preencher a lacuna com o maior consumo de carne, está voltando à ordem do dia.

O Projeto Cordeirito - programa de produção e comercialização do cordeiro de corte produzido em Dom Pedrito, tem esse objetivo. Fomentar a produção e conquistar mercados consumidores para os cordeiros criados e engordados no município. O agrônomo e zootecnista Paulo Arias Tarouco Pedrosa, da Cotrijuf, está entusiasmado com o programa, que tem o apoio da empresa Sul Remates Produtores Associados.

PROMOÇÃO DE EVENTOS - A intenção é aumentar e melhorar o desfrute no criatório ovino. Na trilha dessa conquista a Sul Remates passa a promover eventos anuais, em épocas previamente determinadas, considerando os períodos mais favoráveis à oferta e consumo do produto carne, já que a lã vive atualmente sua maior crise de preços.

O primeiro evento está programado para a primeira quinzena de março de 1992. O segundo, no outono, entre os meses de maio e junho e o terceiro na primeira quinzena do mês de dezembro.

EM MARÇO - O primeiro evento, que ocorrerá em março do

próximo ano, tem por meta a comercialização de cordeiros e borregas, para abate ou para invernar. Em ambos os casos, o terminador aproveitaria a carne como produto principal, ficando a lã como segundo produto.

O que é mais importante nesta época (março), segundo o empresário Newton Munhoz, da Sul Remates, é aproveitar a oportunidade que o mercado oferece com o retorno às atividades econômicas e começo do ano letivo, após as férias de verão, quando ocorre o aumento natural do consumo de proteínas.

MAIO E JUNHO - São meses considerados de entressafra, de início de inverno. Nesta época, dá-se a comercialização dos animais a terminadores, invernadores. Parece ser uma boa época para a popularização da carne ovina como excelente opção alimentar.

DEZEMBRO - A comercialização em dezembro visa o desmame dos cordeiros e o abate para as festas de final de ano ou aquisição de animais pelos terminadores, para os eventos tradicionais. Nessa época, já por tradição, há um acentuado consumo de carnes especiais, não comuns no dia-a-dia, entre elas a carne de ovinos jovens.

Esse mercado precisa ser melhor atendido pelos criadores de ovinos, diz Munhoz, até que o consumo dessa espécie de carne torne-se um hábito bem popularizado entre o povo brasileiro, com o que concorda, plenamente, o técnico da Cotrijuf, Paulo Pedrosa.

SÉRIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 4

Trevo é Segurança

Os fertilizantes e corretivos de solo TREVO têm, por trás de si, a tecnologia, a tradição e a idoneidade de uma empresa líder, com mais de sessenta anos.
A marca TREVO é garantia de:

- Tratativas sérias e entrega do produto adquirido.
- Orientação técnica e apoio de serviços qualificados.
- Rigoroso controle de qualidade, para adubo e sacaria.
- Inexistência de perdas e certeza do peso correto.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

A difícil decisão

Pensando na profissionalização do agricultor, a Cotrijuí estende seu curso para filhos de associados até as escolas do meio rural

No citro só se faz poda de formação no primeiro ano. O recado estava sendo dado pelo engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro, supervisor da Área de Hortigranjeiros da Cotrijuí. O público assistente, concentrado nas informações práticas transmitidas pelo técnico, era um pouco diferente daquele que normalmente comparece ao Centro de Treinamento da Cotrijuí para assistir a algum curso ou palestra. Espalhados pelo pomar experimental do CTC, cerca de 30 crianças entre 12 a 16 anos ouviam atentamente as explicações do Boaro em mais uma aula prática sobre poda de frutíferas. A "matéria" fazia parte do programa de mais um dos cursos para Filhos de Associados da Cotrijuí.

Naquela tarde fria de início de julho, uma quinta-feira, quase em fim de curso, passavam pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí alunos das oitavas séries das escolas de Primeiro Grau Completo Pedro Maciel, de Itaí e Colmeia do Trabalho, de Ijuí. Este já era o sétimo curso do ano. Além de escolas de Ijuí, já haviam passado pelo CTC só neste ano, alunos das oitavas séries de escolas do meio rural, "com prioridade para participar do curso", de Ajuricaba e Santo Antônio.

Durante uma semana, esses alunos deixaram suas atividades escolares e, acompanhados por alguns professores e também pais, passaram no CTC para aprender um pouco mais sobre a terra, a propriedade, as alternativas de produção e o cooperativismo. Os cálculos de matemática, os difíceis caminhos da língua portuguesa, ou ainda os conhecimentos de história ou de geografia foram substituídos por aulas práticas e teóricas sobre uso, manejo e conservação de solos, plantas forrageiras, hortifrutigranjeiros, suinocultura, pecuária de leite, piscicultura, erva-mate, plantas de lavouros, apicultura, entre tantos outros assuntos.

Nos dias em que tem curso no CTC, é comum encontrar alunos envolvidos com o nascimento de leitões, everminação, marcação, cortes de presas e vacinação de suínos. Quando o assunto é piscicultura, nada melhor do que o próprio açude ou então o laboratório para a criança levar para casa conhecimentos básicos sobre cultivo e a qualidade da água, prepara dos açudes, espécies de peixes para cultivo, manejo, sistemas de consórcio e policultivo de peixes, aproveitamento de resíduos da propriedade na alimentação dos peixes. De caderno na mão, tudo é anotado para ser levado para o pai ou passado adiante para algum colega que ficou na escola.

As atividades práticas dependem em muito da época em que o curso é realizado. Esta é uma época do ano, por exemplo, em que os alunos ainda podem acompanhar na prática as recomendações sobre a poda de frutíferas. Mas alguns assuntos, como a suinocultura, a bovinocultura de leite ou a regulação de máquinas e o uso adequado de pulverizadores na lavoura, estão sempre proporcionando, além de aulas teóricas, aulas práticas, porque podem ser vivenciados diariamente.

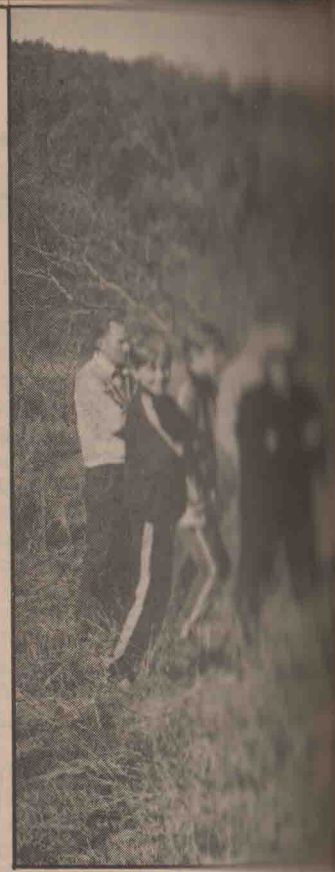
NENHUMA NOVIDADE - O Curso para Filhos de Associados não é nenhuma novidade na cooperativa. Ele já existe há alguns anos, "mas vinha sendo direcionado apenas para os filhos de associados", observa a comunicadora e educadora da Cotrijuí na unidade de Ijuí, a Noemi Huth. Desde o início deste ano, contando com o respaldo de resultados alcançados com a passagem de alunos da Escola Estadual de 1º Grau General Osório, de São Pedro, interior de Tenente Portela, nos anos 87, 88 e 89, a Cotrijuí decidiu ampliar essa participação, estendendo-a para os alunos das oitavas séries de escolas do meio rural. "A nossa proposta, adianta a Noemi, é abranger, só neste ano, todas as escolas de área do município de Ijuí."

A idéia da Cotrijuí ao trazer para o CTC alunos de oitavas séries do meio rural é a de ajudá-los a se decidir por uma profissão. "Essa é uma

fase difícil na vida destes jovens", lembra Noemi. Eles ainda não sabem se continuam estudando ou se ficam na terra, trabalhando ao lado do pai. Então o curso, embora de curta duração, tem como objetivo levar até o aluno uma visão das propostas alternativas que existem para a agricultura. "Se ele se decidir pela agricultura, vai ter que se preparar muito bem para assumir essa profissão", observa a educadora.

Comungando da mesma idéia da Noemi, o Paulo Gieseler, técnico agrícola responsável pela coordenação do Curso. Reconhece que os resultados não são imediatos, mas o curso oferece uma certa capacitação aos alunos. "O jovem tem interesse em mudar o atual panorama agrícola da região. Com um certo conhecimento, ele vai poder escolher as alternativas que melhor se adaptam à propriedade", diz o Paulo entusiasmado com

Alunos das Escolas Pedro Maciel e Colmeia do Trabalho, de Ijuí
A poda de frutíferas em aula prática



os rumos que o Curso vem tomando. Diz que as escolas que já estiveram no CTC, estão procurando assegurar uma vaga para as oitavas séries do próximo ano.

Apostando em mudanças

"Isto aqui não é matação de aula. A área técnica também vai cobrir o aprendizado", justificava a diretora da Escola Pedro Maciel, do Itaí, procurando tirar qualquer dúvida em relação a validade do Curso para Filhos de Associados. Lúcia Borkenhagem acompanhou o grupo de alunos da sua Escola nos últimos dias no CTC e pelo que ouviu, sentiu um grande incentivo para que o jovem continue trabalhando na terra.

Para a Escola, o Curso tem validade porque fica dentro da realidade dos seus alunos. "Eles estão no chão deles", dizia Lúcia, satisfeita com o nível de participação dos alunos, "inclusive nas aulas teóricas". A Lúcia até vai mais longe e aposta, inclusive, numa mudança de postura do jovem, a partir da gama de informações recebidas durante o curso. "Tenho certeza que muito jovem vai sair daqui do CTC com vontade de continuar na terra, trabalhando ao lado do pai", profetizava a diretora da Escola Pedro Maciel.

A Ivete Ottonelli, diretora da Escola Municipal de 1º Grau Completo Emílio de Menezes, do interior de Ajuricaba, fez uma avaliação semelhante a da Lúcia. Mas disse



Lúcia Borkenhagem
No chão deles

que, neste exato momento em que a agricultura se encontra em crise, o curso adquire um valor inquestionável. Entende ser a oportunidade excelente para mostrar aos jovens que ainda existem alternativas de produção que podem tirar a agricultura do monocultivo. "Quase todos eles são filhos de agricultores e, para quem não estuda, o mercado de trabalho está ainda mais difícil", avaliou Ivete apostando no curso como uma forma de levar o jovem a repensar a sua idéia de deixar o meio rural.

Um curso nestes moldes que a Cotrijuí vem promovendo no CTC, segundo a diretora da Escola Emílio de Menezes, de Ajuricaba mexe não só com a cabeça dos jovens, mas também com a dos pais, "principalmente no que diz respeito a educação". "Não é só dentro da sala de aula que se aprende", observava, certa de que os alunos que estiveram no CTC devem ter aprendido muito mais sobre agricultura, do que em um ano inteiro de aulas teóricas de técnicas agrícolas.

OPORTUNIDADE - O entusiasmo do professor Airton Gehm, diretor da Escola Estadual de 1º Grau Completo Colmeia do Trabalho, de Vi-

la Santo Antônio, interior de Ijuí é ainda maior do que o das duas professoras. As voltas com uma correspondência para a Cotrijuí, onde elogiava a iniciativa, Airton avaliava o curso como uma oportunidade valiosíssima para os estudantes do meio rural. "Uma vara se conduz enquanto é fina", dizia ele, numa comparação entre jovens e adultos. Diz que a validade do curso está justamente no fato de trabalhar com jovens, "muito mais proveitoso. Os adultos, insiste, já têm uma idéia formada pelo próprio sistema e dificilmente vão mudar".

O Airton acha que através do CTC a Cotrijuí pode mostrar a estas crianças que, com algumas técnicas, ainda é possível permanecer em cima de 10 hectares produzindo racionalmente. "Não adianta querer ser um grande produtor de soja em cima de 10 hectares. O produtor tem que trabalhar com atividades que possam garantir o seu sustento e a sua permanência na terra. Se as crianças entenderem o lado bom de tudo isto e que existe possibilidade de uma família ganhar dinheiro em cima de uma pequena área de terra, elas até podem mudar de idéia", admite o professor classificando o CTC como uma porta aberta para o futuro.

Entusiasmado com a proposta da Cotrijuí de trabalhar com o estudantado do meio rural, o Airton acha que o Curso veio mexer um pouco com a situação, "um tanto parada". As aulas de técnicas agrícolas, de duas horas por semana, não são suficientes, segundo o diretor, para preparar estas crianças para o futuro. "Como despertar o interesse destas crianças pela terra, trabalhando tão pouco tempo? Como mostrar a elas os problemas que estão surgindo se a própria Escola não tem um conhecimento mais amplo? indagava o professor preocupado com a situação dos jovens, sem qualquer perspectiva de continuar na terra.



Ivete Ottonelli
Também se aprende fora da sala de aula



AR CONHECIMENTOS - Segundo o coordenador, não deixam suas salas de uma semana apenas para o CTC. "Não é esta a nossa ideia. Eles vêm aqui para ampliar seus conhecimentos de conservação de solos ou sobre cultura, por exemplo", insiste, dizendo que o CTC tem que ser um lugar onde se pode buscar tecnologia e propriedade.

Quando decidiu ampliar seus cursos nas escolas do meio rural, a escola não estava deixando de lado o associado que já não frequen-

A teoria na prática



Maristela Toso
Querendo estudar sociologia



Valdete Tavares
Mais aulas a campo

Vi muitas coisas simples que, mesmo sendo filha de agricultor, não tinha conhecimento. A afirmação é da Maristela Toso, 20 anos, aluna da oitava série da Escola Municipal de 1º Grau Completo Rodrigues Alves, localizada na Linha 24, interior de Ajuricaba, ao avaliar sua participação no Curso para Filhos de Associados. Considera as aulas de técnicas agrícolas oferecidas pela Escola como "teóricas demais". Enquanto que no CTC, durante o Curso, as aulas eram conduzidas por pesquisadores, "com a oportunidade de ver a teoria na prática".

A Maristela voltou para casa convencida de que a diversificação de atividades na propriedade é a saída para a agricultura. Mas reconhece que as dificuldades de levar um projeto de diversificação adiante são muitas, em função de toda a estrutura criada em cima do trigo e da soja. Filha de agricultor sem terra, ela elegeu a conservação do solo como assunto extremamente importante. "O que está faltando é conscientização", disparou criticando os poucos cuidados que os agricultores dispensam ao solo. "O nosso solo anda muito maltratado", reforçou.

A Maristela não pensa em continuar morando na terra, "embora essa decisão não invalide a vontade de querer ampliar meus conhecimentos sobre a agricultura", se defende. Anda pensando em estudar sociologia, mas sabe que é um curso difícil e caro. "Vou ter que estudar e trabalhar para me sustentar".

A maior dificuldade de Valdete Tavares, 14 anos e aluna da oitava série da Escola Municipal de 1º Grau Completo Emílio de Menezes, localizada em Linha 21, Espinilho, também Ajuricaba, foi convencer os pais a deixarem participar do curso. "No começo foi difícil, mas depois eles mudaram de ideia", comemora. Até antes de participar do Curso a Valdete já tinha decidido o rumo a tomar: estudar direito. Na volta do CTC, repensou sua decisão. Hoje ainda oscila entre agronomia ou um curso de técnicas agrícolas.

Acha que o Curso valeu a pena, mas reclama do tempo "curto demais" e da falta de mais aulas práticas. "Tivemos palestras demais e o que queríamos mesmo era ir mais a campo", diz a Valdete que, nem bem chegou em casa, tratou de dar um jeito nuns ramos que estavam sobrando nos pés de ameixas. "A poda, que foi uma das aulas práticas, já me possibilitou algumas aventuras pelo pomar", conta.

A noção está dada



Valdemar Freitag
Gravado na memória



Orlando Michael
Depois da noção, a especialização

Cada grupo de alunos que chega ao Centro de Treinamento da Cotrijuf para participar de mais um Curso para Filhos de Associados vem acompanhado por um ou dois professores da Escola e alguns pais. Para não perder uma semana de lida na propriedade, os pais se revezam, ficando, cada um, dois dias com o grupo. O seu Valdemar Freitag, do Itaí, passou toda a quarta-feira e parte da quinta-feira no CTC, acompanhando o trabalho dos alunos.

Pelo que viu e ouviu nos dois dias, o seu Valdemar saiu satisfeito. "Essa é uma idade muito interessante. Tenho certeza que a criançada está gravando na memória tudo o que os pesquisadores estão dizendo", aprovava ele, também satisfeito com o entusiasmo do filho. Garante que, para aqueles que pretendem ficar na agricultura, o curso tem o seu valor. "Eles estão levando para casa uma série de informações para serem manuseadas no dia-a-dia da propriedade", diz seu Valdemar. No pouco que pode conversar com o filho, já sentiu os resultados. "Ele gostou muito da aula de poda", contava seu Valdemar para um outro pai, o seu Orlando Michael.

ESFORÇOS - O seu Orlando não poupou esforços no sentido de trazer os alunos para o CTC. "Aqui tem alunos, professores, pais e pesquisadores", dizia seu Orlando, que também é presidente do Círculo de Pais e Mestres da Escola Pedro Maciel. Para quem vai continuar na agricultura, a noção já está dada, dizia seu Orlando nas conversas com o seu Valdemar. "Depois é só buscar uma especialização".

Para o seu Orlando é hora da criançada começar a ter uma noção do que é a agricultura "e nada melhor do que o CTC e os seus projetos de diversificação para que esse pontapé seja dado". Particularmente, seu interesse estava voltado para a piscicultura. "Trouxe meu filho para que ele conhecesse melhor a atividade", admitia o produtor, pensando numa área na sua propriedade, apropriada para a construção de açudes. Pelo que ouviu no curso "e acho que a informação está correta", um açude bem manejado, rende mais do que 10 hectares de lavoura.

em arrependimentos

re o grupo de alunos da Escola Grau Completo Pedro Maciel encontrava a Tiana Bohrer, poucas meninas que naquela participava do Curso. Filha de agricultor, a Tiana, de 14 anos, pouco tem em comum com a agricultura não ser o fato de morar no rural. Assim que a Escola recebeu o convite para trazer seus alunos para o CTC, ela ficou com dúvida em relação ao aproveitamento que poderia ter. Incentivada pelos pais, decidiu enfrentar o curso e não se arrepende.

te. Filha de agricultor, está mais acostumada com as lidas da lavoura. Em casa, ajuda o pai na atividade leiteira, no trato dos animais e na capina. Entusiasmada com o convite, se decidiu na hora "porque sabia que ia valer a pena". Conhecia o CTC só pelas conversas do pai e dos vizinhos. Entre os temas enfocados durante o curso, a Iseula deu preferência para a apicultura, "um assunto de mais fácil entendimento".

Aos 15 anos, o Vinícius Michael, também filho de agricultor, já está meio decidido na vida: vai continuar na agricultura, "ajudando o pai. Já conhecia o CTC e seus projetos de diversificação, mas mesmo assim ficou entusiasmado com a possibilidade de fazer um curso que mostrasse as alternativas de produção que hoje existem para a região.



Tiana Bohrer, Vinícius Michael e Iseula Brissow
Alunos da Escola Pedro Maciel, do Itaí, Ijuí

Entre a roça e a passarela

Embora já tivesse ouvido falar no CTC, a Tatiani Meotti, 14 anos e aluna da Escola de 1º Grau Completo Colmeia do Trabalho, de Vila Santo Antônio, não tinha nenhum conhecimento sobre o curso para filhos de associados da Cotrijui. Filha de agricultores, Tatiani, para fazer o curso, teve que convencer uma amiga, a Teila Konagewski, de 12 anos e aluna da sétima série, a se integrar ao grupo. "Eu era a única menina da oitava série interessada em fazer o curso", explica.

A Tatiani gostou muito da piscicultura. Diz que o pai tem açude na propriedade, mas não trabalha com peixes, "o que poderia ser mais uma fonte de renda". De um modo geral diz que gostou muito do que viu e ouviu, a exceção do assunto forrageiras, "técnico demais para o meu entendimento". Reconheceu no curso a intenção de passar para os alunos informações que tanto podem ser usadas pelo homem como pela mulher. "O que aprendemos aqui, nesta semana, não tem nada que a mulher não possa fazer na propriedade, ainda mais agora que ela está lutando pela igualdade de direitos", garante a Tatiani, se preparando para, quando chegar em casa, fazer a poda nas frutíferas.

O CTC, segundo a Tatiani, é como se fosse uma propriedade. Tudo o que viu por lá está relacionado com o que o pai também faz na sua propriedade. "Tudo é uma questão de adquirir e ampliar conhecimentos", diz taxativa, mas ainda está em dúvidas em relação ao rumo a tomar na vida. Tem pensado muito em cursar informática, mas seu grande sonho é ser manequim. "É uma profissão da qual gosto muito", diz, garantindo, por outro lado, que aprender não ocupa lugar. Mesmo sabendo que as duas profissões, pelo menos tecnicamente não se conciliam, a Tatiani não abre mão de continuar ampliando seus conhecimentos na área agrícola. "Nada me garante, diz ela, que, mesmo formada em informática ou trabalhando como manequim, um dia não vá precisar da agricultura".

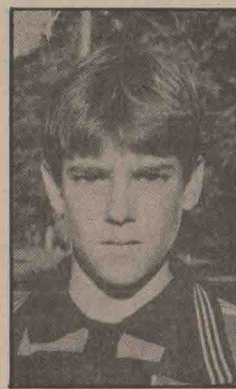
A vontade da Tatiani de seguir a carreira de manequim ou então até de trabalhar como cabeleireira, reside no fato de que anda meio desanimada com os resultados que a agricultura tem demonstrado, "principalmente nestes últimos anos". "Na agricultura se tem um pedaço de terra e não se sai daquilo", diz reclamando da falta de ambição



Tatiani Meotti



Teila Konagewski



Jerônimo Basso

do agricultor. Mas reconhece que talvez aquele pedaço de terra também tenha sido o sonho do seu pai, "assim como também sonho em ser manequim e conhecer melhor o mundo".

COMPANHIA - A Teila Konagewski, na verdade, não participou do Curso para Filhos de Associados apenas para fazer companhia para a amiga. Desde que a notícia chegou à Escola, ela se candidatou a uma vaga, "mas o pai não estava muito de acordo, com medo de que fosse perder muitas aulas". Para poder ficar uma semana fora, teve de recorrer ao auxílio de colegas "que se encarregaram de copiar os conteúdos das matérias". Conta que depois de convencido, o pai, que também é agricultor, até pediu que ela prestas-

se bem atenção nas aulas, "para, mais tarde, passar adiante as informações".

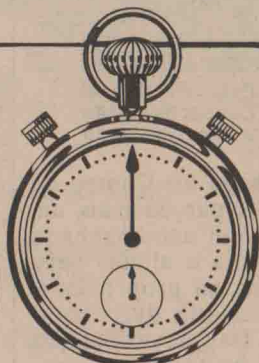
O sonho de Teila é trabalhar na televisão e desfilar em passarelas da moda. Apesar de sonhar com o estrelato, confessa que, entre o serviço de casa e uma lida na roça, não pensa duas vezes: fica com a capina na lavoura. "A vida de manequim ou de artista de televisão é uma coisa bonita", sonha a Teila, assegurando, por outro lado que, se não conseguir alcançar seus objetivos, vai ficar mesmo é na roça. No CTC, gostou muito do que ouviu sobre a cultura do milho e diz que das aulas do Boaro, está levando a coragem de chegar em casa e fazer a poda nos pessegueiros.

DESANIMADO - O Jerônimo

mo Basso, 13 anos, é colega da Tatiani e da Teila. Seu pai é agricultor em Vila Santo Antônio, onde é proprietário de 50 hectares de terra. Gostou muito do curso, "uma forma de aumentar os conhecimentos em relação a atividade agrícola". Desanimado com a agricultura, o Jerônimo anda pensando em morar na cidade, embora ainda não tenha definido o rumo a tomar. "Gosto da agricultura, mas não pretendo continuar o trabalho do meu pai", diz ele colocando o clima, os preços dos produtos e o desinteresse do governo como culpados pela decisão. "A agricultura não oferece mais segurança", resume.

O Jerônimo gostou do que ouviu sobre forrageiras, até porque o pai já vem trabalhando com aveia e azevém e também da conservação do solo. "Lá em casa temos tido muito cuidado com o solo. Não estamos mais deixando solo descoberto no inverno e a rotação de culturas é uma prática comum", diz. Além do trigo e da soja, o pai vem procurando introduzir outras culturas na propriedade, "como forma de diversificar a lavoura". Com relação ao curso, diz que seu pai, pela experiência, já tem algum conhecimento, mas acredita que alguma coisa vai poder transmiti-lo.

PRÉ EMERGENTE



Aplicar PRIMESTRA® em pré-emergência significa controlar as ervas durante o Período Crítico de Competição e estar livre para dedicar-se mais a outras atividades da lavoura. Com a aplicação em pré, você se libera da problemática companhia do mato e administra melhor o seu tempo.

Você evita também de correr o risco de acumular as diversas tarefas que a lavoura exige. Aplique PRIMESTRA em pré-emergência. E evite uma situação de emergência diante de ervas, chuvas e equipamentos.



PRIMESTRA

Milho no limpo produz mais.



Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob nº: 007186-88 - Marca Registrada da Ciba-Geigy, Basileia, Suíça



CARNE BOVINA

Estoques continuam crescendo

Os estoques de carne bovina na CEE pularam de 607 mil toneladas no final de março passado para 850 mil toneladas, conforme dados estimados recentemente

Atualmente as estimativas europeias dão conta de que os estoques de carne bovina, no conjunto dos 12 países membros da CEE, atingem 850 mil toneladas. Tais estoques eram de 607,1 mil toneladas no final de março passado. Isto permite avaliar a velocidade com que os mesmos vêm crescendo, fato que preocupa seriamente os dirigentes europeus. A tal ponto, que a proposição de uma reforma na Política Agrícola Comum - PAC -, em debate atualmente na CEE, tem como motivo principal justamente o controle da oferta dos produtos agropecuários.

No caso da carne bovina, dois motivos centrais explicam este novo crescimento dos estoques na Europa, embora a tendência no final dos anos 80 indicasse uma possível volta desta região às importações do produto: as mudanças no Leste Europeu e o aumento dos estoques de derivados de leite.

1 - O FATOR LESTE EUROPEU

Em primeiro lugar, temos a entrada da então Alemanha Oriental - RDA - na CEE através da sua unificação com a Alemanha Ocidental. Este fato obrigou a CEE a absorver e gerir toda a produção agropecuária da RDA a partir de meados de 1990.

De fato, na progressão dos abates ocorridos na Alemanha Ocidental - 22 por cento em relação a 1989, isto é, 323 mil cabeças a mais -, devem ser largamente contabilizadas as vacas vindas do Leste. Assim, o abate de bovinos adultos cresceu em 30 por cento na ex-Alemanha Ocidental nos primeiros cinco meses de 1991. A produção estaria em torno de 845 mil toneladas em equivalente carcaça - TEC - entre janeiro e maio deste ano, contra 656 mil TEC no mesmo período do ano passado. Somente no primeiro trimestre de 1991 a ex-RFA abateu 180 mil vacas e 122 mil touros suplementares.

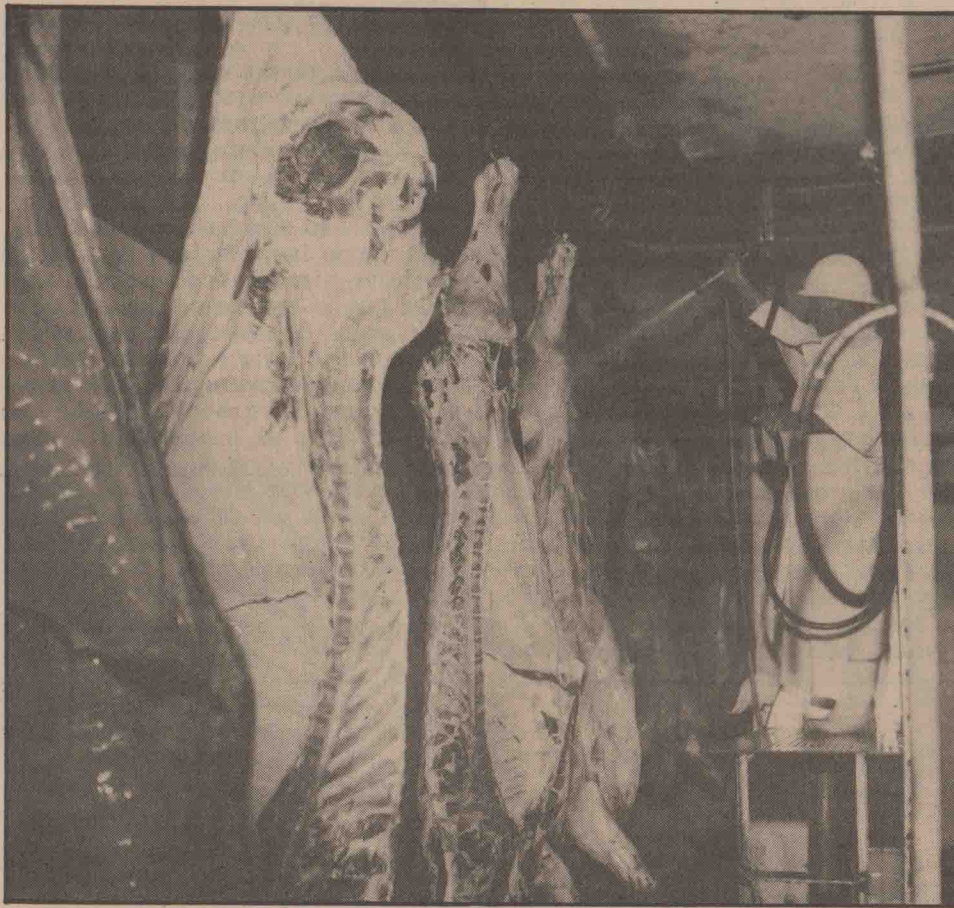
Num contexto mais global, com a abertura econômica e política dos chamados Países do Leste, a oferta de animais cresceu fortemente em direção à Europa Ocidental. Em 1990, por exemplo, 750 mil terneiros do Leste foram importados pela CEE. Em relação a 1989, a CEE aumentou assim suas importações de terneiros vivos, procedentes do Leste, em 250 mil animais. Somente a Polônia forneceu 9/10 deste total! Globalmente esta realidade levará, neste ano de 1991, a um aumento de 80 mil toneladas na produção de carne bovina da Comunidade.

Para complementar o quadro, se olharmos os demais países membros da CEE, verificamos que os abates franceses de bovinos adultos estavam 10 por cento acima do ocorrido no ano passado em meados de junho. Por sua vez, nos quatro primeiros meses do ano, a Irlanda e o Reino Unido aumentaram seus abates em respectivamente 6 por cento e 36 por cento.

2 - AUMENTAM OS ESTOQUES DOS DERIVADOS DE LEITE

Em segundo lugar, temos o contínuo abate de vacas leiteiras em função de novas reduções nas quotas leiteiras, aplicadas sobre a produção da CEE. Tais quotas visam frear indiretamente a produção de derivados de lei-

redução de 9,2 por cento na produção de manteiga, de 2,7 por cento na produção de leite em pó e de 2,6 por cento na produção de queijos nos oito países do Norte da Europa. Apenas a ex-RFA registrou uma forte progressão na sua produção de manteiga - + 7 por cento - e leite em pó - +



As mudanças no Leste Europeu e o aumento dos estoques de derivados de leite... são os responsáveis pelo novo crescimento dos estoques de carne bovina na Europa

te que formam novamente importantes estoques.

Após o recuo do rebanho leiteiro em 1987 - da ordem de 1,3 milhão de cabeças -, isto é, 6 por cento do rebanho da CEE - excluindo a Espanha e Portugal -, a redução dos efetivos estagnou nos dois anos seguintes. Todavia, ela reiniciou em 1990 e deverá prosseguir em 1991 e 1992. Assim, em três anos, o rebanho leiteiro da CEE deverá diminuir de 2,3 a 2,8 milhões de cabeças, isto é, entre 9 por cento e 11 por cento segundo a redução das quotas leiteiras que será decidida pela CEE dentro do contexto da reforma da política agrícola - a decisão, tomada no dia 21 de maio, é de uma redução de 2 por cento para a campanha 1991/92 -. Isto tudo, mesmo com a produção de leite, neste ano de 1990/91 - período abril/março -, tendo diminuído. Na verdade, os produtores conseguiram controlar suas produções na medida em que a coleta global de leite foi reduzida em 1,3 por cento em relação a quantidade de referência. Assim, nos quatro primeiros meses de 1991 houve uma

19 por cento - em função da absorção do leite proveniente da ex-RDA.

Mas, apesar desta tendência relativamente favorável, sob o ponto de vista do controle da produção, os estoques de derivados continuaram crescendo na CEE. No final dos cinco primeiros meses de 1991 os estoques públicos de manteiga e de leite em pó atingiram respectivamente 372 mil e 441 mil toneladas - isto representa um crescimento respectivo de 151,5 e 135 mil toneladas apenas entre janeiro e maio do corrente ano.

3 - UMA IMPORTANTE OFERTA DE CARNE ATÉ 1993

Neste contexto, está prevista uma produção recorde de carne bovina na CEE durante os anos de 1991 e 1992. Ela poderá mesmo ultrapassar o antigo recorde ocorrido em 1987. O volume de abates deverá ultrapassar em 8 por cento o ocorrido em 1989. Em outras palavras, a CEE assistirá, entre 1990 e 1992, a passagem da fase alta do ciclo de produção bovina a qual corresponderá, no final, a um novo recorde absoluto de produção.

Levando-se em conta o rebanho leiteiro, verificamos que de um total de 34,0 milhões de cabeças em 1988, o mesmo deverá atingir 32,9 milhões em 1991 e 32,5 milhões em 1992. Deste total, as vacas leiteiras verão seu número cair de 26,1 milhões de cabeças em 1988 para 23,9 milhões neste ano e 23,3 milhões em 1992.

Por sua vez, o abate de machos tende igualmente a crescer. Se tomarmos o caso dos touros, verificamos que de 9,3 milhões de cabeças em 1988, este abate se elevou a 9,6 milhões em 1990. Além disso, para fazer frente a queda dos preços em razão da maior oferta, os criadores aumentaram a produtividade, alcançando um peso médio - quilos/carcaça - que passou de 316 em 1988 para 325 em 1990. Enquanto isto o abate de bois ficou praticamente estagnado em torno de 3,0 milhões de cabeças no período com um peso médio de carcaça em torno de 336 quilos.

Assim, verificamos uma forte evolução na tonelagem ofertada em razão do abate de bovinos adultos. No conjunto da CEE a mesma passará de 7,2 milhões de toneladas em 1988 para um pouco mais de 7,5 milhões em 1991. Em outras palavras, a produção de carne resultante do abate de bovinos adultos ultrapassará as 7,5 milhões de toneladas nestes dois próximos anos. A produção de 1990 será aumentada de 2 por cento em 1991, fato que a aproximará do recorde de 1987, enquanto a de 1992 será ainda superior de 1 por cento a ocorrida em 1990. Em 1992, os três maiores produtores da CEE serão: Alemanha unificada - 1,94 milhão de toneladas -; França - 1,46 milhão - e o Reino Unido - 1,10 milhão.

Dentro deste quadro, é apenas a partir de 1993/94 que os especialistas europeus esperam um recuo na produção de carne na CEE. Todavia, esta redução não deverá ser significativa. Segundo as primeiras estimativas, o abate de bovinos adultos deverá se reduzir de 5 por cento a 6 por cento em 1994 com relação a 1991, mas ele ficará superior em 2 por cento ao ponto baixo do ciclo, ocorrido em 1989. Em tonelagem, este nível de produção representará 102 por cento do verificado em 1989 contra 108 por cento a ser verificado em 1992.

Considerando que o consumo na Comunidade está relativamente estagnado em torno de 6,9 milhões de toneladas atualmente, a tendência então é de assistirmos a uma contínua pressão de oferta por parte da CEE sobre o mercado mundial da carne bovina nos próximos dois anos pelo menos. Após, tudo dependerá da resistência dos criadores frente a atual crise e do impacto que provocarão sobre o setor as novas medidas que serão postas em prática a partir de 1992, em função da implementação de profundas reformas previstas na Política Agrícola Comum.

X FEIRA DE PRODUTOS COLONIAIS

Uma história de 34 anos

Treze núcleos de Ijuí participaram da Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí

"A nossa Feira ainda não está ótima, mas já merece nota 9", disse o produtor Pedro Dalla Rosa na abertura da X Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí. Em nome dos demais feirantes e no improviso, seu Pedro destacou o crescimento da Feira nestes 10 anos, "não apenas em volume de produto, mas principalmente pela qualidade apresentada", insistiu um dos mais antigos colaboradores da Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí referindo-se ao profissionalismo com o qual os produtores têm trabalhado os produtos colocados à venda.

Considerada uma tradição no município, a Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí marca, todos os anos, desde que foi criada em 1982, a data de fundação da cooperativa. Neste ano, repetindo o sucesso, ela trouxe para a cidade produtores e produtos de 13 núcleos do interior de Ijuí. A Feira de Produtos Coloniais também aconteceu nas unidades de Ajuricaba e Tenente Portela.

HOMENAGEM - O vereador e também agricultor Constantino Góti falou em nome do poder legislativo de Ijuí. Ao lembrar um pouco da história da Cotrijuí, prestou uma homenagem ao grupo de agricultores que no ano de 1957 teve a coragem de levar à frente a idéia de fundar uma cooperativa, "hoje reconhecida em toda a América Latina". Elogiou o trabalho da atual diretoria e das passadas, pelo empenho de, cada vez mais, elevar o nome da Cotrijuí.

O prefeito municipal de Ijuí, Valdir Heck cumprimentou a diretoria e o quadro social pelos 34 anos de fundação da Cotrijuí. Para os produtores de hortigranjeiros, além do

reconhecimento pela realização da Feira, duas importantes notícias: a da instalação da Ceasa em Ijuí e a da construção da Feira do Produtor. "São 66 box que estão sendo construídos, projetados para abrigar os pequenos produtores de Ijuí", disse o prefeito.

EXEMPLO - A importância da Feira de Produtos Coloniais ficou reconhecida no discurso do vice-presidente da Fecotriga, Rui Polidoro Pinto. A Feira para Polidoro é o resultado de um trabalho desenvolvido a partir das discussões da família Cotrijuí e que, pela sua importância torna-se um exemplo a ser levado para todo o Estado. "Essa importância assinalada não está relacionada apenas pelo volume de produtos ou pelos expositores, mas pelo conteúdo que representa nas discussões dos temas que envolvem a agricultura e a agropecuária", insistiu Polidoro elogiando o trabalho do setor de comunicação e educação frente a organização do quadro social da Cotrijuí.

O diretor presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva foi o último a falar. Ao destacar a importância da Feira, disse que ela não representava apenas uma relação de produção e consumo, mas também um ato de cultura e da história da região. "Mais



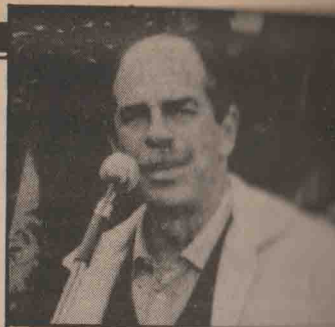
O volume de negócios da Feira ...
... chegou a Cr\$ 1,7 milhão

do que o requinte dos produtos aqui colocados, está a história das famílias que formaram esta região", falou Ruben Ilgenfritz destacando a importância de se vivenciar as raízes e a cultura da região.

Mas ao mesmo tempo em que citou como importante o fato de se vivenciar raízes, Ruben Ilgenfritz lembrou que o momento está a exigir uma maior contribuição no sentido de retomar e rever o processo produtivo implantado na região. Essa preocupação com o momento atual e com a viabilização da propriedade levam os produtores da região e a cooperativa a grandes desafios. "Temos que colocar escalas nas nossas atividades", ressaltou citando o leite como um exemplo que começou do nada, hoje já tem uma política consolidada, embora tenha de crescer ainda mais. Insistiu na necessidade de se produzir com

mais tecnologia, tanto na suinocultura, como na atividade leiteira, na produção de grãos "ou até na agroindústria".

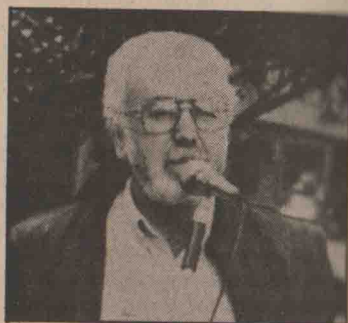
Mesmo diante de muitas dificuldades conjunturais, mostrou-se otimista em relação ao futuro, tanto da cooperativa como da produção na região. "Mais do que nunca, a nossa história nos permite dizer que acreditamos no nosso esforço coletivo, capaz de mudar situações e transformar distantes de safras em safras futuras abundantes", falou o presidente da Cotrijuí dizendo ainda que está é, em síntese, a história dos 34 anos da cooperativa.



Ruben Ilgenfritz da Silva



Pedro Dalla Rosa



Rui Polidoro Pinto



Dinheiro que se investe é dinheiro que se colhe.

O Sistema Cooperativo de Crédito Rural está colocando em suas mãos uma ferramenta segura para proteger o seu dinheiro. Chegou o RECIBO DE DEPÓSITO COOPERATIVO - RDC RURAL.

Com ele suas economias vão receber um tratamento que só quem é dono consegue. A-

lém de tudo, ele é a alavanca para os bons negócios que sua Cooperativa de Crédito Rural faz. E Cooperativa forte é associado forte.

Confira as vantagens que o RDC lhe oferece na sua Cooperativa de Crédito Rural.



CREDIAJU CREDIPEL

Rua do Progresso, 2307
AJURICABA

Rua da República, 32
AUGUSTO PESTANA
Postos em Ijuí, Coronel Barros e Jóia

RDC Rural. Rendimento para você. Benefício para a Comunidade.

Qualidade e bons preços

Associar qualidade a bons preços. Esta tem sido a linha adotada pelos produtores que há 10 anos, no dia 20 de julho, fazem a Feira de Produtos Coloniais para assinalar mais um aniversário da Cotrijui. Os 13 núcleos do interior de Ijuí - Aracy Serves, Rincão do Tigre, Alto da União, Vila Santo Antônio, Linha 11 Oeste, Linha 6 Oeste, Linha 2 Oeste, Linha 4 Leste, Linha Base Sul, Povoado Santana, Linha 10 Oeste, Linha 7 Leste e Dr. Bozano - fizeram uma grande Feira, "não só pelo volume de produto colocado à venda, mas também pela variedade e qualidade", observa a comunicadora e educadora da Unidade de Ijuí, Noemi Huth, numa avaliação do que representou a realização da X Feira.

Os produtos mais procurados pelos consumidores da cidade continuam sendo as copas, salames, os produtos derivados do leite, os schmiers, as carnes de galinha e de porco, as cucas, os pães caseiros, as tortas, os vinhos, os docinhos secos. A maioria destes produtos saiu até às 10 horas da manhã de sábado. À tarde, quando encerraram as vendas, a Feira tinha movimentado em torno de Cr\$ 1,7 milhão. "A Feira repetiu o sucesso de anos anteriores", ressaltou a

Noemi que, juntamente com os produtores feirantes, trabalhou na organização da mesma. **DINHEIRO** - "Estou aqui porque preciso fazer dinheiro", disse Ademir Netto, da Linha 11 Oeste. O Ademir e mais a esposa Lenir estavam participando da Feira pela primeira vez e, às 10 horas, 60 por cento dos produtos colocados à venda já haviam sido comercializados. Entusiasmada com a participação, a Lenir já estava falando em voltar no próximo ano "com um número maior de tortas e cucas". "Os 25 quilos de galinha saíram na primeira hora", contava a Lenir, tentando entusiasmar um pouco mais o Ademir. "Se tivesse colhido uma boa safra de soja, nem estava aqui hoje", rebatia o Ademir, admitindo, no entanto que a Feira pode ser uma boa alternativa para o produtor fazer um dinheiro extra, independente das lavouras de soja ou de trigo.

No estande da Linha 6 Oeste, o Luís Guilherme Berno e o Ervino Steinke se dividiam na venda dos produtos. Das 18 dúzias de ovos colocados à venda, ainda restavam duas. "O pessoal tem procurado mais produtos derivados do leite", dizia o Luís Guilherme, participando da Feira pela segunda vez. Mas os 40 quilos de tortas saíram num fe-

char de olhos. Já os 70 litros de leite "embalados no maquinário de um vizinho", estavam encalhados. "O que me deixa satisfeito é que o freguês

do ano passado retornou nesta Feira, dizia o Luís Guilherme, confiante na qualidade do produto apresentado. A participação do Luís Guilherme na Feira, também tinha uma relação direta com a frustração da lavoura de soja. "O produtor precisa buscar outros meios para fazer renda", dizia ele.

Quem estava marcando presença pela 10ª vez na Feira da Cotrijui era o pessoal da Vila Santo Antônio. No estande, o sucesso ficava por conta da famosa copa do seu Pedro Dalla Rosa que "neste ano, em função da falta de dinheiro do consumidor, não está tendo uma saída muito grande", dizia ele nas primeiras horas da manhã. Ele também trouxe erva-mate crioula, pão caseiro e 50 quilos de galinha, "que saíram nas primeiras horas". O seu Pedro, que

dividia o estande com a sua esposa, a dona Santa, com o filho Gerson, a nora Cleusa e ainda o Arno Buratti, faz copa e erva-mate para o gasto da família. "Só trago para vender na Feira o excedente", explicava ele dizendo que o seu preparo para a Feira sempre começa com uns três meses de antecedência.

ERVAS MEDICINAIS - No estande de Povoado Santana, a dona Joana Kosloski Okaseski, que também é atendente de enfermagem, trouxe de casa uma infinidade de chá de folhas e de mudas de ervas medicinais. Bastava o consu-

midor desembolsar Cr\$ 500,00 para levar para casa uma muda de chapéu-de-couro, de trançagem, de açoita-cavalo, de guiné, uma planta que ajuda a curar infecções e a reativar a memória; o confrei, o celidônio, a espinheira santa, o capuchinho, entre tantas outras. Quem não quisesse se dar o trabalho de ter que plantar a muda, podia levar o chá pronto, em folhas secas.



Ademir e Lenir Netto
Um dinheiro extra



Luís Guilherme Berno e Ervino Steinke
A qualidade do produto traz o freguês de volta



Joana Okaseski à direita
Plantas e chás medicinais



"SCEPTER NO CHÃO E MUITA SOJA NO BOLSO. HÁ CINCO ANOS COMIGO É ASSIM."

Declarações como essa são muito comuns.

No controle de folhas largas na soja, Scepter está presente em mais da metade da área tratada do nosso país.

Scepter hoje é o líder absoluto do mercado. E essa liderança não apareceu por acaso.

Scepter trouxe tranquilidade para o agricultor: a soja cresce livre das ervas daninhas e a colheita é feita no limpo.

Scepter pode ser usado como PPI ou pré-emergente.

Controla Amendoim-bravo/Leiteiro, Picão-preto, Poaia-branca, Carrapichinho, Guanxuma, Trapoeraba, Maria-pretinha, Corda-de-violão, Caruru e Beldroega.

Por isso, aplicar Scepter é um investimento que dá retorno. Você colhe de volta "o verdinho" mais bonito da soja.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual, (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.



VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

SCEPTER

5 ANOS PRODUZINDO LUCRO.

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

Mostrando resultados

De atividade familiar, o leite passou a ser encarado como mais uma alternativa econômica para os produtores de Ajuricaba, podendo crescer, só neste ano, em torno de 13 por cento

Muito bem antes da organização da produção e da instalação de um Posto de Recebimento no município, o leite já era uma atividade, embora modesta, muito familiar para a maioria dos produtores de Ajuricaba. O excedente da produção do município era vendido em Ijuí, numa proporção de 200 litros em média por dia. Com a instalação do Posto de Recebimento, em 1980, o leite tomou um novo rumo, começando pela organização da produção. A média de recebimento de leite/dia pulou dos 3.300 litros recolhidos em 1980 para 7.800 litros/dia no ano seguinte.

Essa média manteve-se praticamente inalterada até 1985, quando então a atividade, diante de tantas crises e frustrações com a lavoura de soja, ganhou um novo impulso, passando a ser encarada pelo produtor como mais uma

alternativa econômica na propriedade, capaz de gerar receitas. De 1985 para 1986 a produção do município cresceu 26 por cento. No ano seguinte o crescimento registrado foi de 14 por cento e de 1987 a 1988 ele ficou em torno de 17 por cento. De 1988 para 1989, a atividade cresceu 10 por cento e de 1989 para 1990, cresceu mais 7 por cento.

Para 1991, considerando a média de crescimento dos sete primeiros meses do ano, a projeção para o município é de 13 por cento, "podendo a produção chegar a um milhão de litros de leite", informa o coordenador do departamento técnico da unidade de Ajuricaba, o engenheiro agrônomo Jorge Sito. 776 produtores associados da Cotrijuí entregam, atualmente, 674 mil litros de leite por mês, numa média por produtor, de 31,20 litros de leite. **RESULTADO** - Para o Jorge

Sito e o Francisco Traesel, também engenheiro agrônomo da Unidade, o crescimento da atividade leite no município de Ajuricaba é resultado da necessidade do produtor diversificar sua propriedade. Eles apontam ainda, como fundamental, o fato do leite ter conseguido se transformar numa atividade economicamente estável dentro da propriedade e ainda a questão da priorização da própria cooperativa em cima de programas de fomento à produção.

Um levantamento da situação da pecuária leiteira do município, - atingindo um universo de 745 propriedades - está dando condições para que os técnicos da Cotrijuí em Ajuricaba possam levantar alguns pontos que precisam ser melhorados, "para que a atividade tome um caráter mais profissionalizante". O Jorge e o Francisco começam apontando a questão do gerenciamento. Acreditam

que um bom gerenciamento é uma melhor racionalização da mão-de-obra na propriedade - 87,1 por cento dos produtores têm até 50 hectares e, portanto, são considerados pequenos - pode não só elevar a produtividade, como ainda assegurar o homem ao meio rural.

Contra a baixa produtividade, o antídoto receitado pelos dois agrônomos se resume a uma boa alimentação e a um bom manejo dos animais. Apenas 36 por cento das propriedades fazem controle da sua produção leiteira. A genética é outro ponto de estrangulamento da atividade. Apenas 6,6 das propriedades usam inseminação artificial no rebanho e, em 39 por cento destes casos, o produtor, além da inseminação, também usa o touro. "A idéia é a de que o produtor procure melhorar seu rebanho via inseminação artificial, que além de mais barato, é também uma prática eficiente", aconselham os dois agrônomos.

Outro dado detectado

pelo levantamento: apenas 6,3 por cento dos produtores de leite de Ajuricaba possuem resfriadores. A questão da qualidade do leite ainda é agravada pelas doenças tão comuns nos animais, como a mamite, por exemplo. 45 por cento das propriedades analisadas pelo departamento técnico da Unidade já constaram problemas de mamite no rebanho.

O levantamento trouxe à tona ainda um outro ponto extremamente deficiente na maioria das propriedades: o da alimentação. Apenas 20 por cento das propriedades fazem silagem - 8 por cento de milho e 12 por cento de aveia -; 31 por cento utiliza feno na alimentação do rebanho, "um substitutivo de baixa qualidade nutritiva". Como alimento substitutivo, os produtores têm usado o Terneleite, numa proporção de 15,73 por cento das propriedades. Potreiros com alta carga de animais e localizados em áreas marginalizadas, só contribuem para reduzir o número de animais produtivos.

Investimentos no Posto

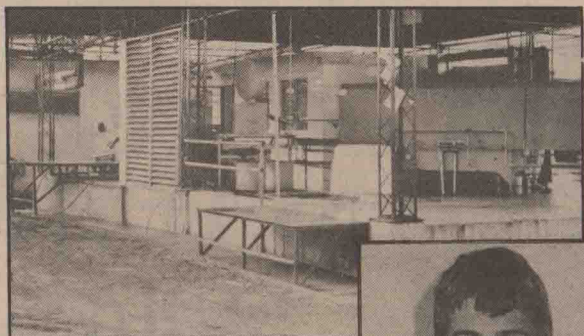
A característica fundiária do município de Ajuricaba, onde 59,1 por cento dos produtores possuem até 25 hectares de terra e 28 por cento de 26 a 50 hectares, favorece o desenvolvimento de atividade como o leite, por exemplo. "Ajuricaba sempre teve tradição na produção de leite", assinala o responsável pelo Posto de Recebimento de Leite do município, Eno Luiz Ruppel. Mas foi depois da chegada do Posto de Recebimento, aliado a seguidas frustrações na lavoura de soja, que o leite passou a receber melhor atenção por parte dos produtores. A produção do município ainda anda muito longe dos níveis desejados, principalmente quando o assunto é produtividade, mas o Eno Ruppel garante que já dá para comemorar um certo avanço. "O produtor já está conscientizado que a saída para o leite passa não mais pelo aumento do rebanho na propriedade, mas pelo aumento nos índices de produtividade", afirma.

A verdade é que, nestes últimos anos, o quadro de produtores pouco mudou no município, embora a produção continue em ascensão - ver matéria abaixo. Essa mudança que vem ocorrendo, segundo o responsável pelo Posto de Recebimento, é fruto de um grande trabalho a nível de campo, levado à frente pela Cotrijuí, via Unidade local. "Aliado às tantas reuniões técnicas, dias de campo, a Cotri-

juí implantou programas de forrageiras, responsáveis hoje pela mudança na feição da produção local", diz o Ruppel referindo-se a preocupação do produtor com a alimentação

do rebanho. A produção do município é hoje, estável, tanto no inverno como no verão, "mas já houve épocas em que recebíamos 17 mil litros de leite durante a safra e cinco mil na entressafra.

Decididamente o leite já não é mais uma atividade complementar na visão dos produtores de Ajuricaba. Um exemplo deste comportamento aparece no crescimento da produção que houve no mês de junho deste ano comparado com junho do ano passado. Mesmo com a estiagem deste ano, a produção, comparando apenas os dois meses, cresceu 48 por cento. A qualidade da produção, segundo Ruppel, também vem mudando, embora ainda não esteja situada nos níveis desejados. Até 84, 14 por cento do leite recebido pelo Posto apresentava problemas de acidez. Hoje esse índice se situa



O Posto de Recebimento de Leite de Ajuricaba. Adequado a realidade de recebimento do produto. Ao lado, Eno Ruppel



ao redor de 0,51 por cento, "graças a conscientização dos produtores em relação a higiene do produto e ao rápido transporte", assinala.

INVESTIMENTOS - O crescimento da produção de leite em Ajuricaba - só no mês de maio, por exemplo, a atividade gerou Cr\$ 25 milhões no município -, levou a CCGL a fazer alguns investimentos no Posto de Recebimento, instalando novas máquinas e equipamentos. Além de máquinas para lavar tarros, o Posto recebeu aparelho para crioscopia - milko-test eletrônico e ainda teve seu sistema de resfriamento do leite totalmente reformulado. "A CCGL procurou adequar o Posto à realidade de recebimento de leite no município", diz Ruppel colocando a questão da qualidade do produto recebido como fator importante nesta decisão da Central reequipar o Posto.

CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO

Ano	Crescimento
1985 - 1986	26%
1986 - 1987	14%
1987 - 1988	17%
1988 - 1989	10%
1989 - 1990	07%

Fonte: DETECO - AJURICABA

USE A CABEÇA.



USE IVOMECS*

IVOMECS é líder de mercado, com resultados comprovados na pesquisa e no campo. IVOMECS é muito eficaz no controle do berne.

Para ajudar a ter mais lucro por cabeça, use a cabeça. Use IVOMECS.



MEDAGNET

MERCK SHARP & DOHME - FARMACÊUTICA VETERINÁRIA LTDA. Av. Eng. Paulo Lúcio, 1815 - 2º andar - CEP 01201-001 - São Paulo, SP, Brasil

08-01-IVC-55 - IVOMECS é Marca Registrada de Merck & Co. Inc. - Rahway, N.J., U.S.A.

AJURICABA

Plantio de milho em debate

Produtores discutiram plantio e comercialização do milho e do feijão



Seminário aconteceu na Afucotri

sumo na propriedade, já que o milho é o principal e o mais caro ingrediente das rações animais. Depois, pela necessidade da agroindústria da Cooperativa que deve consumir pelo menos 44 mil toneladas do produto anualmente e, em terceiro lugar, o atendimento do consumo no Estado, que representa um potencial de mercado comprador de aproximadamente um milhão e 500 mil toneladas, ou seja, o volume de importação feito pelo Estado no ano passado.

"É um volume significativo e demonstra bem a importância do milho não somente pelo consumo, mas também sua importância econômica através do abastecimento interno. Com média de produtividade em torno de 80 sacos por hectare, é possível participar desse mercado, avaliou Carbonera, lembrando as baixas produtividades médias da região, comparadas a outros locais de produção e aos próprios resultados da pesquisa, com médias superiores a seis mil quilos por hectare.

Mas, além de todas estas razões, Carbonera salientou ainda a rotação de culturas no verão, para a qual o milho é seguramente a cultura mais importante. "Ele quebra o ciclo de doenças e pragas da so-

ja, além de incorporar material orgânico ao solo", disse o pesquisador, resumindo em seguida os grandes objetivos da prática de rotação no verão: precisamos reduzir a área de soja e aumentar a de milho para, consequentemente, aumentar a produtividade da soja, que é atualmente uma das mais baixas do País.

Após a defesa dos benefícios propiciados pela cultura do milho, o pesquisador do CTC discutiu com os produtores as recomendações técnicas apresentadas nos últimos cursos de atualização sobre a cultura. Falou sobre adubação correta, mediante análise do solo e da necessidade de que a cultura tem em receber aplicações de nitrogênio em cobertura, através de duas aplicações. A primeira aos 30 dias após a emergência das plantas e a segunda após 45 dias. A escolha de sementes de qualidade é decisiva, e por isso Carbonera detalhou as diversas variedades e híbridos hoje disponíveis no mercado, cada um com características bem definidas. A semeadura, no entanto, ponto chave para o bom estabelecimento da lavoura de milho, foi outro ponto destacado, já que são muitos os prejuízos ocorridos na lavoura pela falta de ajuste nas plantadeiras.

Incentivo ao feijão

Ocupando uma área de cultivo ao redor de dois mil hectares, na região Pioneira da Cotrijuí, e com uma produtividade baixa, de 500 a 600 quilos por hectares, o feijão foi a segunda cultura enfocada no Seminário de Ajuricaba, como forma de se acentuar a busca pela auto-suficiência regional e a organização da produção de sementes no Estado. Roberto Carbonera, como um dos integrantes da Comissão Estadual de Pesquisa sobre o Feijão, abordou os principais entraves que afetam a cultura, desde a ausência de sementes de maior qualidade adaptadas à região, até a falta de preço mínimo durante a safra.

Em contrapartida não são poucos os esforços realizados pela pesquisa, que tem procurado melhor entender o comportamento da cultura visando a geração de tecnologias que possibilitem a obtenção de melhores produtividades. Dentro disso, se inclui hoje o manejo da cultura com a inoculação de sementes, permitindo ao produtor o uso do mesmo fertilizante aplicado na so-

ja. Em segundo plano, o pesquisador citou a obtenção de cultivares melhoradas, com destaque para o lançamento neste ano da cultivar Minuano, que vem superando em 10 por cento de produtividade, as principais testemunhas no Estado. Junto com as variedades Pampa, Macanudo e FT-120, a Minuano é uma das variedades mais produtivas do Rio Grande do Sul, recomendou Carbonera.

ASPECTOS ECOLÓGICOS - Originária de regiões altas, o feijão, segundo a pesquisa, apresenta grande sensibilidade ao estresse ambiental. É a cultura sensível a baixas temperaturas, explicou Carbonera. Exemplo disso é a ocorrência de abortamentos de óvulos quando a planta, depois de germinada, encontrar temperaturas abaixo de 12 graus, o que significa que mesmo com o vingamento de vagens, estas não apresentam grãos. No caso de temperaturas muito baixas, ou seja, abaixo de cinco graus, o desenvolvimento das plantas pode ser largamente prejudicado.

Por outro lado, quando

da ocorrência de temperaturas altas, acima de 30 graus, o que pode ocorrer é o abortamento de flores, isto é, a planta até apresenta um bom desenvolvimento vegetativo, mas não consegue produzir vagens. Por fim, Carbonera citou ainda o estresse hídrico, como causa para diminuir o número de vagens por planta ou reduzir o peso do grão. Todos estes aspectos devem ser considerados pelo produtor, ressaltou o pesquisador, recomendando para o plantio, áreas protegidas de ventos frios. Áreas que tenham exposição norte são as mais indicadas para o plantio.

Com a época de plantio definida entre 25 de agosto e 15 de setembro para as lavouras do cedo e de dezembro a janeiro para as lavouras tardias, o feijão exige além da inoculação de sementes, uma adubação de cobertura no período de 30 a 40 dias após a emergência das plantas. Como última recomendação, Carbonera lembrou o controle de pragas mais corriqueiras como o cascudinho (Diabrotica speciosa), que provoca o desfolhamento das plantas recém emergidas. Para o controle há necessidade de se utilizar iscas de raiz de taiuá ou inseticida.

LUBRIFICAÇÃO DE MAQUINAS AGRÍCOLAS

Rimula

O Super Óleo do seu dia-a-dia



Multiviscoso para motores Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.



Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.

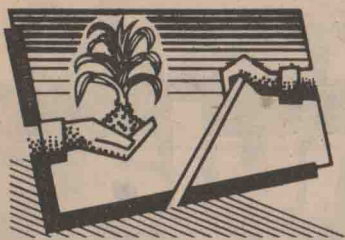


Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificados à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



Shell
Líder mundial em lubrificantes



Alberto Salles de Abreu

Hoje o produtor que quiser fazer frente às crises que volta e meia ocorrem no setor primário, tem que trabalhar com custos compatíveis com a produção. A redução dos custos é conseguida, em grande parte, pelo aumento da produtividade e, consequentemente pela rentabilidade da atividade. É neste contexto que a inseminação artificial se apresenta como uma técnica acessível e confiável para o produtor chegar aos objetivos de aumento da produtividade e produção, tanto na atividade leiteira quanto na da carne.

A inseminação artificial é uma técnica há muito tempo utilizada e consiste na fecundação da fêmea sem a participação direta do macho. O advento dos métodos de congelamento, permitindo a conservação do sêmen a 196° C negativos, vem propiciando uma durabilidade praticamente ilimitada, disseminando a inseminação artificial em todas as partes do mundo sem levar em conta tempo ou distância. Nesta técnica, o macho só participa com o sêmen que contém os espermatozoides que fecundarão o óvulo liberado pela fêmea, originando a prenhez. A inseminação artificial é sempre realizada pelo homem e consiste na deposição do sêmen em local próprio dentro do trato genital da fêmea, através de instrumento apropriado, respeitando as características de cada espécie.

A inseminação artificial será feita sempre nas proximidades do cio, ou seja, naquele período em que a fêmea é fértil e aceita o macho. O cio ocorre nas espécies bovinas e suínas, aproximadamente a cada 21 dias, desde que não haja prenhez ou alguma situação anormal. O sêmen utilizado é acondicionado geralmente em palhetas para sêmen congelado e frascos plásticos para sêmen resfriado, sendo necessário, no mínimo, uma dose para se proceder a inseminação com sucesso.

São responsáveis pela coleta e distribuição do sêmen, as Centrais de Inseminação Artificial - Cias -, que utilizam critérios bastante rígidos para que o reprodutor bovino ou suíno se torne um doador de sêmen. Nas Centrais que trabalham com bovinos, os animais são oriundos de rebanhos selecionados, onde os que mais se destacam são escolhidos. Ao chegarem a Central, estes animais passam por uma série de exames onde é feito um verdadeiro check-up com a finalidade de eliminação de algum portador de defeito anatômico ou de doenças infectocontagiosas. Após aprovação total, o reprodutor começa a ser coletado. Este rigorismo tem como objetivo dar certeza de que o doador será um animal de excelente qualidade e potencial genético superior. À medida que se vai utilizando o sêmen de um determinado reprodutor em vários rebanhos, é que se vai estimando a sua potencialidade em transmitir suas características genéticas a seus descendentes, ou seja, a sua herdabilidade.

Existem índices que avaliam com precisão esta transmissibilidade, confe-

rindo pontuação ao reprodutor nestes diversos índices, possibilitando uma escolha adequada às necessidades do produtor.

Nas Cias de suínos, os reprodutores são avaliados em várias características como, entre outras, ganho de peso diário - GPO -, conversão alimentar - CA -, espessura do toucinho - ET -, que são comparadas ao padrão da raça, sendo que só os que forem realmente superiores, passarão a integrar o plantel de doadores.

O utilizador da inseminação artificial terá sempre a certeza da disponibilidade de sêmen de um reprodutor de altíssima qualidade a um custo extremamente acessível. A soma de benefícios é explicada ao se comparar, em bovinos, a monta natural com a coleta em uma Cia. Na monta natural, a quantidade de sêmen é toda utilizada na fêmea coberta, a um custo elevado. Na coleta, cada salto do reprodutor possibilita a obtenção de quase 300 doses de sêmen, podendo inseminar igual número de fêmeas. O regime de coleta - três vezes a semana - faz com que o custo por dose seja aces-

Técnica acessível e confiável

sível ao produtor, embora o preço de um touro seja altíssimo.

Sendo a inseminação artificial uma atividade como outra qualquer, são necessários alguns princípios básicos para que os objetivos sejam alcançados e os benefícios que esta técnica realmente traz em termos de genética superior e o aumento de produtividade por animal, se torne realmente possível.

- * Os animais devem possuir um nível nutricional e sanitário adequados;
- * A identificação do cio deve ser rigorosamente correta. Fêmeas bovinas que aceitam a monta ou montam outras fêmeas pela manhã, devem ser inseminadas à tarde do mesmo dia. Fêmeas que aceitam monta ou montam outras fêmeas à tarde, devem ser inseminadas no dia seguinte, pela manhã. Portanto, tão logo seja identificado um animal em cio, o inseminador deve ser imediatamente avisado para que o trabalho seja feito sem precipitação ou atraso. O rebanho deve ser observado sempre pela manhã e pela tarde para identificação segura do cio.

No caso de inseminação artificial de fêmeas suínas, deve-se observar o reflexo de tolerância ao homem que ocorre com 12 horas antes do horário apropriado para a inseminação. Para tanto, pressionar com as duas mãos a região lombar da fêmea que se imobilizará, mostrando o reflexo.

Algumas das vantagens alcançadas pelos produtores através da técnica de inseminação artificial:

- * Utilização de reprodutores prósperos nacionais e importados a custos baixíssimos;
- * Possibilidade de melhor padronização do rebanho através de cruzamentos dirigidos;
- * Possibilidade de utilização de vários reprodutores ao mesmo tempo;
- * Eliminação de prenhez precoce ou indesejada, quando se possui touro na propriedade;
- * Concentração dos nascimentos em épocas escolhidas.

Alberto Salles de Abreu é médico veterinário da Cotrijuf, unidade de Ijuí



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí, com a colaboração do engenheiro agrônomo Roberto Carbonera, pesquisador do CTC

O valor da correção do solo

A correção do solo, apesar da crise por que passa a agricultura, continua sendo interessante economicamente. Claro que é preciso lembrar que a garantia do sucesso das respostas positivas à correção está na conservação do solo.

Um levantamento realizado em cerca de 1.800 análises de solo encaminhadas via Departamento Técnico da Cotrijuf em 1989/90, a necessidade média ponderada de corretivos é de 3.500 Kg/hectare de calcário, 120 a 140 Kg/hectare de superfosfato triplo - ou equivalente - e em torno de 100 Kg/hectare de Cloreto de Potássio para a região. O custo médio desta correção, por hectare, está hoje em cerca de US\$ 115,00, considerando apenas os produtos. A tabela anexa apresenta cálculos de custos e receitas para uma lavoura de soja e em 100 hectares. A área de 100 hectares e a cultura da soja são apenas parâmetros. Proporcionalmente, em termos de área, os resultados podem ser extrapolados, considerando-se 100 hectares como sendo 100 por cento.

Na coluna 100 hectares, sem correção, observa-se uma receita líquida para a lavoura de soja, de US\$ 8.746,00. Para 30 hectares não corrigidos, US\$ 2.623,80, e para 70 hectares corrigidos, US\$ 8.684,20.

Os 70 hectares - pouco mais que dois terços da área tomada como exemplo - de lavoura corrigidos, proporcionaram praticamente a mesma receita líquida que os 100 hectares cultivados sem correção do solo. A redução do cultivo em 30 hectares implica em grande economia de mão-de-obra e desgaste de maquinário, o que é positivo e precisa ser considerado. Além disso, nesta área pode perfeitamente ser implantada uma pastagem ou mesmo uma cultura de cobertura do solo e adubação verde - elegendo as de baixo custo. Logo, a área corrigida, embora menor - 70 contra 100 hectares - que a não corrigida, não somente empata com ela, mas a supera em ganhos, além de proporcionar, nesta situação, a tão necessária rotação de culturas.

Outra observação interessante é que a redução da área plantada em 30 hectares - US\$ 4.996,20 - paga 62 por cento da correção do solo nos restantes 70 hectares - US\$ 8.106,00 - ou seja, com esta "jogada", há necessidade de desembolso de somente 38 por cento do custo desta correção do solo, por parte do produtor.

E o mais importante é que o resultado econômico final da propriedade, apesar do aumento nos custos de produção será o mesmo já neste primeiro ano. Além disso, o solo está corrigido e os rendimentos continuarão elevados nos próximos anos.

Se por outro lado o produtor optar pelo plantio de soja nos 100 hectares, mesmo corrigindo somente 70 - o que não recomendamos, pois preferimos a rotação de culturas - por recuo de investir mais dinheiro de uma só vez, o parcelamento da correção é uma possibilidade interessante.

Os 70 hectares corrigidos, mais os 30

hectares não corrigidos, produziram uma receita - pelos cálculos - de US\$ 11.308,00 - hoje Cr\$ 4.523,200 - contra apenas US\$ 8.746,00 - Cr\$ 3.498,400 - dos 100 hectares não corrigidos. Este aumento nas receitas permitiria corrigir pelo menos mais 20 hectares dos 30 que faltam no ano seguinte.

A correção do solo é economicamente viável e, se for realizada dentro de uma programação/planificação prévia e de forma parcelada, pode ser realizada de forma relativamente "branda", no que se refere a investimentos e desembolsos momentâneos.

COMPARATIVO DE CUSTOS E RECEITAS DA LAVOURA DE SOJA COM E SEM CORREÇÃO DO SOLO

CUSTOS — US\$				
Rubricas	Por ha	100 ha sem correção	30 ha sem correção	70 ha com correção
DESPESAS				
Terraceamento	18,52	1.852,00	555,60	1.296,40
Subsolação	8,76	876,00	262,80	613,20
Gradagem	4,68	468,00	138,00	322,00
Semeadura/adub.	4,68	468,00	140,40	327,60
Pulverização	4,68	468,00	145,80	340,20
Capina	5,43	543,00	162,90	380,10
Colheita	39,90	3.990,00	1.077,00	2.513,00
Subtotal	82,75	8.275,00	2.482,50	5.792,50
Sementes	25,39	2.539,00	761,70	1.777,30
Fertilizantes	31,21	3.121,00	936,30	2.184,70
Agrotóxicos	27,19	2.719,00	815,70	1.903,30
Subtotal	83,79	8.379,00	2.513,00	5.865,30
Calcário	56,40	—	—	3.948,30
S. Fosfato Triplo	36,40	—	—	2.548,00
Cloreto Potássio	23,00	—	—	1.610,00
Subtotal (1)	115,40	—	—	8.106,00
Total	281,94	16.654,00	4.996,20	19.763,80
Receita Bruta		2.500 sacos (2)	750 sacos (2)	2.800 sacos (3)
Receita Líquida		25.400,00 (4)	7.620,00	28.448

- (1) Correção do solo: 3.500 Kg calcário; 140 Kg superfosfato Triplo/ha; 100 Kg cloreto de Potássio/ha.
 (2) Solo não corrigido — 25 sacos/ha
 (3) Solo corrigido — 40 sacos/ha
 (4) Preço saco de soja média de 12 anos: US\$ 10,16

AUGUSTO PESTANA

Preocupação ambiental

Dentre os municípios da região, Augusto Pestana seguramente é um dos que mais tem se preocupado com o meio ambiente, principalmente no que diz respeito à contaminação de águas e solos com produtos agrotóxicos, que se não bem armazenados causam sérios prejuízos a toda a comunidade. Desde 1989, um trabalho conjunto, envolvendo a Cotrijuf e a prefeitura municipal, para a construção de lixos tóxicos nas diversas localidades, já conseguiu instalar em definitivo, oito depósitos, Rincão dos Müller, Boca da Picada, São Miguel, Rincão dos Pampas, Fundo Grande, Formigueiro, Rosário e Marmeleiro.

Além desses existem ainda mais quatro localidades com a construção do depósito já encaminhada, restando outros ainda na dependência da vontade dos agricultores em se decidir pela preservação da saúde de suas comunidades. É um número expressivo para o município, considera o engenheiro agrônomo Alberto Rosseto da Unidade da Cotrijuf, ao avaliar o número de depósitos que Augusto Pestana passará a contar em pouco tempo, os quais são construídos com assistência técnica da cooperativa e serviços de terraplanagem, mais calcário e brita fornecidos pela Prefeitura.

Com uma experiência significativa em relação a poluição da água ocorrida há dois anos no município, os agricultores, segundo Rosseto, já conseguiram reverter em muito o grau de desinteresse pelo cuidado com o



Francisco Marsaro
Cedeu parte da área para a instalação do depósito de lixo tóxico

meio ambiente. É claro que existem ainda alguns produtores resistentes a isso, alegando na maioria das vezes falta de espaço, isto é, em muitas localidades a consciência pela preservação ambiental é menor do que um pequeno buraco de três metros de largura por seis de comprimento.

INICIATIVA - A exemplo de outras comunidades, a de São Miguel ultrapassou esta discussão, contando hoje com um depósito de lixo tóxico, construído em fevereiro deste ano. O seu Francisco Marsaro, um dos produtores que cedeu parte da área para o depósito lembra do impasse, concluindo hoje, juntamente com sua esposa, Célia, a perda de tempo da discussão. "Ninguém fica mais rico ou mais pobre por causa de três metros de terra", dizem eles, que de tanto ver vasilhas de venenos na capoeira ou encostada no galpão, já andavam pensando em construir um depósito próprio. "Quem não se organiza para fazer esta obra, que exige pouco tempo e boa vontade, não sabe o perigo que corre", fala dona Célia. Preocupados com a contaminação do solo e consequentemente das águas, os Marsaro também foram solícitos a ceder espaço para a instalação do abastecedor de água comunitário, onde hoje, todos os seus vizinhos fazem a limpeza dos pulverizadores.

horta & pomar

Práticas recomendadas para os meses de agosto e setembro:

- * Aquisição de sementes de batatinha para em seguida dar início ao plantio.
- * Controle preventivo das doenças do alho e da cebola.
- * Semeadura de tomate para plantio em ambiente natural.
- * Preparo do solo e início da semeadura de pepino para conserva.
- * Transplante de tomate para interior de estufas
- * Providenciar a adubação dos pomares.

HORTALIÇAS RECOMENDADAS PARA SEMEADURA NESTE PERÍODO

ESPÉCIE	CULTIVAR	ESPÉCIE	CULTIVAR
** Alface	Kragraner (cabeça)	* Tomate	Grupo Santa Cruz (paulista)
	Crespas		Angela, Santa Clara, Santa Cruz
** Almeirão	Pão-de-açúcar (cabeça)		
	Folha larga		Grupo Salada (gaúcho)
** Beterraba	Early Wonder		Híbrido Monte Carlo
*** Cenouras	Kuronan		Híbrido Master
	Kurodas		Híbrido Akamaru
* Couve-flor	Schiramaru (híbrida)		Tropic
	Piracaba	*** Batatinha	Baronesa branca
** Rúcula	Cultivada		Baronesa rosa
* Repolho	Híbridos		Monte Bonito (branca)
	Louco de verão	*** Salsa	Comum
	Coração de boi		Portuguesa (graúda)
* Chicória	Escarola	Pimentão	Yelo Wonder
*** Rabanete	Comet		
	Comprido vermelho e branco		

- * Transplante necessário
- ** Admite transplante e semeadura direta
- *** Não devem ser transplantadas

IMPORTANTE: Escalonar épocas de semeadura para garantir uma produção constante e de qualidade. Para a maioria das espécies, as semeaduras devem ser realizadas a cada 30 dias.

- Utilização de canteiros de isopor com substrato à base de vermiculita melhora o desenvolvimento da muda na sementeira.
- A matéria orgânica é fundamental para a produção de hortaliça.
- Lembre-se: frutas e hortaliças são principal fonte de sais minerais e vitaminas.

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do Eng. Agr. M. SC Volney Viau — Pesquisador do CTC

MILHO DE ALTA QUALIDADE

Aumento de peso e economia no custo de produção na criação de suínos da raça Piau foram alguns resultados obtidos através da utilização do milho branco BR-451 desenvolvido pelo Centro Nacional de Pesquisa do Milho e Sorgo, da Embrapa de Igarapé, Minas Gerais. Durante a experiência, conduzida pela Escola Veterinária da UFMG em conjunto com a Embrapa, o professor Homero Abílio Moreira comparou o ganho de peso de suínos alimentados com milho branco BR-451 e com milho amarelo comum. O resultado mostrou que os leitões alimentados com milho branco apresentaram um Gpdm 70 por cento superior aos leitões alimentados com milho amarelo e uma conversão alimentar 30 por cento superior. O milho branco BR 451 tem alto valor biológico, devido a sua qualidade protéica com teores de lisina e triptofano 85 por cento superiores aos do milho comum. Nesse sentido a sua utilização favorece a redução do uso de suplementos proteicos nas rações, diminuindo o custo de produção. Essa variedade foi desenvolvida em três anos por pesquisadores do CNPMS de Sete Lagoas, e se adapta às diferentes regiões brasileiras.

BR-451 NA ALIMENTAÇÃO DE PEIXES

Na criação de peixes a utilização do milho branco como fonte complementar de proteínas e energia também apresentou um bom resultado. Desta vez o trabalho desenvolvido pelo CNPMS e o Escritório Regional da Emater de Sete Lagoas consistiu em alimentar quatro espécies de peixes - a carpa Escama, carpa Espelho, carpa cabeça grande e o Tambaqui - com o milho BR-451 e o amarelo comum. Durante os quatro meses do trabalho desenvolvido na Fazenda Vargem Formosa, de Delvo Martins Figueiredo, no município de Jequitibá, os peixes alimentados com o BR-451 apresentaram um Gpdm 37 por cento superior àqueles alimentados com o milho comum. A conversão final apresentou melhor resultado para os peixes alimentados com o milho branco: 2.04 contra 2.25 dos peixes alimentados com milho amarelo. Para o médico veterinário da Emater José Eduardo A. Rasquido, a utilização do milho como fonte complementar na alimentação de peixe representa aumento da lucratividade graças ao baixo custo de produção pela excelente conversão alimentar apresentada. O CTC vem conduzindo trabalho integrado com o CNPMS visando o desenvolvimento e avaliação desse milho na região Sul. A variedade BR-451 está sendo multiplicada no CTC e por alguns produtores. Em função do seu comportamento poderá ser recomendado o seu uso na alimentação animal.

REUNIÃO NACIONAL DO TRIGO

Realizou-se de 22 a 26 de julho de 1991, em Dourados /MS, a 16ª Reunião Nacional de Pesquisa de Trigo. Neste encontro foram apresentados aproximadamente 150 trabalhos técnicos científicos nas distintas áreas do conhecimento agrícola. Uma área interessante de pesquisa refere-se ao controle microbiológico com a utilização de Bacillus no controle de doenças que atacam o trigo. Este trabalho vem sendo conduzido no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo em Passo Fundo.

RECOMENDAÇÕES TÉCNICAS

A Comissão Sul Brasileira de Pesquisa da Aveias formulou e editou as "Recomendações Técnicas para o cultivo da Aveia na Região Sul do Brasil". A publicação abrange preparo do solo, adubação e calagem, semeadura, variedades recomendadas, controle de plantas daninhas, pragas e moléstias, colheita e armazenamento. A mesma poderá ser obtida na Universidade Federal de Passo Fundo.

A INCESSANTE BUSCA DA PROLIFICIDADE

A prolificidade definida como tamanho de leitegada ao nascer é considerada como o mais importante componente da produtividade das porcas. Apesar do grande incremento na produtividade devido aos avanços no manejo, o tamanho da leitegada ao nascer tem permanecido constante por mais de 20 anos na Europa. Recentes resultados de pesquisa sugerem boas possibilidades no incremento do tamanho da leitegada ao nascer. A simples observação das raças em todo mundo mostra importantes diferenças na média de leitões nascidos por leitegada (5-15 leitões), mortalidade embrionária (15-40 por cento) e heterose (5-30 por cento). Em particular a alta prolificidade de algumas raças Chinesas (17 leitões nascidos por leitegada), pode ser usada para aumentar o tamanho de leitegadas ao nascer, em cruzamentos com raças Européias. Outra solução é com o uso de sistemas de computação e métodos estatísticos disponíveis, controlar as matrizes de uma região (muitos rebanhos), detectando indivíduos de extrema prolificidade, e então aplicar uma forte intensidade de seleção. Usando este método é possível desenvolver um pool de gens para a prolificidade. Porcas que desmamem 30 leitões por ano é uma meta realista para médio prazo na Europa.

Sentido econômico muito forte

Em 42 estandes, Santo Augusto mostrou seu potencial econômico

A V Feira da Árvore e do Artesanato de Santo Augusto aconteceu em meio a um novo momento vivido pelo município: o da discussão de um plano estratégico de desenvolvimento. "Por esta razão ela está tomando um cunho econômico muito forte", fazia questão de ressaltar o presidente da Comissão Central, o engenheiro elétrico Ibanez Guterres, momentos antes da abertura oficial. Em sua quinta edição, a Feira da Árvore e do Artesanato acontece a cada dois anos, numa promoção da Prefeitura Municipal e da Agropeima Ltda.

Neste ano ela aconteceu entre os dias 2 e 5 de agosto, ocupando, com seus 42 estandes, a Praça Pompílio Silva e o Salão Paroquial da Igreja Matriz. Em evidência, nos quatro dias de amostra, o comércio, a indústria e o esporte de Santo Augusto. Entre as programações, uma reunião do PRCT, uma palestra sobre o meio ambiente, uma corrida rústica e uma homenagem póstuma ao primeiro presidente da Feira, o engenheiro agrônomo Antônio Vieira dos Santos, funcionário da Cotrijuí durante muitos anos e gerente da Unidade local, no período de julho de 1985 a setembro de 1989. **ALTO NÍVEL** - Entusiasmado com o sucesso da Feira entre o público visitante, Ibanez Guterres não se cansava de elogiar o alto nível do artesanato distribuído pelos vários estandes. "Em épocas de crise e de desemprego, o artesanato tem uma função econômica e social muito importante. É a saída para as pessoas que buscam outras alternativas de renda", pregava o presidente da Comissão Central apostando na relação criatividade e economia.

A ecologia, simbolizada pela árvore, também cumpria sua função na Feira e podia ser sentida nos estandes da Secretaria da Agricultura e da Estação Experimental que trouxeram para a Praça Pompílio Silva diversas espécies, da Cotrijuí e da Emater. Para Ibanez, apesar do modismo, a ecologia ainda pode influenciar no sentido



No Salão Paroquial da Igreja... a indústria, o comércio e o artesanato de Santo Augusto

de despertar uma nova consciência e uma nova ordem econômica.

"A V Feira da Árvore e do Artesanato está superando as demais, comemorava, cheia de entusiasmo a coordenadora da Feira, Jurema Bombardelli. Tudo o que temos aqui é uma amostra daquilo que Santo Augusto e a região podem oferecer", dizia ainda a Jurema apontando para os trabalhos em couro, em madeira, para as várias confecções presentes e para a indústria local de calçados. "A criatividade e a vontade de trabalhar pelo desenvolvimento do município, estão correndo soltos". A Feira contou com expositores de Ijuí, Panambi, Santana do Livramento, Três Passos, Santa Rosa, Coronel Bicaco e até de Rivera e Montevideu, no Uruguai.



Na Praça Pompílio Silva, entre as árvores, uma placa em homenagem ao primeiro presidente da Feira, Antônio Vieira dos Santos, falecido em 1989

Os vencedores dos concursos

Dentro do seu objetivo de promover e incentivar o plantio e a conservação das reservas florestais ainda existentes, a Feira promoveu, entre as escolas do município, dois concursos. O do melhor slogan, foi vencido pela Cláudia Eliana Ilgenfritz, aluna da Escola Cenecista Padre Anchieta. Pelo slogan "A vida e a cultura através da Árvore e do Artesanato", a Cláudia ganhou de prêmio, um Micro System e a Escola um Dicionário Aurélio.

O concurso de sementes de essências nativas, também envolveu todas as escolas do município. O concurso, segundo o professor Egon José Both, diretor da Escola Cenecista Padre Anchieta, consistia em cada uma das escolas coletar sementes de espécies nativas. "A vencedora é a Escola que recolhe o maior número possível de espécies", lembrou o professor, também integrante da Comissão Organizadora da Feira. As sementes coletadas são levadas para o viveiro Municipal e, depois de transformadas em mudas, distribuídas entre as Escolas.

A Escola Municipal João XXIII do interior de Santo Augusto, trouxe para o concurso 40 variedades de sementes de espécies nativas. Por esse feito, levou o primeiro lugar, recebendo de premiação a quantia, em dinheiro, de Cr\$ 30 mil. Em segundo lugar classificou-se a Escola Municipal Rui Barbosa, de São Valentim, também do interior, recebendo como premiação a quantia de Cr\$ 20 mil. O terceiro lugar ficou para a Escola Estadual Francisco Andrighetto, da cidade. O prêmio, também em dinheiro, no valor de Cr\$ 10 mil.

COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer
Colaboração: Engenheiro agrônomo Jair Mello

NOVOS PREÇOS PARA O LEITE

Os novos preços para o leite têm validade a partir do dia 9 de setembro. Previsão de reajuste para meados do mês de setembro em torno de 10 por cento

- * Leite cota consumo Cr\$ 80,00 o litro
- * Leite cota indústria Cr\$ 72,00 o litro
- * Valor de troca para agosto Cr\$ 56,92 por litro
- * Preço - líquido - médio na nota Cr\$ 57,06 por litro

TROCA-TROCA DE MÁQUINAS

Estão em andamento os financiamentos pelos quais os produtores de leite da região podem trocar produto por máquinas. As aquisições destes maquinários podem ser de forma individual ou coletiva, em caso de formação de grupo de produtores com interesses comuns. O prazo para o pagamento destes financiamentos é de 12 meses. O produtor ou grupo de produtores que saiu na frente, pedindo o financiamento logo após o lançamento do programa, já teve sua máquina encomendada, devendo chegar nos próximos dias.

Nesta primeira fase do programa, as máquinas a serem financiadas são as seguintes:

* Ensiladeira Geva com repique - O valor total desta máquina ensiladeira corresponde a 29.252 litros de leite. Divididos por 10 produtores agrupados, o valor mensal reduz para 243 litros de leite para cada produtor. Ou ainda, 8,12 litros por dia.

* Conjunto de fenação - O valor deste conjunto corresponde a 69.576 litros de leite. Considerando o valor, a aquisição é recomendada para um grupo de 15 ou mais produtores.

Numa segunda fase do programa, os produtores de leite interessados em investir na atividade até como forma de aumentar os seus ganhos futuros, poderão financiar ensiladeiras para milho e distribuidores de esterco. A previsão para a implantação do novo programa é para o próximo mês de novembro.

TERNEIRAS BEM CRIADAS

Terneiras bem criadas é mais um dinheiro no bolso para os produtores. A Cotrijuí, no sentido de apoiar este trabalho e oferecer uma certa segurança ao produtor, está financiando todos os insumos necessários para a criação de terneiras.

- Terneleite para 90 dias; ração para seis meses; vermífugos; desinfetante e vacinas - por 768 litros de leite pagáveis em um ano e meio. Estes 768 litros de leite valem, ao preço de hoje Cr\$ 43.000,00. Uma novilha de seis meses, ao preço de mercado, custa, em média Cr\$ 72.000,00.

Observação: Terneiras bem criadas até os oito meses de idade, terão todo o seu potencial genético preservado para quando atingirem idade adulta.

FORMAÇÃO DE PASTAGENS DE VERÃO

Uma boa formação de pastagens de verão. Esta é uma preocupação que, desde agora, já deve andar recebendo atenção dos produtores de leite. Algumas espécies, especialmente aquelas com sementes maiores já podem ser semeadas a partir da segunda quinzena de agosto, como o teossinto, sorgo forrageiro, milho e capim sudão. Já o milheto pode começar a ser semeado a partir da segunda quinzena de setembro, com plantio se estendendo até fevereiro. É uma espécie que necessita de temperatura do solo acima de 20° C para uma boa germinação.

Outro aspecto importante, a ser considerado pelo produtor, é o escalonamento das épocas de semeaduras, para que haja uma produção de forragem mais distribuída ao longo da primavera/verão. O sistema de escalonamento vai permitir que o produtor chegue aos meses de março e abril com forragem disponível e de boa qualidade.

A adubação de pastagens - tanto orgânica como química -, é outro fator importante e que muitas vezes é pouco considerado, principalmente por aqueles produtores que cultivam forragem para silagem. As recomendações de adubação para plantas forrageiras destinadas a ensilagem são diferentes daquelas usadas para pastejo. Na área com pastagem a ser ensilada, toda a massa verde é retirada do solo, devendo o produtor ter cuidados especiais na reposição de nutrientes, além de rotação de cultura.

POTENCIAL DE EXTRAÇÃO DE NUTRIENTES DO SOLO DA CULTURA DE MILHO DE ALTA PRODUÇÃO

REMOÇÃO QUILOS/HECTARE		
NUTRIENTES	GRÃOS	SILAGEM
Uréia	255	370
Super fosfato Triplo	66	83
Cloreto de Potássio	58	291

AGENDA

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO AGROTÉCNICO AGOSTO/SETEMBRO

Agosto

* Dia 29 - curso de criação de terneiras - alimentação, manejo e sanidade. Local: CTC.

Setembro

* De 02 a 06 - Treinamento para filhos de associados. Local: CTC.

* De 09 a 13 - Treinamento para filhos de associados. Local: CTC.

* Dias 10, 11 e 12 - Curso sobre gado leiteiro - manejo, sanidade e alimentação. Local: CTC.

* De 16 a 20 - Treinamento para filhos de associados. Local: CTC.

* Dia 17 - Curso de plantas medicinais - produção e uso. Local: CTC.

* Dia 18 e 19 - Curso de Conservação do solo - fertilizante e plantio direto. Local: CTC.

* Dia 25 - Dia de campo sobre as culturas de inverno e apresentação de trabalhos. Local: CTC.

EVENTOS PARA TÉCNICOS Setembro

* Dia 04 - Demonstração prática de classificação e embalagem de hortigranjeiros. Local: Atacadão de hortigranjeiros da Cotrijuí em Ijuí.

* Dia 20 - Dia de campo - Culturas de inverno. Local: Fundação/Cruz Alta.

Novidades

NOVO PRODUTO BASF: AS PRÉS-MISTURAS

O Grupo Basf, que completa 80 anos de atuação no mercado brasileiro, está lançando um novo produto para o setor agropecuário: as pré-misturas vitamínicas, compostas de aplicação na produção de rações para alimentação animal.

Conhecida fornecedora de vitaminas para nutrição animal, a Basf - que até então só vinha comercializando 13 vitaminas que eram usadas em pré-misturas, aproveita a passagem de seus 80 anos para ingressar num novo mercado onde atuam outras 140 indústrias.

A meta da Basf, já para o primeiro ano de atuação, é abastecer 10 por cento do consumo de pré-misturas. Em três anos, a empresa espera atingir 20 por cento do total.

A área de nutrição animal do Grupo Basf vai receber investimentos na ordem de 8 milhões de dólares, a serem aplicados na implantação de uma fábrica de pré-misturas em Guaratinguetá e em outras duas fábricas destinadas a produção de Cloreto de Colina

PERDEU-SE

* Um Bloco Modelo 4 de número 312371, Inscrição Estadual de número 239/100.146.5. Quem tiver encontrado o referido Bloco, favor entregar ao Luiz Carlos Brum da Silva, residente em Esquina 21 de Abril, interior de Jóia.

Reuniões... Cursos... Dias de Campo... Reuniões...

NUTRIÇÃO DE BOVINOS

A elucidação de problemas ligados à utilização de milho e sorgo na alimentação de bovinos. Este o tema central do 4º Simpósio sobre Nutrição de Bovinos que acontece de 2 a 4 de setembro, numa promoção da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba, São Paulo. O programa do Simpósio inclui ainda assuntos como adubação da cultura de milho e sorgo de alta produtividade para ensilagem; cultura do milho e sorgo para produção de silagem de alto valor nutritivo; culturas sequenciais de milho e sorgo; resíduos da cultura do milho de alta umidade; processamento de grãos e resíduos industriais para alimentação de bovinos. As conferências estarão a cargo de especialistas pertencentes a instituições de pesquisa zootécnica



Feiras & Exposições

EXPO-FEIRA EM DOM PEDRITO

De 25 a 28 de outubro de 1991, Dom Pedrito realiza a sua 58ª Expo-Feira que tem como título "O salto da fertilidade". A promoção é do Sindicato Rural e o local da mostra é o Parque de Exposições Juventino Corrêa. A programação começa no dia 25 com remates de ovinos, nelore, Santa Gertrudis, Tabapuã e gado leiteiro. No dia 26, acontece o leilão do Núcleo Denta G, das Estâncias Guatambu, Alvorada e Caty. A promoção do dia 27 começa com a entrada em pista de Polled Hereford da Sanga Funda e ainda gado charolês. No dia 28 é a vez do Aberdeen e red Angus entrarem na pista. Serão mais de 300 animais reprodutores rústicos com teste de capacidade de serviço promebo e diferença esperada de Progenie.



Negócios

TRATOR

* Vende-se ou troca-se um trator Valmet 980, turbo. Tratar com Geraldo Jacoboski, Linha 3 Leste, interior de Ijuí.

JUNTA DE BOI

* Vende-se uma junta de boi. Interessados poderão entrar em contato com Tadeu Gonchoroski, Linha 4 Leste, Ijuí.

TERRA

* Vendo 12,5 hectares de terra localizados em Formigueiro, Cruz Alta. Luiz Neri Mainardi, telefone (055) 332-3188.

TERRA

* Vende-se 15,3 hectares de terra localizados no Itaí, interior de Ijuí. Tratar com Claudiomiro Richard, na Linha Base Norte Itaí, Ijuí.

LEITÕES

* Vendem-se duas porcas com leitões. Tratar com Luiz Oizenas, no Povoado Santana, Ijuí.

de todo o País. Maiores informações poderão ser obtidas na Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, Av. Carlos Botelho, 1025 - CEP 13400, Piracicaba, São Paulo ou pelos telefones (0194) 22-6600 e 22-3491. Telex 19 7443.



ENTOMOLOGIA APLICADA

O 2º Curso de Entomologia aplicada à agricultura acontece de 2 a 6 de setembro e tem como objetivo transmitir conhecimentos de tecnologia moderna na área de insetos úteis e nocivos na agricultura. O programa do curso abrange o reconhecimento e controle de pragas das principais culturas - algodão, feijão, amendoim, arroz, trigo, milho e pastagens. Informações adicionais poderão ser obtidas junto a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, na Av. Carlos Botelho, 1025 - CEP 13400, Piracicaba, São Paulo, ou pelos telefones (0194) 22-6600 e 22-3491. Telex 19 7443.

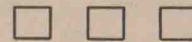
Tanto o 4º Simpósio sobre Nutrição de Bovinos como o 2º Curso de Entomologia Aplicada à Agricultura integram as atividades comemorativas aos 90 anos de Fundação da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.



AGRONOMIA E MODERNIDADE

"Agronomia e modernidade: a quem interessa" é o tema do 17º Congresso Brasileiro de Agronomia que acontece de 16 a 20 de setembro, em Salvador, na Bahia. A promoção é da Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil. O encontro deverá reunir mais de dois mil profissionais da área de todo o país para discutir assuntos como política agrícola e agrária, meio ambiente e desenvolvimento, questão alimentar e abastecimento, pesquisa e extensão, situação das universidades, biotecnologia, microbacias, agricultura nordestina e perspectivas para a

profissão e a ciência no Brasil. No final do encontro os participantes deverão elaborar um documento criticando a Eco-92, o fórum internacional sobre meio ambiente que acontece no Rio de Janeiro no próximo ano e ainda propor a criação de uma lei pelo Congresso Nacional para o uso do solo e da água e ainda alternativas à ocupação desenfreada dos Cerrados. Interessados em participar do Congresso poderão fazer suas inscrições com A. Gomes Congressos pelo telefone (071) 233-5378.



GRADE E PLANTADEIRA

* Troco grade I.B.L. 36 x 20 por roçadeira. Troco também uma plantadeira Fankhauser hidráulica, 6 linhas para soja, por plantadeira Fertiplan-ta da Imasa com distribuição de semente por discos. Tratar fone (055) 332-2582 ou pessoalmente à rua 13 de Maio, 1.093, em Ijuí, com Gross.

TERRAS

* Vende-se 340 hectares de terra localizadas em Porto Mimoso, Barreiros, Bahia. Do total da área, 50 hectares já estão sendo cultivados e 290 são de cerrado leve. A região é servida de boas estradas. A referida área situa-se a 5 quilômetros de uma Escola de 1º grau, a 25 quilômetros de uma usina de calcário e a 15 quilômetros de um posto de recebimento de cereais. Valor do negócio: 10 sacas de soja por hectare. Também recebe-se em troca caminhão ou um trator Massey Ferguson. Interessados poderão entrar em contato com Olindo Marangon, em Sítio Bindé, interior de Campo Novo.

VACAS

* Vende-se uma junta de vacas. Tratar com Amândio Konageski, na Vila Santo Antônio, interior de Ijuí.

NOVILHAS

* Vendem-se 10 novilhas e 10 terneiros da raça Zebu. Interessados poderão tratar com Albino Hanke, em Coronel Barros, Ijuí.

POTROS

* Vendem-se ou trocam-se dois potros com idade de um ano e oito meses. Tratar na recepção da Cotrijuí, Ijuí.

MOTOR

* Vendo um motor de 6 cilindros mercedes, em estado novo. Dilson Zangilorami, Distrito de Chorão, Ijuí.

CAMINHÃO

* Vende-se ou troca-se um caminhão Chevrolet, motor mercedes, ano 73. Interessados no negócio tratar com Luiz Zambra, Vila Salto, Ijuí.

Nesta entrevista o presidente da Ocergs, Hélio Zawatski, antecipa as medidas que estão sendo tomadas para que o sistema retorne sua importância econômica, e fala do documento entregue em mãos do presidente da República

Uma nova estratégia

"O que a sua cooperativa necessita das co-irmãs e demais segmentos do sistema? O que a sua cooperativa tem para oferecer ao sistema? O que temos de bom e produtivo e estamos negligenciando"? Estas e outras perguntas semelhantes estão sendo feitas para o sistema cooperativista do Rio Grande do Sul, pela Ocergs, em manifesto circular endereçado aos dirigentes, e visa, dependendo do nível das respostas, conceituar o estágio atual do cooperativismo no Estado.

Quem diz é o presidente da Organização Central das Cooperativas do RGS, Hélio Zawatski, eleito em maio último para dirigir a entidade. Ele acha que nosso país vive momentos difíceis no âmbito interno, e que são agravados por profundas alterações na comunidade internacional, tendentes a agravarem-se neste final de milênio. E questiona: o que estamos fazendo para minimizar os problemas?

Segundo Zawatski, houve época em que o cooperativismo gaúcho foi exemplo para o cooperativismo brasileiro, merecendo até uma certa inveja da iniciativa privada e a admiração do Estado. E por que, exatamente aqui, onde o sistema foi tão forte e respeitado, ele deveria fraquejar, sucumbir? Será que deixamos de ser competentes?

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO - Foi com a intenção de colocar na mesa dos debates questões como essa que realizamos o Seminário de Planejamento Estratégico do Cooperativismo Gaúcho, de 14 a 16 do corrente, em Caxias do Sul. A Ocergs, deseja saber por que em outras regiões do país o sistema cresce e se fortifica? E mais: que força ainda temos ante a sociedade, ante o Estado e em relação a nós mesmos? Foram questões colocadas pelos debatedores.

No seminário, se questionou a integração, e os debates foram acalorados. Como integrar e associar interesses e responsabilidades num mundo tão dinâmico e de dicotomia variada como a atual, se o sistema não encontrou uma maneira de ele mesmo gerir-se de maneira orgânica, somando seus diversos segmentos? Esperamos que na tabulação de análise dos resultados do Seminário de Caxias do Sul, tenhamos já algumas respostas para essas questões, adverte Hélio Zawatski.

DOCUMENTO A COLLOR - O presidente da Ocergs manifestase muito esperançoso no reerguimento do sistema, no nosso Estado. Ele conta que aproveitando a

presença do presidente Fernando Collor nas festividades comemorativas aos 50 anos da Cooperativa Batavo, do Paraná, dirigentes das OCEs dos três estados do Sul entregaram documento ao chefe da nação, onde foram feitas várias reivindicações.

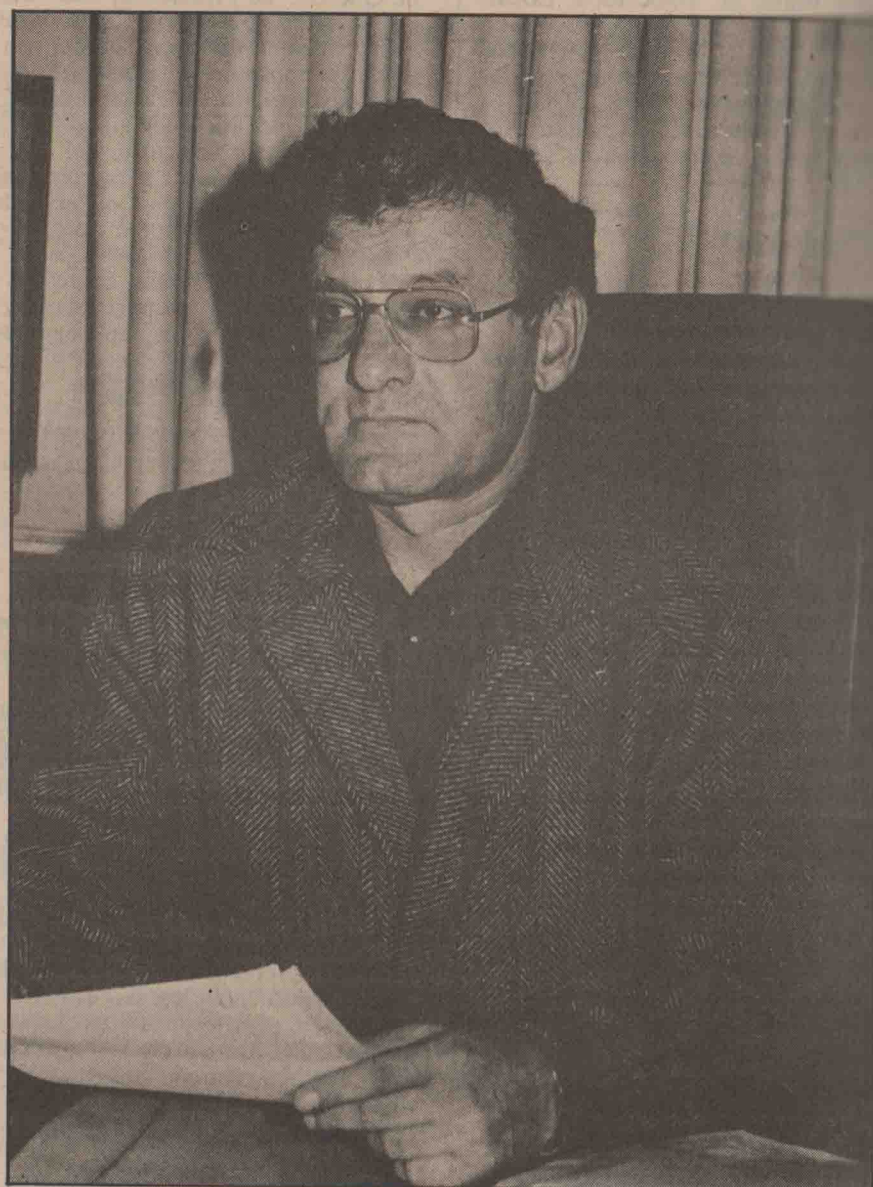
Dividido em seis itens principais, o documento entregue em mãos do presidente da República faz históricos expositivos das diferentes situações e enumera várias solicitações, a seguir, resumidas por Hélio Zawatski:

FINANCIAMENTO DE COTAS-PARTES - Ao longo dos últimos anos, em virtude da escassez de recursos para crédito rural as cooperativas têm se empenhado em acudir os associados com o fornecimento de insumos e outros bens de produção, na figura do troca-troca. Essa política, principalmente na última safra de grãos, salvou o Rio Grande do Sul de um fracasso econômico total. Mas os produtores vivem momento difícil e encontram tremendas dificuldades de saldar seus compromissos com suas cooperativas. O problema, naturalmente, atinge as cooperativas. Descapitalizadas e sem receber o que lhes é devido pelos associados, estão sem possibilidades de voltar a socorrer os sócios caso o governo não retorne aos financiamentos.

CRÉDITOS PARA INVESTIMENTOS - Outro ponto importante inserido no documento entregue ao presidente, segundo Zawatski, refere-se a recursos para crédito de investimentos. Diz que desde meados dos anos 80 a redução sistemática do crédito rural vem inviabilizando os investimentos. Para que se tenha idéia mais nítida a respeito disso, basta dizer que no triênio 1988/1990 os recursos destinados a esse setor alcançou apenas 30 por cento do que foi repassado em 1980/1982.

Essa situação, dramaticamente real, enfatiza o presidente da Ocergs, tem levado ao sucateamento toda uma infra-estrutura de aporte econômico em que sempre se respaldou a agricultura e a própria atividade pecuária. E ainda com maior influência no setor do cooperativismo, onde se encontra a maioria dos pequenos produtores.

POLÍTICA TRIBUTÁRIA - Outro fato colocado com ênfase no documento entregue ao presidente é o que considera como necessidade vital para o reerguimento da economia primária, a revisão da política de tributos. O ônus que pesa sobre a agricultura, especialmente, é um entrave ao seu desen-



Hélio Zawatski, presidente da Ocergs
O que a sua cooperativa ainda pode oferecer?

volvimento.

Embora tenha se reclamado muito da escassez de recursos para investimentos e até para custeio agrícola, é a carga fiscal que incide de forma ainda mais rigorosa sobre os custos de produção e nos preços finais do produto. Aqui se inclui, diz Zawatski, a alíquota do ICMS, que é aplicada sem critérios claramente definidos.

BANCO DAS COOPERATIVAS - A necessidade de revisão das normas de funcionamento das cooperativas de crédito, eliminando-se a discriminação que sofrem em relação ao sistema bancário tradicional, faz com que se apresse as condições e possibilidades de criação do Banco das Cooperativas. Mas é de suma importância, talvez até mais do que a formação de um banco sem o adequado suporte financeiro, que se retire algumas barreiras que dificultam a grande prestação de serviços que é feita pelas cooperativas de crédito. De qualquer maneira, como se inclui no documento, o banco é um impor-

ante objetivo que deve ser concretizado.

REFORMA AGRÁRIA - A participação das cooperativas de crédito e de produção na reforma agrária, é de singular importância, resalta Hélio Zawatski. Ele entende que o potencial que o cooperativismo detém para promover assentamentos de agricultores, não pode continuar sendo desprezado pelo governo.

Para ele, é notório que a experiência do cooperativismo, já colocada à disposição e em benefício da sociedade, tem resultado no assentamento de extensas áreas de terra a custos bem inferiores aos alocados quando promovidos pelo poder público. Isso deve ser retomado.

Finalmente, resalta a importância do sistema cooperativista referenciada pela nova Constituição, mas que carece de aplicação, na prática e na realidade do dia-a-dia dos brasileiros, na expressão enfática do dirigente cooperativista.



ESPECIAL

economia & meio ambiente

COTRIJORNAL IJUÍ, AGOSTO/91



VIRADA REGIONAL



ESPECIAL

O sucateamento do sistema produtivo baseado no monocultivo, obriga a região a buscar novas estratégias de crescimento

Para sair da estagnação

"Vivemos em uma região essencialmente agrícola, portanto, nada mais importante do que cuidarmos bem da base dessa economia que é a terra". A frase é do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva e foi dita durante inúmeras reuniões e encontros mantidos com produtores, prefeitos, professores, pesquisadores, sindicalistas e gerentes bancários de toda a região abrangida pela área de atuação da Cooperativa. A afirmação resume em parte uma proposta de reordenação do perfil produtivo e que se justifica pela estagnação econômica e social de produtores e municípios e até do próprio setor empresarial que abastece esta comunidade.

Findada a época de crédito rural abundante, a maioria dos produtores constata hoje que o grande filão não foi tão milagroso quanto parecia. Por ser dirigido, proporcionou a mecanização da lavoura com a instalação do modelo trigo-soja, porém, ao se esgotar, colocou o produtor numa situação de xeque-mate. Quais foram os grandes benefícios trazidos por esta fase? A pergunta pode até ter uma resposta demorada para quem ainda não se deu conta do impasse vivido pela economia regional. Mas para quem acompanhou o processo evolutivo dessa agricultura, certamente verá que esses benefícios não estão nas condições precárias do solo e nas ridículas médias de produtividade, seja do grão ou da produção animal, que se tornam a cada dia menos competitivas diante de uma concorrência eficiente e de um mercado cada vez mais exigente por qualidade.

FRAGILIDADE ECONÔMICA - Em função desse descompasso não é modesta a fragilidade agrícola apresentada diante de frustrações climáticas quase que rotineiras nos últimos dez anos. Fragilidade esta que se reflete de forma significativa na própria estrutura da Cooperativa, a qual, como entidade

atuante da economia nacional e internacional, não pode manter posturas paternalistas de tempos atrás. A própria economia regional se encolhe na medida em que o grande potencial consumidor não é aproveitado, assim como são cada vez maiores as dificuldades dos municípios em resolver problemas sociais como o crescente êxodo rural.

É claro que a resolução de grande parte dos problemas que ocasionam a descapitalização do produtor rural não se esgota na vontade individual ou de lideranças regionais. Dependem sim, de decisões federais. Contudo, estão aí a comprovar os saldos das alternativas regionais, as cooperativas de crédito que assumem aos pou-

ção de uma indústria de cereais pela Cotrijuí, a qual deve abrir um grande potencial de mercado para os produtos diversificados, e ao mesmo tempo, incentivar a economia local para a estruturação de indústrias de ponta, geradoras de maiores tributos e capazes de balançar o marasmo econômico regional.

ESFORÇO COMUM - Para chegar até este patamar de desenvolvimento, no entanto, a Cotrijuí entende que é preciso antes de mais nada alterar profundamente a raiz de grande parte dos problemas enfrentados pela agricultura regional, ou seja, as condições de um solo, que ao longo dos anos não vem sendo tratado com a importância econômica que ele representa.

gião. É um projeto extenso e de longo prazo, mas que possui condições de ser implantado a partir de agora, desde que a divisão de responsabilidades seja compreendida como a estratégia fundamental nesse processo de mudança do sistema produtivo.

Paralelamente a este que poderia ser entendido como um projeto econômico regional, também o produtor é convocado a fazer a sua parte, através de um planejamento das atividades de produção, levando-se em conta o uso racional do solo e as potencialidades de mercado para cada um dos setores da agropecuária. O redimensionamento das propriedades já tem uma avaliação econômica realizada pela equipe técnica da Cotrijuí.



Monocultivo:
Sucateamento leva a uma nova estratégia

cos o papel de financiadoras da produção e a própria estruturação do sistema de diversificação, incrementado desde 1972 pela Cotrijuí, através da convicção do esgotamento do monocultivo.

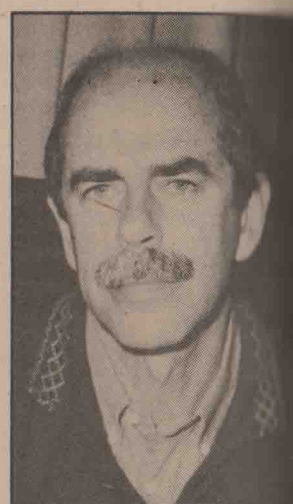
A experiência da diversificação que hoje se traduz em alternativas de produção concretas pode ser avaliada desde o aproveitamento integral das forrageiras para qualquer atividade da produção animal, ou como complementação de rotação de culturas, se estendendo até a produção de peixe, voltada não apenas a comercialização da carne como também a industrialização. E afora o próprio trabalho de campo, pode ser avaliada ainda em cima de grandes projetos agroindustriais como o da instala-

Mais do que uma preocupação ecológica, o Programa Solos, lançado em convocação para a região, trata do assunto, esmiuçando em todos os seus itens a realidade da produção, as medidas que devem ser administradas, os recursos previstos para cada um dos seus projetos e inclusive projeta os ganhos de produtividade, e portanto, financeiros que pode trazer.

Por toda a sua especificidade é que o Programa Solos não se configura como um projeto exclusivo da Cooperativa - ele não trata de necessidades de correção ou de número de máquinas para atividades, somente -, mas sim como uma proposta para ser encaminhada a partir da vontade política de todos os segmentos ativos da re-

ra, ou ainda propor modelos exóticos, a proposta comprova antes de mais nada o sucateamento do modelo trigo-soja e a potencialidade econômica da diversificação planejada, estabelecida em cima de potenciais fundiários e estruturada com um maior gerenciamento tecnológico.

Por tudo isso, a virada regional para viabilizar um novo perfil econômico quer envolver todos os segmentos da região, apostando num primeiro momento no reconhecimento da necessidade de mudança econômica e por compreender, que, para sua realização, onde se inclui estabelecimento de prioridades, treinamento, qualificação e logicamente um bom volume de recursos, a briga vai ter de ser conjunta.



Ruben Ilgenfritz da Silva

que há mais de dois meses vem discutindo com os associados a idéia da verticalização da produção diversificada. Sem excluir nenhuma atividade praticada até hoje ou subestimar atividades de grande significação como o setor de hortigranjeiros e fruticultura,

COTRIJORNAL

CADERNO ESPECIAL

EDIÇÃO E PRODUÇÃO

Carmem Rejane A. Pereira e
Dária C. Lemos de Bum Lucchese

COLABORADORES

- Rivaldo Dhein
- João Miguel de Souza
- Volney de Mattos Viau
- Leo Goi
- Luiz Juliano

REVISÃO

Sérgio Corrêa



Formado por cinco grandes projetos, o Programa de Solos e Meio Ambiente quer contribuir para melhoria das condições de vida no campo e na cidade

Solução pela raiz

Tão amplo quanto o próprio nome, o Programa de Racionalização da Agropecuária e da Exploração Preservacionista do Solo e do Meio Ambiente na Região Pioneira da Cotrijuí - Programa de Solos elaborado pelo engenheiro agrônomo e pesquisador Rivaldo Dhein, o economista Rural Carlos Juliani e com o apoio de todo o departamento técnico da Cooperativa é o principal ponto de ligação para se chegar a uma nova postura produtiva na região.

Na base das suas projeções está a própria história da agropecuária local, os efeitos de um longo período de monocultivo e as médias de produtividade que hoje não possuem relação nenhuma com outras regiões competitivas. São apenas 1700 quilos de soja por hectare, 2000 mil quilos por hectare de milho e ao redor de 10 leitões por porca ao ano, somente para citar alguns exemplos resultantes de um modelo produtivo voltado basicamente para a exportação e com práticas agrícolas irracionais que aceleraram o processo de degradação física, química e biológica do solo e do meio ambiente.

As consequências sociais desse modelo de produção são gravíssimas. O ponto de hoje poder se contar nos dedos os produtores satisfeitos com suas atividades. É claro que para isso contribui em muito o sumiço de um crédito antes abundante e mal distribuído, e também, embora alguns não reconheçam, o esgotamento do maior patrimônio da agricultura, ou seja, o solo, representado por um exíguo teor de matéria orgânica na terra: em média apenas um por cento das terras agricultáveis e abrangidas pela atuação da Cotrijuí apresentam teores de MO consideradas altas. Os índices de erosão ainda são alarmantes, embora toda a incorporação de novas tecnologias e insumos. Não é a toa, portanto, a exclusão de 480 mil agricultores do campo em todo o Estado, durante a década de 80, dos quais uma boa parte são oriundos desta região.

FAIR DO IMPASSE - Em cima desse impasse econômico e social é que o Programa Solos pretende atuar, atacando não somente uma ou duas frentes como se fez no passado, mas em tudo o que estiver para ser feito seja no âmbito da lavoura ou do município. Por isso, sua realização está ligada diretamente à ação do produtor e também dos órgãos públicos e privados vinculados à agropecuária, mantendo com todos duas grandes metas.

A primeira é a de que se reverta o quadro de degradação do meio ambiente através do trabalho integrado da comunidade e da aplicação de tecnologias modernas e adequadas, poupadoras de insumos químicos e divisas. Além disso, que se busque a independência e auto-sustentação das propriedades, promovendo o planejamento e a utilização racional dos espaços, dentro de um enfoque ecológico da produção agro-silvo-pastoril, aumentando a produtividade e consequentemente elevando o nível de vida da população rural e urbana.

A segunda meta diz respeito à mobilização de todas as entidades convocadas para viabilizar a busca de recursos financeiros estimados atualmente em 200 milhões de dólares para serem aplicados dentro de um prazo de 10 anos. As cifras, embora assustem de início, servem para mostrar a amplitude do programa detalhado abaixo. Serve também para dimensionar o valor do retorno de algumas das inúmeras ações contempladas pelo programa, e que poderão ser colocadas em prática a curto prazo, como é o caso da adubação orgânica decorrente da reestruturação da suinocultura. Somente com esta atividade a região poderá ganhar em um ano um milhão e 500 mil metros cúbicos de esterco líquido (adubo orgânico) que representa em valor de fertilizantes quase um terço do total de recursos previstos para o total do programa.

Contemplando todos os municípios sedes das unidades da Região Pioneira da Cotrijuí, incluindo as suas áreas de atuação, o Programa Solos vai abranger um total de 594 mil hectares de terra, através de cinco grandes subprojetos:

1. **Projeto de ocupação racional do solo:** Pretende distribuir as culturas sobre os solos, de acordo com a sua capacidade de uso, isto é, respeitando as suas aptidões. Além disso, o respeito à lei - Código Florestal Brasileiro - reflorestando diversas áreas inadequadas à agricultura e buscando a recomposição florestal em 20 por cento da superfície. A tabela 1 apresenta uma estimativa de comprometimento atual e futuro de áreas como por exemplo das matas e florestas, das pastagens perenes, fruticultura, etc. Para o subprojeto de reflorestamento prevê-se a necessidade de implantação de cerca de 16 novos viveiros de produção de mudas - 500.000 mudas/ano cada - na região, além da ampliação e modernização de mais 15 dos atuais.

2. **Projeto de correção de acidez**

ESTIMATIVA DE COMPROMETIMENTO ATUAL E FUTURO (ANO 2001) DE ÁREAS E DISPONIBILIDADES PARA EXPLORAÇÃO COMERCIAL. REGIÃO PIONEIRA-COTRIJUI

Estimativa de comprometimento	Atual (ha)	Alterações neces. (ha)	Meta 2001 (ha)
A) MATAS E FLORESTAS/REFLORESTAMENTO			
— Matas ciliares/margens cursos d'água - essências nativas	30.000	+ 89.000 (1)	119.000
— Matas p/consumo nas propriedades - essências nativas	1.000	+ 8.000 (2)	9.000
— Outras matas de interesse ecológico e comercial	1.500	+ 6.000 (3)	7.500
* 90 por cento essências exóticas	27.500	+ 75.000	102.500
* 10 por cento essências nativas	(24.750)	(+ 67.500)	(92.250)
B) PASTAGENS PERENES — total	(2.750)	(+ 7.500)	(10.250)
— Nativas	43.000	—	43.000
— Nativas melhoradas	(26.500)	(— 20.000)	(6.500)
— Cultivadas	—	(+ 10.000)	(10.000)
C) FRUTICULTURA (4)	(16.500)	(+ 10.000)	(26.500)
D) ERVA MATE	1.500	+ 3.500 (4)	5.000
E) PISCICULTURA	2.300	+ 1.200	3.500
F) ÁREAS COMPROMETIDAS C/ATIVIDADES NÃO AGRÍCOLAS	250	+ 1.750	2.000
— Estradas no conjunto (1,1 por cento da área)	46.300	—	46.300
— Centros populacionais urbanos + rurais (4 por cento)	(6.600)	—	(6.600)
— Beneficentários e área de lazer nas propriedades (2,0 por cento)	(26.500)	—	(26.500)
G) OUTRAS CULTURAS E CRIAÇÕES DE SUBSISTÊNCIA (10 por cento)	(13.200)	—	(13.200)
H) ÁREAS DISPONÍVEIS PARA EXPLORAÇÃO COMERCIAL ANUAL	45.250	+ 5.450	50.700
ÁREA SUPERFICIAL TOTAL REGIONAL	426.300	— 100.900	325.400

(1) A meta foi estabelecida de acordo com a legislação vigente, que prevê a cobertura florestal de 20 por cento das terras.
(2) A Meta prevê a manutenção de faixas de 10m florestadas, nas margens dos cursos e reservatórios de água. Estima-se que cerca de 10 por cento desta área ainda esteja ocupada por vegetação arbórea nativa.
(3) Estima-se que, em média, todas as propriedades tenham pelo menos 0,5 hectares de área imprópria para agricultura e/ou criação, que possa ser reflorestado.
(4) A meta inclui a implantação de 1.500 ha de citrus dentro do programa de citricultura.

e fertilidade do solo: Estima a recuperação total da fertilidade do solo que continuará sendo explorado em culturas anuais, em 10 anos - em 290.000 hectares, portanto. As necessidades dos corretivos são de acordo com a média ponderada das análises de solo - cerca de 2.000 - realizadas na Cotrijuí, em 1989/90, ou seja: 3.500 Kg/ha de calcário; 53 Kg/ha de P205 e 62 Kg/ha de K20. As necessidades totais de corretivos são: - 1.025.000 t de calcário; 15.370 t de P205 - 34.155 t superfosfato triplo ou equivalente -; 17.980 t de K20 - 29.967 t de cloreto de potássio. Para viabilizar a execução deste projeto, prevê-se instalar ainda depósitos de calcário e corretivos em todos os municípios da região da Cotrijuí - onde ainda não existem -, dotando cada um deles, com caminhões distribuidores de calcário. A nível de produtores está prevista a colocação de distribuidores de calcário traçoados.

3. **Projeto de conservação do solo e da água em bacias hidrográficas:** Deverá ser substituído o sistema de terraços de base estreita com gradiente pela base larga em nível, em 275.000 hectares, em 10 anos, prevendo-se recursos - financiamentos - para isto. Paralelamente está programada a ade-

quação - desbarrancamento - de estradas em 8.000 Km de estradas municipais. Estima-se ainda a necessidade de recursos para o financiamento de subsoladores e semeadeiras de plantio direto - a nível de produtor -, patrulhas mecanizadas - para associações de produtores - e ainda parques de máquinas adequadas à execução deste trabalho, para as prefeituras dos municípios que integram a área da Região Pioneira da Cotrijuí.

4. **Projeto de alternativas poupadoras de energia na agricultura:** Dentro deste projeto estão contempladas a adubação verde e a adubação orgânica baseada em resíduos animais e vegetais da propriedade, mais resíduos orgânicos, urbanos e industriais reciclados. Dessa forma, se pensa na construção de estrumeiras e na aquisição de distribuidores de esterco a nível municipal - ou associação de municípios pretende-se instalar três pequenas usinas de reciclagem de lixo urbano/industrial, orgânico e inorgânico.

5. **Projeto de recuperação e controle ambiental:** Prevê a instalação de, em toda a Região Pioneira, de depósitos de lixo tóxico e de abastecimentos comunitários.

RESUMO DAS NECESSIDADES DE RECURSOS-ANUAIS E ACUMULADAS - 1992-2001

	1992/93	1993/94	1994/95	1995/96	1996/97	1997/98	1998/99	1999/00	00/2001	TOTAL US\$ 10 ANOS	CONTRAPARTIDA US\$ - 10 ANOS
Projeto de ocupação racional do solo	2.451.604	2.960.393	3.903.344	5.114.601	6.196.713	6.964.967	7.855.898	8.775.937	9.477.384	53.702.841	43.619.486
Projeto de conservação do solo e água em bacias hidrográficas	7.257.110	5.897.070	4.732.856	4.742.386	3.568.642	3.521.142	2.347.428	2.347.428	1.673.714	35.587.746	10.353.990
Projeto de alternativas poupadoras de energia	5.689.188	6.590.777	6.863.477	3.274.345	3.809.245	3.353.745	3.226.845	3.063.645	2.982.045	38.953.312	13.760.729
Projeto de recuperação e controle ambiental	200.595	200.595	231.620	185.730	185.730	178.030	178.030	162.395	162.395	1.685.130	798.890
	17.748	17.748	17.748	17.748	17.748	—	—	—	—	88.740	178.140
TOTAL GERAL/ANO 10 ANOS	15.616.245	15.766.583	15.749.045	13.334.780	13.780.078	14.017.884	13.608.201	14.349.405	13.795.538	130.017.769	68.720.235



Redimensionar a propriedade e trabalhar com escalas mínimas, é a proposta da Cotrijuí para reestruturar o sistema produtivo da região

Diversificação planejada

As médias de produtividade alcançadas nos últimos 10 anos mostram que está na hora de mudar radicalmente o sistema produtivo da região. "Se repetirmos em 90 o que foi produzido na década de 80, não sei o que vai sobrar na região", tem falado insistentemente o pesquisador do CTC João Miguel de Souza, um dos autores do projeto de verticalização da diversificação tentando fazer o produtor entender que a agricultura só sobreviveu a quatro frustrações em 10 safras porque vinha sendo amparada por uma situação conjuntural, onde o crédito era relativamente abundante, os juros mais baixos e o preço do trigo sempre alto, "acima do preço praticado no mercado internacional".

A grande virada na agricultura da região passa por uma reorganização da propriedade, onde o produtor terá de buscar uma especialização para as suas atividades, sustentadas por um forte sistema de diversificação. Essa é a proposta da Cotrijuí para reestruturar o já desnutrido sistema produtivo da região. "Não vamos fazer nada do que já não sabemos fazer. Só precisamos ampliar nossos conhecimentos sobre essas atividades, juntando a elas ainda uma dimensão econômica mais forte", têm dito os pesquisadores insistindo para a necessidade de movimentar o que costumam chamar de indústria da agricultura, "que é na verdade a indústria da região".

Toda essa proposta que vem sendo discutida nos encontros com produtores, lideranças e autoridades da região e que certamente deverá implicar na construção de uma nova postura no comportamento dos agricultores, bate em questões como planejamento gerencial e o estabelecimento de escalas mínimas de produção. "Precisamos ter uma resposta econômica de nossas atividades", têm frisado pesquisadores e técnicos referindo-se a estagnação da produção regional, fruto de médias de produtividades, tanto na área animal como na área de grãos, incompatíveis com os custos de produção.

A situação chama ainda mais a atenção quando se compara as médias de produtividade da região com as alcançadas por produtores de outros estados ou até mesmo de outros países, como ocorre com a Argentina, hoje muito mais para uma forte concorrente do que para uma boa vizinha. Essa ineficiência produtiva começa pela produção de grãos, para os quais a Argentina já está projetando um volume de 47 milhões de toneladas para o ano de 1995. Na área de leite, também muito destacada, as distorções em termos de produtividade são ainda mais acentuadas. "Temos o maior rebanho de gado leiteiro do mundo - 18 milhões de animais -, mas produzimos apenas 13 bilhões de litros de leite ao ano." Na Argentina, onde o rebanho chega a 2,9 milhões de animais, a produção é de seis bilhões de litros de leite por ano, com uma projeção para 1995 de uma produção de nove bilhões de litros.

Ao insistir na necessidade do produtor adequar-se a essa nova realidade de ganhos de produtividade e também de mercado, os pesquisadores lembram que a média regional de produção não passa de 23 litros de leite ao dia por

SUINOCULTURA (CICLO COMPLETO)		
ÁREA UTILIZADA COM AGRICULTURA COMERCIAL, COM OCUPAÇÃO PERMANENTE E COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, EM PROPRIEDADE ESPECIALIZADA NA PRODUÇÃO DE SUÍNOS E DE GRÃOS. CTC - 1991		
EXPLORAÇÃO	INVERNO (ha)	VERÃO (ha)
1. Agricultura comercial:		
— Suinocultura — Milho	—	10,00
— Forragem (1)	0,50	0,50
— Soja	—	4,50
— Trigo/Cereais	6,00	—
— Outras culturas e inverno (adubação verde, pastagens)	9,50	—
SUB-TOTAL	16,00	15,00
2. Ocupação permanente:		
— Área florestada (2)	5,00	5,00
— Pomar e horta	0,25	0,25
— Benfeitorias	0,50	0,50
— Açude (piscicultura)	1,00	1,00
SUB-TOTAL	6,75	6,75
3. Agricultura de Subsistência	2,25	3,25
SUB-TOTAL	2,25	3,25
TOTAL GERAL	25,00	25,00

(1) Alfafa, mandioca, batata doce, abóbora, cana, etc.

(2) A meta de 20 por cento de área florestada pode ser programada para ser atingida em 5 anos. Durante este tempo, a área pode ser utilizada com outras culturas.

produtor, acima da estadual e da nacional, mas que não chega a se aproximar da média Argentina, de 277 litros/dia. Isso significa que a nossa média é ainda menor do que a média do produtor argentino que menos vende leite por dia, ou seja, aquele que comercializa apenas 80 litros de leite ao dia. Acima deste estão aqueles que vendem 1.900 litros/dia; os que vendem 1.200 litros/dia e ainda os que comercializam pouco mais de 320 litros/dia.

As médias de produtividade da região não perdem apenas para a vizinha Argentina. Os patamares produtivos alcançados pelos produtores da Bata-vo, uma cooperativa do interior do Paraná, mostram como tudo é uma questão de redimensionamento das atividades, da eleição de prioridades.

Contando com um rebanho de pouco mais de 18 mil animais, os produtores desta região do Paraná alcançaram em 1990, uma média de 14,97 litros de leite por animal. Na região essa média anda apertada entre 5,0 a 5,2 litros por animal. A meta dos associados da Bata-vo é chegar em 1995 com um rebanho de 22 mil animais e uma média de 17 litros/dia. 28 mil animais e uma média de 19,68 litros/dia é a projeção para o ano 2.000, sendo que, nesta ocasião, 25 por cento destes animais já deverão estar produzindo 30 litros/dia ou nove mil litros por lactação.

Os produtores associados da Bata-vo dão ainda mais uma lição de produtividade nas suinoculturas. Até o ano de 1986, a média de leitões desmamados por porca/ano não passava de 18. Ano passado essa média pulou para 20 leitões porca/ano e a projeção para os próximos cinco anos é de 22 leitões desmamados porca/ano. Só que 25 por cento dos produtores que trabalham com suínos, numa atividade especializada, já ultrapassaram essa barreira dos 22 animais por porca/ano. "Trabalhar

BOVINOCULTURA DE LEITE

ÁREA UTILIZADA COM AGRICULTURA COMERCIAL, COM OCUPAÇÃO PERMANENTE E COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, EM PROPRIEDADE ESPECIALIZADA NA PRODUÇÃO DE LEITE E NA PRODUÇÃO DE GRÃOS. CTC - 1991

EXPLORAÇÃO	INVERNO (ha)	VERÃO (ha)
1. Agricultura comercial:		
— Bovinos de leite (10 vacas mais 05 animais: 15 U.A.)	—	—
— Pastagem perene	3,50	3,50
— Alfafa	1,50	1,50
— Pastagem anual	6,00	3,00
— Grãos/Cereais (*)	3,50	—
— Soja	—	5,00
— Milho	—	3,00
— Trigo/Cereais	3,50	—
SUB-TOTAL	18,00	16,00
2. Ocupação permanente:		
— Área florestada (2)	5,00	5,00
— Pomar e horta	0,25	0,25
— Açude (piscicultura)	0,25	0,25
— Benfeitorias	0,50	0,50
SUB-TOTAL	6,00	6,00
3. Agricultura de Subsistência	1,00	3,00
SUB-TOTAL	1,00	3,00
TOTAL GERAL	25,00	25,00

(*) Funciona como reserva forrageira, podendo ainda ser fenada ou ensilada.

(2) A meta de 20 por cento de área florestada pode ser programada para ser atingida em 5 anos. Durante este tempo, a área pode ser utilizada com outras culturas.

com uma média inferior a 15 animais desmamados por porca/ano é propor um mau negócio aos nossos cooperados", têm justificado os pesquisadores. **VÁRIAS OPÇÕES** - Sem impor novas atividades e levando em consideração as características de cada propriedade, "pois cada uma delas representa um planejamento" e ainda as tendências agrícolas de cada produtor, a proposta de verticalização da produção diversificada

através da integração de escalas mínimas que vem sendo colocada pela Cotrijuí deixa aos seus associados várias opções. "O que se quer descobrir é como combinar estas atividades na propriedade para que elas sejam econômicas e proporcionem renda aos associados da cooperativa".

Pela proposta em discussão, o produtor vai poder trabalhar com suinocultura - ciclo completo - e mais grãos, pecuária de leite e grãos e ainda a produção de bovinos e grãos. Para os três tipos de propriedade, que também variam de tamanho, a proposta inclui uma estrutura de apoio formada pela produção comercial, produção de subsistência e ainda por áreas permanentes - matas, açudes, hortas e pomar. **SUÍNOS E GRÃOS** - Além de trabalhar com suínos, no caso de uma propriedade de 25 hectares, o produtor vai continuar plantando soja e trigo. Esse produtor deverá partir de um plantel de 10 matrizes e, para isso, obrigatoriamente, terá de fazer 10 hectares de milho. "Não podemos propor uma produção de suínos sem milho na propriedade", reforça um dos autores do programa. A soja deverá ocupar 4,5 hectares e o trigo poderá dividir com outras culturas de inverno - aveias, cevada, colza, entre outras -, uma área de 16 hectares. A área florestada deverá ocupar cinco hectares de um total de 6,75 hectares. O restante será destinado ao pomar, a horta e ainda a piscicultura, que tomará um hectare.

Essa escala mínima de 10 matrizes por propriedade, além de reduzir os custos de produção, vai possibilitar treinamento de mão-de-obra. "Com duas ou três matrizes, a média da região por propriedade até o ano passado, nenhum produtor pode pensar em resultados econômicos, técnicos ou em treinamento de mão-de-obra", assinalam os pesquisadores citando um antigo ditado popular, "fundamental para o sucesso de qualquer atividade: coragem de fazê-la, conhecimento e trabalho".

A meta para quem vai trabalhar com suinocultura e grãos, dentro da proposta da Cotrijuí e considerando uma propriedade de 25 hectares é de 15 leitões desmamados por porca/ano. "Essa é uma meta ainda modesta, mas que poderá levar o produtor a investir em treinamento de mão-de-obra".

Essas 10 matrizes propostas deverão resultar em 150 leitões desmamados por ano, e em algo em torno de 103 toneladas de adubo. Utilizando uma média de 15 toneladas desse adubo por hectare, esse produtor terá em casa mesmo, adubo para sete hectares de lavoura e que representa a aplicação de 400 quilos por hectare de adubo da fórmula 19-16-18.

Esse é um modelo - suinocultura e grãos - mais especializado, mas além dele poderão existir propriedades trabalhando com suínos, leite, grãos e peixes. Só que essa propriedade precisa ajustar a mão-de-obra ao conhecimento. "Não podemos mais continuar fazendo de tudo e um pouco na propriedade e mal feito. Para se alcançar alguma escala de produção, tem que existir alguém na propriedade que entenda de suínos, alguém que entenda de leite e alguém que entenda de peixes", dizem

ada

A especialização de cada uma

indo na questão da especialização de uma das formas para que o produtor alcance patamares de produtividade elevados.

E E GRÃOS - Uma outra opção para a pecuária leiteira com a produção de grãos. Essa propriedade também de trabalhar com escalas mínimas de produção, traduzidas no resultado alcançado pelos 15 animais propostos dos quais em lactação. É uma produção que, a exemplo da anterior, continuar se especializando na produção de grãos, mas terá de produzir 10 litros de leite/dia, "no mínimo", para ser eficiente. Além da questão da especialização do pessoal envolvido na atividade - treinamento de mão-de-obra -, essa produção de 100 litros/dia proporcionará uma redução no frete representando de 12 a 13 por cento no custo de produção. Mas essa redução no frete para sete/oitto por cento só será possível se a meta de 100 litros/dia for realmente alcançada.

Para chegar a uma produção de 100 litros/dia, o produtor vai ter de trabalhar sustentando por áreas de pastagens perenes e anuais, tanto de inverno como de verão, "além da silagem", grãos do trigo, da soja e do milho na "ração". Também vai contar com a agricultura de subsistência, área florestada, pomar, horta e piscicultura. O alcance desses novos patamares de produtividade que estão sendo colocados pela cooperativa e que chegam a 15 animais desmamados por porca/ano ou 100 litros de leite/dia, passam sendo os pesquisadores, por algumas alternativas, entre as quais o conhecimento, "pois a tecnologia nós já dispomos".

Para as propriedades médias ou de porte maior, com área ao redor dos 200 hectares, a proposta da Cotrijal apresenta três sugestões: terminação de bovinos e grãos; bovinocultura de leite e grãos e terminação de suínos, bovinos e grãos. Para cada propriedade ou sugestão de atividades, a proposta é de uma relação comercial semelhante a de uma propriedade de 25 hectares, sempre permanecendo a agricultura de subsistência.

Para a primeira sugestão calcula-se a terminação de 180 bois por ano, mantendo-se, para tanto, uma área de pastagem perene de 10 hectares - no verão e no inverno - e de 100 hectares de pastagens anuais no inverno e 38 hectares de soja e 34 hectares de milho. O trigo e outros grãos de inverno deverão ocupar uma área de 45 hectares. O total da área ocupada com a agricultura comercial chega a 155 hectares no inverno e 153 hectares no verão. Para área florestada, pomar, horta e piscicultura vão somar, juntos, 42 hectares.

Essa mesma propriedade pode ainda se especializar na produção de leite e suínos associados à produção de grãos. "Temos certeza de que vamos ter na região propriedades trabalhando apenas com a terminação de suínos, porque seu proprietário vai participar de uma Apisat, onde se produz leitões", ou comprar leitões pesando em torno de 20 quilos, de um produtor especializado na produção de leitões, assinalam os pesquisadores. A sugestão para esta proposta é de que o produtor trabalhe com uma média de 180 bois/ano e 700 suínos/ano. A terminação dos 180 bois vai exigir, por exemplo, abundância em pastagens. "Estamos sugerindo 100 hectares, mas sabemos que vai sobrar pasto. Só que estamos considerando no caso a fertilização de nossos solos a partir da incorporação de matéria orgânica", explicam justifi-

TERMINAÇÃO BOVINOS - GRÃOS			
ÁREA UTILIZADA COM AGRICULTURA COMERCIAL, COM OCUPAÇÃO PERMANENTE E COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, EM PROPRIEDADE ESPECIALIZADA EM TERMINAÇÃO DE BOVINOS E NA PRODUÇÃO DE GRÃOS. CTC - 1991			
	EXPLORAÇÃO	INVERNO	VERÃO
	(ha)	(ha)	(ha)
1. Agricultura comercial:			
— Bovinos de corte (bois 300 Kg 80 no verão e 100 no inverno)			
— Pastagem perene	10,00	10,00	
— Pastagem anual	100,00	38,00	
— Soja	—	71,00	
— Milho	—	34,00	
— Trigo/Cereais	25,00	—	
— Outros grãos	20,00	—	
SUB-TOTAL	155,00	153,00	
2. Ocupação permanente:			
— Área florestada (2)	40,00	40,00	
— Pomar e horta	0,25	0,25	
— Benfeitorias	0,75	0,75	
— Açude (piscicultura)	1,00	1,00	
SUB-TOTAL	42,00	42,00	
3. Agricultura de Subsistência	3,00	5,00	
SUB-TOTAL	3,00	5,00	
TOTAL GERAL	200,00	200,00	

(2) A meta de 20 por cento de área florestada pode ser programada para ser atingida em 5 anos. Durante este tempo, a área pode ser utilizada com outras culturas.

cando a proposta de 100 hectares em vez de 50 hectares de pastagem anual.

Para a terceira proposta - bovinocultura de leite, mais grãos - a meta é de 350 litros de leite/dia para um plantel de 50 animais, sendo que 35 em lactação. Para esta alternativa econômica, a sugestão é de que o produtor trabalhe com 25 hectares de pastagem perene no inverno e verão, mais cinco hectares de alfafa e 50 hectares de pastagem anual no inverno e 20 hectares no verão. A soja vai ocupar 62 hectares e o milho 41 hectares. Dos 75 hectares destinados a produção de grãos de inverno, 50 hectares serão reservados para o trigo e o restante para outros grãos.

BOVINOCULTURA DE LEITE - GRÃOS

ÁREA UTILIZADA COM AGRICULTURA COMERCIAL, COM OCUPAÇÃO PERMANENTE E COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, EM PROPRIEDADE ESPECIALIZADA NA PRODUÇÃO DE LEITE E DE GRÃOS. CTC - 1991

	EXPLORAÇÃO	INVERNO	VERÃO
	(ha)	(ha)	(ha)
1. Agricultura comercial:			
— Bovinos de leite (35 vacas mais 15 animais: 50 U.A.)			
— Pastagem perene	25,00	25,00	
— Alfafa	5,00	5,00	
— Pastagem anual	50,00	20,00	
— Soja	—	62,00	
— Milho	—	41,00	
— Trigo/Cereais	50,00	—	
— Outros grãos	25,00	—	
SUB-TOTAL	155,00	153,00	
2. Ocupação permanente:			
— Área florestada (2)	40,00	40,00	
— Pomar e horta	0,25	0,25	
— Benfeitorias	0,75	0,75	
— Açude (piscicultura)	1,00	1,00	
SUB-TOTAL	42,00	42,00	
3. Agricultura de Subsistência	3,00	5,00	
SUB-TOTAL	3,00	5,00	
TOTAL GERAL	200,00	200,00	

(2) A meta de 20 por cento de área florestada pode ser programada para ser atingida em 5 anos. Durante este tempo, a área pode ser utilizada com outras culturas.

TERMINAÇÃO DE SUÍNOS, BOVINOS E GRÃOS

ÁREA UTILIZADA COM AGRICULTURA COMERCIAL, COM OCUPAÇÃO PERMANENTE E COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, EM PROPRIEDADE ESPECIALIZADA NA TERMINAÇÃO DE BOVINOS E NA PRODUÇÃO DE GRÃOS. CTC - 1991

	EXPLORAÇÃO	INVERNO	VERÃO
	(ha)	(ha)	(ha)
1. Agricultura comercial:			
— Bovinos de corte (bois 300 Kg 80 no verão e 100 no inverno)			
— Pastagem perene	10,00	10,00	
— Pastagem anual	100,00	38,00	
— Soja	—	71,00	
— Milho (3)	—	34,00	
— Trigo/Cereais	25,00	—	
— Outros grãos	20,00	—	
SUB-TOTAL	155,00	153,00	
2. Ocupação permanente:			
— Área florestada (2)	40,00	40,00	
— Pomar e horta	0,25	0,25	
— Benfeitorias	0,75	0,75	
— Açude (piscicultura)	1,00	1,00	
SUB-TOTAL	42,00	42,00	
3. Agricultura de Subsistência	3,00	5,00	
SUB-TOTAL	3,00	5,00	
TOTAL GERAL	200,00	200,00	

(2) A meta de 20 por cento de área florestada pode ser programada para ser atingida em 5 anos. Durante este tempo, a área pode ser utilizada com outras culturas.

(3) Será transformado na propriedade para a terminação de 700 suínos/ano.

Receita econômica

Mas por que reorganizar a produção da região? Respostas é que não faltam para uma questão aparentemente simples. As médias de produtividade praticadas na região nestes últimos 10 anos estão baixas e precisam, urgentemente, serem modificadas. Continuar mantendo no monocultivo, tendo apenas soja e o trigo como opções econômicas, é insistir num erro que hoje sofre as consequências da falta de crédito, dos preços baixos e dos juros elevados. Todas elas são respostas que sintetizam a realidade complementada pela necessidade do produtor tirar uma receita mensal da sua propriedade, obtida através de vários tipos de atividades, todas elas trabalhadas de forma integrada.

Na propriedade de 25 hectares, o potencial de receita líquida na integração das atividades leite e grão vai para 4.487 dólares ao mês. Na atividade bovinocultura e grãos ela passa para 1.147 dólares. Neste caso está sendo

considerado o adubo orgânico como também uma receita econômica obtida da atividade. Essa receita cai para 3.405 dólares, em caso do produtor continuar persistindo apenas no binômio trigo e soja, "desde que a produtividade seja de 40 sacos de soja por hectare e 30 sacos de trigo por hectare". Para produtividade ainda menor, também uma receita nas mesmas proporções.

Nas propriedades maiores - conferir as duas tabelas - a resposta em termos de receita líquida para a integração bovinos, suínos e grãos pula a frente, atingindo 51.860 dólares ao mês. E, bovinocultura e grãos, ela chega a 48.066 e em leite e grãos a 47.232 dólares. Para o trigo e a soja, a receita líquida mensal baixa para 25.332 dólares. Esses dados mostram que, além dessas atividades integradas oferecerem melhor estabilidade à propriedade - safras mensais e não mais anuais - elas proporcionam também melhores receitas.

RECEITA BRUTA E LÍQUIDA DE UMA PROPRIEDADE COM 25 HECTARES EM US\$

	LEITE E GRÃOS		SUÍNOS/GRÃOS		SOJA/TRIGO	
PROPRIEDADE (25 ha)	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA
1. SUINOCULTURA						
1.1. Carne	—	—	12.020	1.350	—	—
1.2. Adubo Orgânico	—	—	660	660	—	—
2. BOVINOCULTURA DE LEITE						
2.1. Leite	6.300	600	—	—	—	—
2.2. Carne (1)	1.094	1.094	—	—	—	—
3. Soja	2.035	475	1.831	428	8.140	1.900
4. Milho	1.450	507	—	—	—	—
5. Trigo	987	372	1.692	639	2.820	1.065
6. Outras culturas	—	—	3.344	836	1.760	440
7. Reflorestamento	3.570	1.260	7.140	2.520	—	—
8. Piscicultura	450	179	1.800	714	—	—
TOTAL	15.886	4.487	28.487	7.147	12.720	3.405

(1) Descarte (custo considerado na atividade leite).

OBS: Para cálculo da Receita Líquida (margem Bruta) foram considerados somente os Custos Variáveis.

RECEITA BRUTA E LÍQUIDA DE UMA PROPRIEDADE EM 200 HECTARES EM US\$

	BOVINOS/SUÍNOS/GRÃOS		BOVINOS/GRÃOS		SOJA/TRIGO		LEITE/GRÃOS	
PROPRIEDADE (200 ha)	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA	RECEITA BRUTA	RECEITA LÍQUIDA
1. BOVINOS								
1.1. Corte	31.025	17.523	31.025	17.523	—	—	—	—
1.2. Leite	—	—	—	—	—	—	22.050	2.117
1.2.1. Carne (1)	—	—	—	—	—	—	5.400	5.400
2. SUÍNOS								
2.1. Carne	56.070	6.294	—	—	—	—	—	—
2.2. Adubo Orgânico	3.102	3.102	—	—	—	—	—	—
3. Soja	28.897	6.745	28.897	6.745	73.260	17.100	25.234	5.890
4. Trigo	7.050	1.997	7.050	1.997	19.740	7.455	14.100	3.994
5. Milho	—	—	16.428	5.602	—	—	19.811	6.755
6. Outras culturas	7.040	1.760	7.040	1.760	10.560	2.640	8.800	2.200
7. Piscicultura	1.800	714	1.800	714	—	—	1.800	714
8. Reflorestamento	57.120	20.162	57.120	20.162	—	—	57.120	20.162
TOTAL	216.267	51.860	173.523	48.066	103.560	25.332	154.315	47.232

(1) Descarte (custo considerado na atividade leite).

OBS: Para cálculo da Receita Líquida (margem Bruta) foram considerados somente os Custos Variáveis.



ESPECIAL

Unijuí avalia programas de redimensionamento do sistema produtivo, os quais têm como estratégia a divisão de responsabilidades

Divisão de responsabilidades

Uma das primeiras entidades a se reunir com a Cotrijuí para discussão dos programas de recuperação do solo e de verticalização da produção diversificada foi a Universidade de Ijuí. O encontro aconteceu no dia 16 de agosto e teve a participação do reitor da Universidade, Telmo Frantz e um grande número de professores e pesquisadores da entidade. Após a explanação dos programas seguiu-se um amplo debate sinalizando o interesse conjunto das entidades para discutir e encaminhar alternativas para a situação da economia regional.

Feitas as primeiras avaliações, o reitor Telmo Frantz analisou o programa apresentado pela Cotrijuí à equipe da Unijuí, como "um programa abrangente e que visa reverter um processo que já vem se arrastando há algum tempo, ou seja, de uma agricultura que por muitos anos foi baseada na produção extensiva do trigo e da soja e que estava em busca de um pro-

jeto alternativo, capaz de mobilizar as forças dos agricultores em primeiro lugar, mas também de todas as forças sociais, políticas, culturais e econômicas da região".

Tecnicamente, o reitor da Unijuí vê ainda os dois programas como um projeto estruturado e concreto que vem substituir palavras de ordem do tipo "temos que sair da monocultura para a diversificação", propostas genéricas que não mostravam claramente a sua viabilidade técnica e econômica. Quanto ao primeiro programa, referente a recuperação e uso racional do solo, Frantz qualifica como um conjunto de medidas que visa assegurar as condições essenciais básicas para que se possa continuar fazendo agricultura na região e também para que se tenha as condições ecológicas mínimas necessárias para manter uma vida digna.

"É o tipo do projeto que se justifica por si mesmo", segue avaliando



Com a Unijuí

Amplo debate e esclarecimento de dúvidas



Telmo Frantz
Reitor da
Unijuí

o reitor, para quem ele se impõe até independentemente de cálculos econômicos, pois na projeção dos seus benefícios mostra que é possível recuperar os solos não só com a reposição daquilo que se investiu e se desperdiçou no passado sem ganhar nada, mas porque, ao contrário, mostra que ao fazer isso simultaneamente já se poderá ganhar dinheiro. Essa é a grande vantagem, aponta Frantz, referindo-se às várias modalidades do programa que permite a recuperação e a manutenção de todos os agentes produtivos através da associação de duas dimensões: a ecológica e a econômica.

QUALIFICAÇÃO - Em relação ao segundo programa apresentado pela Cotrijuí, entendido pelo reitor como a qualificação das diferentes alternativas técnicas e econômicas que se dispõe hoje em termos de conhecimentos e práticas em várias regiões do País, como é o caso de Santa Catarina, "também são propostas que podem ser implantadas sem grandes aportes de recursos externos". O importante nesta proposta é que cada propriedade seja analisada e se transforme num projeto agropecuário viável sob o ponto de vista econômico e ambiental, e de acordo com as prioridades que o agricultor julgar mais adequadas.

Além dessas características citadas anteriormente, Frantz vê ainda nos dois projetos uma grande articulação com o mercado, especialmente o brasileiro, onde falta o grão, a carne e o leite. Nesta relação é que a cooperativa terá um papel importante, prevê o reitor, apontando a entidade como uma mediadora desse mercado e também atuante direta através do processo de agroindustrialização. "É claro, diz ainda Frantz, que esta agroindustrialização somente funcionará se a base agrícola e pecuária estiver estruturada a partir de uma revisão de todo o processo produtivo".

A revisão comentada por Frantz significa em outras palavras o que os próprios projetos têm colocado: investimentos, e que em parte estão na própria região e dependem apenas do envolvimento de setores públicos com

uma nova mentalidade na concepção e distribuição dos recursos, e por outro lado, pela necessidade de se buscar recursos externos para viabilização do projeto.

ARROJO - Comparando a proposta da Cotrijuí à própria natureza do Programa Regional de Capacitação Científica e Tecnológica, o reitor disse que é em momentos de crise que precisamos ter coragem para solidificar nossos projetos. "Projetos estes que, ao contrário de anos atrás, não são impostos por agentes financeiros via créditos subsidiados, mas sim elaborados pelos próprios agentes produtivos".

Assim como outros agentes da sociedade, a universidade deve entender em profundidade os programas lançados pela Cotrijuí, avalia, por fim, o reitor, ao enumerar algumas formas de participação da instituição a que está vinculada. Como um órgão que atua em várias frentes do desenvolvimento regional, ela passa a integrar este projeto dentro de suas preocupações e atuações às quais mantém não só com a cooperativa mas com os produtores. "Porque, na verdade, este é um projeto dos produtores, e a cooperativa não poderá fazer nada se os agentes econômicos não realizarem o projeto nas suas propriedades", enfatiza.

Socializar estas idéias com o produtor, portanto, é papel da universidade, considera o reitor, apontando ainda a integração dos projetos no Conselho Regional de Desenvolvimento, com os seus professores e seus estudantes. Eles se inserem ainda em trabalhos já existentes mantidos em conjunto pelas duas entidades, como aqueles do campo da pesquisa e que, naturalmente, poderão ser ampliados, além daqueles da área de extensão da universidade e da sistematização de informações.



No CTC

Encontro com gerentes e funcionários do BB



Dorildo Berger
Gerente do
Banco
do Brasil, em Ijuí

Banco do Brasil

Mais um aliado

"Como a nossa luta é também em cima de uma agricultura mais estável, nós seremos um aliado da Cotrijuí nesse trabalho de conscientização no sentido de diversificar a produção e aumentar a produtividade". A afirmação é do gerente da agência do Banco do Brasil de Ijuí, Dorildo Berger, que junto com outros gerentes e funcionários do Banco estiveram discutindo com a direção da Cotrijuí e equipe técnica responsável pela elaboração dos programas de verticalização da produção diversificada, através do uso racional do solo, no dia 17 de agosto, no Centro de Treinamento da Cotrijuí.

Como outros gerentes da entidade bancária nos municípios da área de atuação da Cooperativa, Dorildo analisa o difícil momento econômico atual, em especial ao do setor agrícola, dizendo que nenhum agente do sistema produtivo pode ficar de braços cruzados. "Temos que trabalhar com os agricultores para que as propriedades sejam trans-

formadas em atividades lucrativas", salientou o gerente, afirmando ainda que para se alcançar esse objetivo é preciso que se criem alternativas no setor produtivo que sirvam para melhorar o nível de vida não só dos agricultores mas de toda a população regional.

Inteirado das propostas de redimensionamento do sistema produtivo da região lançado pela Cotrijuí, Dorildo, assim como os demais gerentes do Banco do Brasil, disse que esse trabalho deverá ser divulgado junto às agências do banco. Além disso, nos próximos dias estará sendo formalizado um convite para a área técnica da instituição, envolvendo agrônomos, veterinários e a própria superintendência do Banco no Rio Grande do Sul, para a realização de um encontro entre as duas entidades. "Temos certeza de que nossos colegas serão mais um aliado nesse processo de mudança que se pretende implantar na região", finalizou Dorildo Berger.



Prefeituras, sindicatos e assistência técnica oficial do Estado também são convocados a participar dos programas

Apoio público é fundamental

Com satisfação e interesse. Assim os prefeitos e representantes dos Legislativos municipais receberam a proposta da Cotrijuí para a realização de uma virada econômica em seus municípios. O encontro com os prefeitos e vereadores aconteceu no dia 19 de agosto, em Ijuí, quando através de uma longa discussão foram avaliados alguns problemas comuns enfrentados pelas administrações.

A necessidade de alternativas econômicas para a região ficou comprovada também pela solicitação feita por algumas prefeituras para que a direção da Cotrijuí e a equipe técnica responsável pela elaboração dos programas se reúnam em suas comunidades. Da mesma forma foi bem recebido por prefeitos e vereadores a proposta de um melhor direcionamento dos recursos arrecadados pelos municípios para aplicação na agropecuária.

PRIORIZAÇÃO - "É uma oportunidade de se reunir todos os segmentos que estão envolvidos na produção", afirma o prefeito de Augusto Pestana, Darci Sallet, ao avaliar a proposta de redimensionamento do sistema produtivo regional, onde também as prefeituras poderão dar um novo encaminhamento ao setor primário. Integrada a vários projetos de assistência técnica que envolvem, desde a aquisição de maquinário, construção de açudes,



Darci Sallet



Jânio Scherer



Izilindo Stival



Valdir Dalcin

Prefeitos e vereadores Receptividade aos programas

conservação do solo e organização de Apsats, a prefeitura pestanense analisa o projeto com grande expectativa, prevendo que, por meio dos programas, o tão esperado redimensionamento da diversificação se realize.

A contribuição de todas as instituições é fundamental, diz ainda Sallet, que já vem discutindo há algum tempo a definição de percentual de arrecadação para investimentos no setor agropecuário e que se prepara para instalar no próximo ano, um fundo de apoio, sustentado a partir da destinação de no mínimo sete por cento do orçamento municipal.

Também o prefeito de Chiapetta, Jânio Scherer, recebeu com entusiasmo os programas de reestruturação do sistema produtivo, já que, segundo ele, programas dessa ordem

são a única saída para recuperar as perdas da economia regional. "Vamos buscar um aval da comunidade de Chiapetta para todos os projetos", disse Jânio enfatizando que os próprios programas municipais de incentivo à recuperação do solo devem ser ampliados em 1992. "O orçamento municipal deve contemplar a Secretaria da Agricultura com no mínimo 12 por cento dos recursos do município", previu o prefeito.

Outro prefeito a se referir a destinação de recursos para o setor primário foi Izilindo Stival, de Santo Augusto, que qualificou o programa da Cotrijuí como "uma proposta que vem ao encontro daquilo que entendemos ser primordial nesse momento, ou seja, a recuperação do solo dos nossos produtores e a reorganização

da atividade agrícola e pecuária". A partir dessa avaliação, o prefeito fala da pretensão de se alocar recursos para o setor agropecuário já no próximo ano, como forma de melhor integrar os programas lançados pela cooperativa. "Dada a importância da proposta, vamos naturalmente alocar recursos substanciais que venham suprir as necessidades do município".

ARRANCADA - Já o vice-prefeito de Tenente Portela, Valdir Dalcin, disse que o programa da Cotrijuí é na verdade "uma aspiração da comunidade regional. É a grande proposta que estava faltando", salientou o vice-prefeito lembrando que para sua efetivação será necessária a organização dos municípios e de todos os seus segmentos sociais e econômicos. Por fim falou sobre os programas lançados pela Cotrijuí, o vereador Constantino Góti, do PDS de Ijuí, para quem esta iniciativa "é de muita valia para a região e certamente vai contar com a adesão de todos".

Em boa hora

"São projetos que se adequam ao momento, porque a nossa agricultura é carente de tecnologia, carente de informações e mais do que tudo, carente de propostas". A avaliação é do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, Gerson Ferrari, que junto com outros sindicalistas da região esteve reunido com a direção e a equipe agrotécnica da Cotrijuí no dia 20 de agosto. Segundo Ferrari, é possível destacar ainda o incentivo à agroindustrialização, como uma forma de capacitar o agricultor a produzir determinado produto que terá um valor de mercado assegurado.

Na área de solos, o sindicalista também vê com interesse o programa de uso racional da terra e a convocação que se faz em especial às prefeituras, "que em muitos casos não contam com nenhum programa definido". A iniciativa é positiva, podendo se comprovar por exemplos já existentes, onde algumas prefeituras do Estado já aplicam de 10 a 14 por cento do orçamento no setor primário, diz Ferrari, avaliando os dois programas como uma boa oportunidade para os agricultores defenderem sua proposta perante as prefeituras, participando inclusive da elaboração do orçamento, da discussão e da destinação de recursos.

Como Ferrari, também os outros sindicalistas presentes à reunião promovida pela Cotrijuí avaliaram os programas de recuperação da agricultura diante do momento em que eles são lançados. "Neste momento econômico está sendo muito válido e penso que todas as entidades devem se integrar", afirma o presidente do

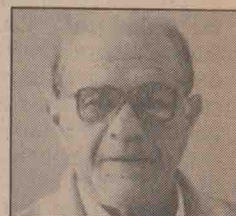
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, Alberto Bauer. De acordo com o sindicalista "não é hora de uma entidade ficar puxando para um lado e outra para outro", diz, pois "o nosso agricultor é que vai sofrer as consequências. Tecnicamente, a proposta também é boa, pois abre caminho para todos os tipos de propriedade, sejam pequenas, médias ou grandes. Por sua importância, também deve ser discutida com o setor comercial, igualmente atingido pela frustração econômica", afirma o sindicalista.

Júlio Gabbi, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí vê os programas lançados pela Cotrijuí, como um projeto audacioso inserido a um setor como o da agricultura que "hoje merece uma perspectiva melhor". Preocupado com a descapitalização e a marginalização da pequena propriedade, observa ainda com interesse a questão do associativismo contemplado pelos programas, considerado por ele não a solução dos problemas, mas uma saída para o momento. "Acredito que se a gente tiver um investimento melhor e um acompanhamento técnico mais intenso junto a propriedade, talvez ela se viabilize, diz. "Vamos fazer força para que isso dê certo e mantenha nosso pessoal na ativa".

EMPENHO - "Os programas lançados pela Cotrijuí são de suma importância para o setor agropecuário. Devem merecer o apoio não só dos agricultores mas da sociedade em geral", confirma o presidente do Sindicato Rural de Ijuí, Reinoldo Kommers. Ele também avalia as propostas enumerando pontos como o do reflorestamento e do aproveitamento integral



Sindicatos Saída oportuna



Reinoldo Kommers

da adubação orgânica, considerados por ele, como fundamentais ao desenvolvimento do setor, através da conservação do solo e do aumento da produtividade.

"É um grande alerta para quem vai se programar para o futuro", afirma Kommers, salientando ainda que servem como orientação para quem



Gerson Ferrari



Alberto Bauer



Júlio Gabbi

quiser se manter na agricultura". Acreditado por isso, que será bem aceito por muitos produtores, e promete empenho na divulgação de todos os projetos junto aos associados da sua entidade.

EMATER

O primeiro debate

O primeiro debate realizado com entidades ligadas a agricultura regional foi feito junto a equipe da Emater e com as secretarias de agricultura dos municípios. A reunião aconteceu no dia 30 de julho no Centro de Treinamento da Cotrijuí e teve um saldo bastante positivo pela reafirmação do engajamento destas entidades. Além da discussão sobre o Programa de uso racional do solo e da verticalização da produção diversificada, também foram apresentados os programas que a cooperativa tem trabalhado, como o de citricultura e de organização das Apsats, os quais são encaminhados juntamente com



Emater e Secretarias de Agricultura Primeiras entidades a participarem da discussão

os órgãos de assistência técnica. Participaram do debate, a equipe agrotécnica da Cotrijuí, o coordenador regional do setor de suínos da Emater, Paulo Kappel, o coordenador regional da Emater em Santa Rosa, Livio Traessel e o coordenador da microrregião, com sede em Ijuí, Peri Korb.



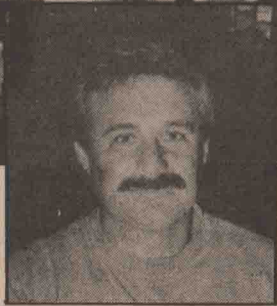
Virada na economia regional depende de recursos e vontade política, mas fundamentalmente de uma nova postura do agricultor



Uma nova postura na propriedade



Agricultura viável
O produtor busca respostas



Cláudio de Jesus
O papel de cada um

Por que organizar melhor a propriedade, dimensionando todas as atividades a partir do uso racional do solo e dos recursos naturais e de capital existentes? Como fazer com que a agricultura continue a ser uma atividade rentável? Esses questionamentos, como tantos outros que envolvem organização, rentabilidade, auto-sustentação da propriedade e estratégias de sobrevivência por meio do associativismo foram discutidos em dezenas de reuniões mantidas com a direção, equipe agrotécnica e os associados da Cotrijui, para a apresentação dos programas de uso racional do solo e da verticalização da produção diversificada.

A receptividade aos programas atendeu a uma certa expectativa, já que, atualmente, é difícil encontrar algum agricultor satisfeito com as receitas de sua propriedade. Produtor de leite ou suinocultor, mas principalmente quem dedica boa parte do seu tempo e da sua terra à monocultura, está escaldado por frustrações, tanto climáticas, ou pela ausência de recursos para plantio ou pela falta de mercado mais atrativo. Falta política agrícola para assegurar os riscos e as necessidades do setor primário, é verdade, mas é certo também, que falta a tal da eficiência a uma produção em que não se registram médias de produtividade com poder competitivo a outras regiões.

Mas como reverter esse quadro de estagnação produtiva promovido pelo excessivo monocultivo praticado na região? Entre aguardar medidas salvadoras imediatas e buscar alternativas próprias a partir de tecnologias disponíveis, a Cotrijui opta pela segunda opção e por isso pretende mexer com a causa maior dos problemas de produtividade que são qualidade dos solos e o planejamento da produção agropecuária diversificada. Os dois programas englobam tudo o que se discutiu até hoje em recuperação do solo e diversificação, e para sua

aplicação prevê-se também um grande volume de recursos a serem aplicados durante uma década. Acima de tudo, no entanto, exigem responsabilidade do produtor em assumir uma nova postura na sua propriedade.

ORGANIZAÇÃO - Para produtores como Cláudio Rorato de Jesus, do distrito de Salto, em Ijuí, os dois programas lançados pela cooperativa são entendidos como um apoio a organização dos recursos tecnológicos que o produtor dispõe. "Não podemos mais continuar produzindo a níveis de mil quilos de suínos por ano, quando se sabe que existe tecnologia para avançar nestas médias", salienta o produtor questionando a falta de alternativas empregadas pela inexistência de clareza para avaliar a crise da agropecuária nacional.

"É claro que o crédito subsidiado para a agricultura é importante", diz Cláudio, buscando exemplos nas políticas de países ricos, mas segundo ele, não se pode esperar somente por isso. "O produtor tem que capitalizar alguma coisa dentro de sua propriedade, administrando melhor suas atividades e largando de mão o primitivismo". Esta nova administração também deve atingir os municípios, através de uma política de distribuição de recursos mais definida sobre a agropecuária.

Quanto a Cooperativa, Cláudio pensa que ela está fazendo o seu papel ao se preocupar em viabilizar uma produção que já teve bons momentos de lucratividade. "E alcançar maiores rentabilidades significa mexer com o poder aquisitivo de uma região", reflete Cláudio. O produtor, contudo, terá que contribuir, diz ele, refletindo até mesmo sobre o surgimento da cooperativa, numa época de crise na comercialização. "É preciso apostar no associativismo em geral e largar de mão uma postura paternalista oriunda do regime militar, pela qual ele não conseguia fazer nada sozinho".

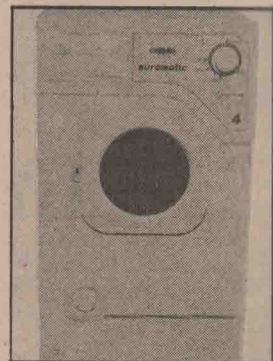
compre, você pode ganhar!!



1º Automóvel Volkswagen Gol CL



2º Moto Yamaha RD 135



3º Máquina Lavar Roupas Enxuta 4 Kg



4º TV colorida 16" Philips



5º Congelador Vertical Consul 180 lts



6º Fogão a gás 6 bocas Geral

Comprando nas LOJAS COTRIJUI você ganha na qualidade dos produtos, nos preços baixos, na variedade, com o melhor atendimento, e pode ganhar muito mais! Acredite na sua sorte, cada Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) em tickets ou notas fiscais dos supermercados, ou Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) em notas de insumos, datadas entre 01/09 e 26/10, valem um cupom com o qual você concorre em sorteio pela Loteria Federal do dia 26/10/91 a um FESTIVAL DE PRÊMIOS!

A entrega dos prêmios será no dia 30/10/91, no HIPERMERCADO DA COTRIJUI, em Ijuí.

E MAIS:

- 7º Aparelho som Panasonic 3x1
- 8º Forno Elétrico Tropical
- 9º Refrigerador Prosdócimo stock total T27
- 10º Vídeo game CCE

* Ao adquirir seu cupom, leia as instruções no verso.

SORTEIO:
26 DE OUTUBRO

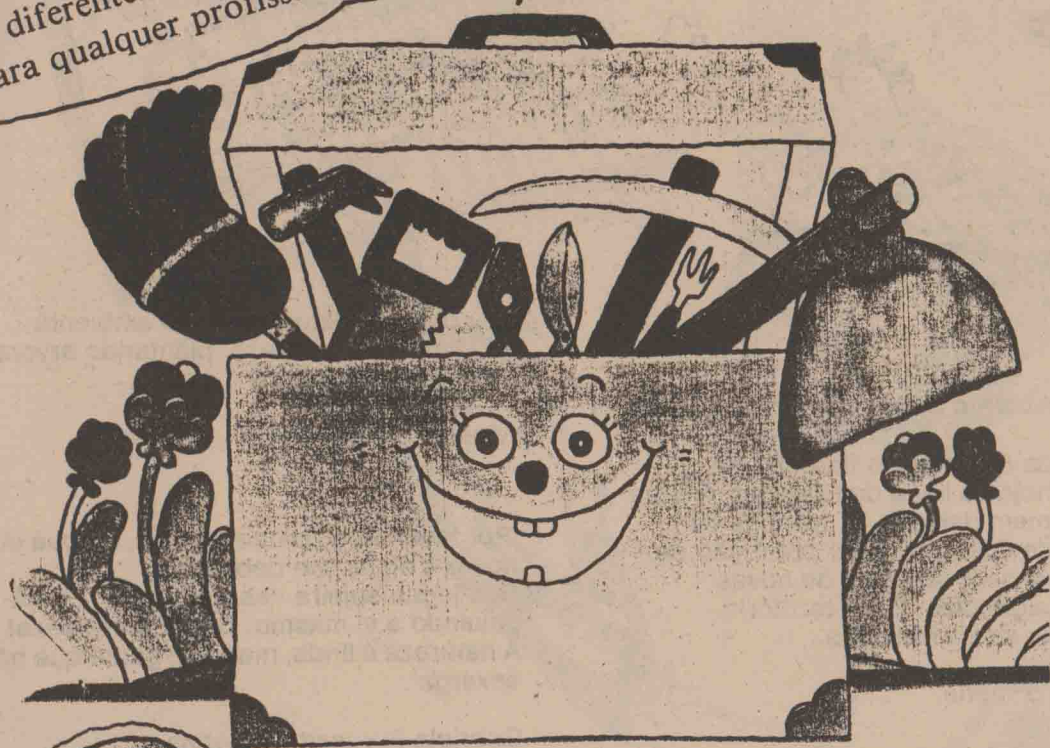


Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração: Irene Lorenzoni
Montagem: Z Comunicação

Há ferramentas
de diferentes tipos e tamanhos
para qualquer profissão e uso.



As ferramentas

Lúcia Pimentel Góes
Ilustração: Noemy Kuroda

As pessoas precisam de nós.
Somos suas ajudantes.
Somos as ferramentas.

Para cavar um buraco, use a enxada.
Para cavar um buracão, o homem
inventou o enxadão.
Para cortar um barbante, nada melhor
do que a tesoura.
O serrote é um bom ajudante para serrar
madeira, tora ou tronco.

O alicate serve para cortar arame ou
enrolar fio.

Você faz um furo no cimento ou no
asfalto se tiver uma britadeira.

Para trocar o pneu, você precisa de
um macaco. Macaco sem rabo e que não
come banana.

O que seria dos pintores se não
existissem os pincéis?

A vassoura é usada para varrer.

É verdade que as bruxas usam vassouras
para voar?!?!?

Para pregar pregos, só mesmo usando
o martelo!

Colher, garfo e faca também são
ferramentas usadas nas refeições.

Há ferramentas de diferentes tipos e
tamanhos para qualquer profissão e uso.

*** Meio Ambiente:**

O apelo das crianças!

*** ACRÓSTICO**

*** Criança escreve**

Meio Ambiente: O apelo das crianças!

Recebemos esta carta da professora Ana A. Gonçalves e aqui estão trechos dos depoimentos das crianças Santo-augustenses, sobre o tema: Meio Ambiente

Vocês relatam o que é preciso fazer antes que piores coisas aconteçam. Nós nos sensibilizamos com o apelo destas crianças que tem de 8 a 9 anos de idade.

Parabéns Ana, por trazer à discussão, em sala de aula, este importante assunto.

Parabéns à Direção e professores da Escola Cenecista de 1º e 2º Graus Padre Anchieta, pelo trabalho que vêm desenvolvendo em Santo Augusto.



O Meio Ambiente

"Os homens não podem estragar as coisas belas do meio ambiente, como árvores. Não podem cortar as árvores. Vamos cuidar das coisas da natureza".

Solange Oliveira Moura - 11 anos

"Para melhorar o meio ambiente devemos plantar árvores, não jogar sujeiras, venenos nos rios, evitar queimadas, não matar os animais.

Para que possamos ter uma vida saudável é preciso que todas as pessoas ajudem a preservar o meio ambiente".

Deisi Francieli Sippel
9 anos - 3ª série

"Para nós preservarmos o meio ambiente, nós precisamos não deixar as matas, poluir o nosso ar, não derrubar as árvores frutíferas e não pôr lixo nas lagoas e nos mares".

Luana Ribeiro Vivian - 9 anos

"No dia 5 de Junho comemora-se o dia do meio ambiente. Esse dia foi criado para a conscientização de todas as pessoas para que não destruam a natureza. Mesmo sabendo que muitas pessoas não cuidam do meio ambiente, acho importante que se faça uma campanha e que cada pessoa plante, no mínimo, duas árvores por ano. Se isso ocorrer teremos um meio ambiente mais verde".

Paulo Roberto Silva - 3ª série

"O meio ambiente é lugar onde a gente mora. O meio ambiente é a natureza. Devemos cuidar dela.

Giovani Jappe - 3ª série - 9 anos

O Meio Ambiente e a Devastação Florestal

"O mapa da devastação florestal se encontra hoje na linha do Equador. A cada ano, o homem derruba 11 milhões de hectares de florestas, para produção de madeira ou para abertura de novas fronteiras agrícolas. É um território equivalente ao da Austrália.

Jacques - 3ª série

"Estão pedindo para não desmatarem florestas e não jogarem nos rios as latas de veneno para não matar os animais. Não matar seres vivos, por exemplo, o pássaro, que não faz mal a ninguém.

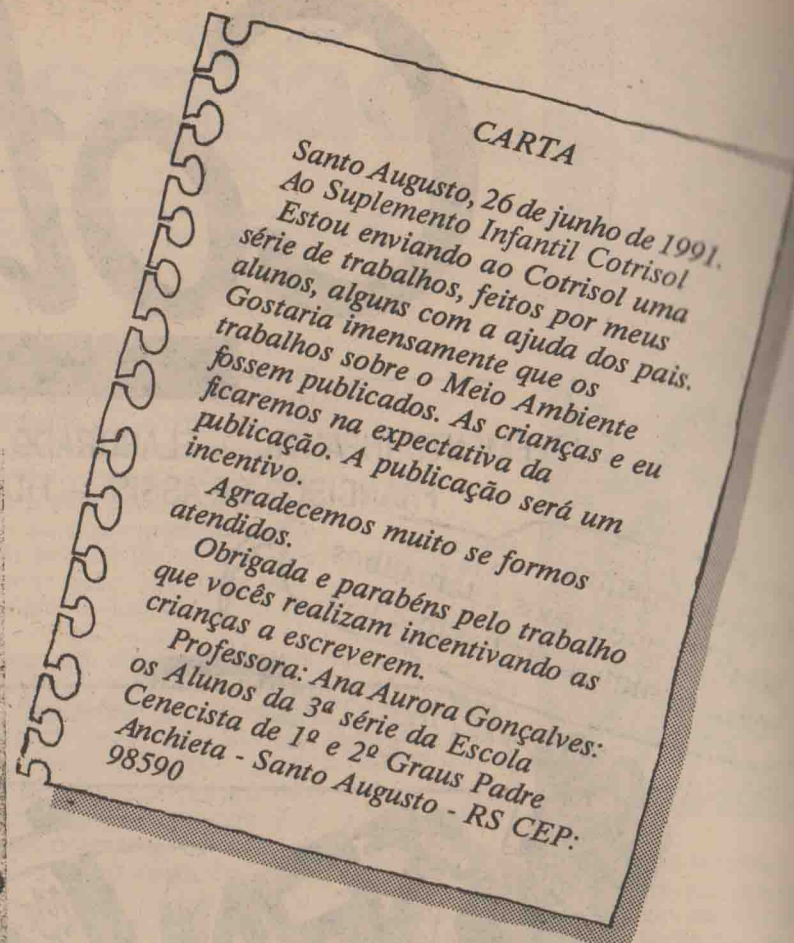
Sidinei Rotilli - 3ª série

"Temos que proteger o meio ambiente. Não podemos destruir nossas florestas, poluir nossos rios, não envenenar as águas e até devemos plantar árvores, não matar os animais selvagens para termos um meio ambiente bom para vivermos. Por fim, no presente devemos proteger o meio ambiente, senão nada restará no futuro para as outras gerações. O que restará no futuro, se no presente, destruímos o passado".

Fernanda Chaves - 3ª série
9 anos

"O meio ambiente é uma coisa muito bonita, que a gente tem que cuidar muito, porque se a gente não cuidar não vai ter mais vida para viver ... a vida é linda! Nós não podemos matar os animais. Vamos cuidar um pouco mais do meio ambiente."

Ana Paula Leidens
3ª série



"Eu posso melhorar o meio ambiente cuidando da natureza, plantando árvores, não poluindo os rios".

Vlândia Sperotto Klein - 3ª série

"Por favor, não poluam os rios, a água dos rios e a água que bebemos. Não jogue sujeira nas ruas, rios ... Está poluindo a si mesmo. Cuide a natureza! A natureza é linda, mas tem gente que não enxerga".

Gabriela Perusatto - 8 anos

"Eu posso melhorar o meio ambiente plantando as árvores, conservando as florestas, não matando aves nem animais. Portanto, todos nós devemos nos conscientizar da importância da melhoria e conservação do meio ambiente, com nossa participação".

Everton Müller - 3ª série

"Posso melhorar o meio ambiente não matando os animais, não poluindo os rios, não destruindo a natureza que Deus fez e é tão linda. Estamos muito preocupados com a poluição, porque os homens estão destruindo tudo. Poluem os rios matando os peixes, queimando florestas".

Felipe Luís Gherardt - 3ª série - 9 anos

"O homem é um sobrevivente, que conseguiu transformar o meio ambiente. Usou sua inteligência para causar danos a si mesmo, destruindo e poluindo a natureza. Agora tenta preservar o que resta ou seja, procura conscientizar-se da importância da preservação da natureza para sua sobrevivência".

Magnus da Rosa - 3ª série - 9 anos

Criança escreve

João e Luís

Luís estava andando na rua, veio João e disse:

- Ontem eu fui pescar, lá no lago do Seu Joaquim. Peguei um lambari que pesou quatro quilos.

E seu Luís disse:

- Pensando bem, naquele lago tem muita coisa esquisita acontecendo. Na semana passada eu fui pescar, botei o anzol na água e logo começou a puxar. Puxei para cima e no anzol tinha um lampião aceso.

João disse:

- Está brincando, um lampião aceso?

- Luís disse:

- Então vamos fazer o seguinte, você tira uns quilos do teu lambari e eu apago o meu lampião.

*Angela Beatriz Wever - 10 anos - 4ª série

E.M. de 1º Grau Inc. Silveira Martins

Augusto Pestana

Era uma vez uma flor muito solitária

Era uma vez uma flor muito solitária, que cresceu numa montanha.

Uma vez caiu muita chuva. Tudo ficou embaixo d'água, mas a água não chegou até a solitária, mesmo assim ela tinha medo.

No outro dia tinha bastante sol e a flor ficou muito feliz, mas ela sentia-se solitária.

Uma vez uma menina queria uma flor igual aquela da montanha, mas não achava em loja nenhuma. A menina foi até lá em cima da montanha. Pegou um pau e cavou a flor. Pegou e botou numa bolsinha e foi para casa. A menina ficou tão faceira com seus novos amiguinhos e tornou-se uma flor muito bonita. As pessoas que passavam, olhavam encantadas por ela.

*André Roberto Heisler

11 anos

Augusto Pestana

A agricultura

A agricultura é muito importante para as pessoas e os animais.

Nós agricultores, moramos na zona rural.

Antigamente o agricultor trabalhava manualmente, isto quer dizer, com suas próprias mãos, fazia tudo; derrubava matos com machado e foices, arava com bois.

O agricultor, além de plantar e colher, ele também cria animais para vender. Aqui na nossa localidade as pessoas se dedicam mais às plantas do que a criação de gado. Hoje está difícil a situação no interior, pois o tempo seco prejudicou muito as lavouras, principalmente de milho e soja.

A nossa região foi muito prejudicada pela estiagem, mas mesmo assim continuaremos lutando como podemos. Graças ao leite e outros animais que temos, podemos nos defender.

Se o agricultor fosse um pouco mais valorizado, seria diferente.

*Alisson E. Maelher 3ª série

E.M. de 1º Grau Inc. Rocha Pombo

Marmeleiro - Augusto Pestana

Operador de colheitadeira

Um dia quando eu vim da aula, o operador de colheitadeira estava colhendo no nosso vizinho Valdemar. O operador da colheitadeira chama-se Paulo.

Eu fui lá e nós andamos na colheitadeira. Depois fomos até lá na Cooperativa, descarregar a soja.

*Fernando V. Schlitter

4ª série - 9 anos

E.M. de 1º Grau Inc. Silveira Martins

Arroio Bonito - Augusto Pestana

Eu sou uma caneta

Eu estava em uma livraria e o André me comprou e me levou para sua casa.

André gostou muito de mim, porque eu sou azul e amarela, eu tenho nove cores: preto, marrom, vinho, laranja, azul escuro, vermelho, azul claro, verde, rosa e amarelo.

André, cada dia me leva para a escola e escreve muito comigo e depois de muito tempo, eu gastei todas as cores. André me atirou lá no potreiro, e um dia veio um boi pastar e pisou em cima de mim e eu fiquei em pedaços.

Certo dia André quis me pegar lá no potreiro e me viu todo em pedaços. André voltou para sua casa muito triste.

*Leandro Joel Matte - 4ª série

E.M. de 1º Grau Inc. Silveira Martins

Arroio Bonito - Augusto Pestana

Minha professora é: Noeli

Minha professora é bonita, alta e tem cabelos longos, tem os olhos azuis, ela é boazinha, calma e ensina bem seus alunos.

Ela mora a uma pequena distância da escola, com seus pais e tem um irmão menor que acompanha a professora, quase todos os dias até a escola. Durante o recreio ela brinca com os alunos e ensina novas brincadeiras boas e saudáveis.

No fim da aula ela se despede dos seus alunos com um beijinho, abraço e tchau.

*Andreia Denise Bender

E.M. de 1º Grau Inc. Silveira Martins

Arroio Bonito - Augusto Pestana

9 anos

Eu sou um peixe

Vivo embaixo da água, tenho o corpo coberto de escamas, respiro por brânquias, sou o peixe.

No açude onde eu vivo, eu tenho muitos amigos peixes, inclusive um amigo menino. Ele sempre trazia comida.

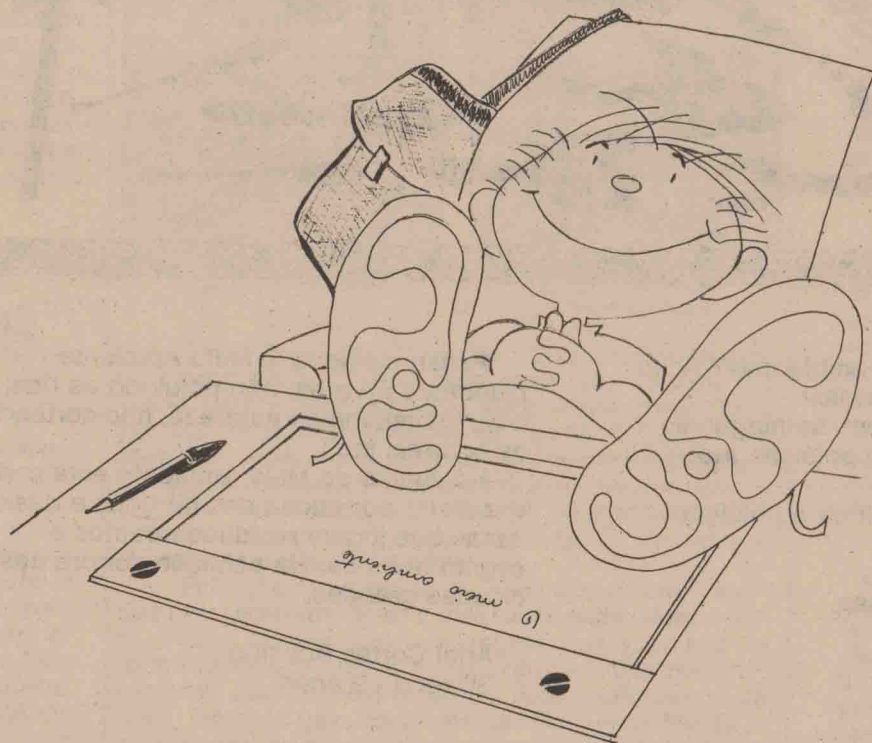
Este açude fica numa fazenda, longe da cidade. A fazenda chama-se o "Sossego".

Um dia o dono abriu o açude e matou todos os peixes. Menos eu. Ele me colocou num aquário.

*Viviane G. Alf - 4ª série

E.M. de 1º Grau Inc. Silveira Martins

Arroio Bonito - Augusto Pestana



As ferramentas

1

Escrevemos os nomes de todas as ferramentas que estão na folha. Eles estão misturados com letras que não querem dizer nada. Tente encontrá-los.

2

Nesta folha foram desenhadas várias ferramentas repetidas. Encontre quais aparecem exatamente três vezes.

EBZMIRLOTVASCNUJ EBZMIRLOTVASCNUJ
MÁQUINA DE COSTURA ZMIRLOTVASCNUJ
RLOTVASCNUJ EBZMIOTVASCNUJ EBZMIRL
RLOTVASCNUJ EBZMIOTVASCNUJ EBZMIRL
ENXADA ZMIRLOTVASEBZMIR PLAINA CNUJ
CNUJ EBZMIRLOTVASEBZMIRLOTVASCNUJ
CHAVE DE FENDA UJ LOTVASCNUJ EBZMIR
EBZMIRLOTVASCNUJ LOTVASCNUJ EBZMIR
TVASCNUJ EBZMIRLOTVASCNUJ EBZMIRLO
TESOURA TVASCNUJ EBZMIRLOTVASCNUJ
EBZMIRLOTVASCNUJ EBZMIRLOTVASCNUJ

MIRLOTVASCNUJ EBZ
MIRLOTVASCNUJ EBZ
OTVA SERROTE MIRL
OTVASCNUJ EBZMIRL
EBZMIRLOTVASCNUJ
EBZMIRLOTVASCNUJ
EBZMIRLOTVASCNUJ

EBZMIRLOTVRLOTVASCNUJ EBZMI
EBZMIRLOTVRLOTVASCANETAZMI
MIRLOTVEBZEBZMIRLOTVASCNUJ
MIRLOTVEBZEBZMIRLOTVASCNUJ
EBZMIRLOTVVASCNUJ EBZMIRLOT
PINCELLOTVASCNUJ EBZMIRLOT
MIRLOTVEBZEBZMIRLOTVASCNUJ
MIRLOTVEBZEBZMIRLOTVASCNUJ
EBZMIRLOTVSCHAVE INGLESA VA
EBZMIRLOTVSCNUJ EBZMIRLOTVA
LOTVEBZMIRRLOTVASCNUJ EBZMI
LOTVEBZMI SOLDADOR NUJ EBZMI
EBZMIRLOTVEBZMIRLOTVASCNUJ
FACA RLOTVEBZMIRLOTVASCNUJ
RLOTVEBZMIVASCNUJ EBZMIRL PÁ
RLOTVEBZMIVASCNUJ EBZMIRLOT
EBZMIRLOTVALICATE OTVASCNUJ
EBZMIRLOTVEBZMIRLOTVASCNUJ



"Por que existem as leis ambientais? Acho que é para serem cumpridas! Mas porque não cumprem, se ninguém derrubasse as árvores a poluição iria diminuir. Você pode ajudar a diminuir a poluição. Plante uma árvore.

João Henrique Domingues
Fernando R. Teixeira
Marco Rio
Rafael Rotilli Rohder

"Os cuidados que devemos ter com o nosso meio ambiente é não deixar os homens matarem as florestas, não poluir os rios e mares, não poluir o ar através da fumaça dos carros e fábricas e através do uso de inseticidas e aerossóis prejudiciais à camada de ozônio.

Minha contribuição para melhorar o meio ambiente é cuidando do jardim da minha casa, preservando o bosque onde eu brinco, cuidando e plantando árvores em meu bairro".

Nome: Felipe Maroro - 3ª série

"Posso melhorar o Meio Ambiente plantando árvores, não poluindo os rios, o ar, respeitando a natureza, não cortando as árvores, etc.

A poluição do Meio Ambiente está cada vez maior por causa das fábricas e das casas que jogam resíduos nos rios e esgoto nos rios. Há poluição sonora nas cidades grandes.

Ariel Cortes Boesing
3ª série - 9 anos

"Meio ambiente é tudo que se relaciona com o meio em que vivemos. O ar que respiramos, os rios e mares, as flores e matas, os animais, tudo isso faz parte do nosso meio ambiente.

Devemos cuidar do nosso meio ambiente, cuidando para não haver matança de nossos animais, não haver queima de nossas florestas e devemos cuidar também para não poluir nossos rios e mares e também o ar que respiramos.

Se coisas ruins acontecerem ao nosso ambiente, se ele ficar doente, coisas ruins também acontecerão conosco e ficaremos doentes.

Lauren Leonhardt
3ª série - 9 anos
Santo Augusto

Acróstico

Na vertical

Lá na minha casa há muita laranja.
Abacate não tem.
Verduras, mamãe planta e as galinhas comem tudo.
Ovos, as galinhas estão de greve.
Uva, nós fizemos muito vinho que dura o ano todo.
Rato, é o que mais tem.
principalmente no milho.
Água, tem bastante, para nós não é problema.

*Nome: Fábio Vinicius Goergen
3ª série
Ponte Branca - Augusto Pestana